Longas MARCHAS
revista comunista
http://www.longues-marches.fr/Revue

2
Junho de 2024

Secretaria editorial: François Nicolas e Alain Rallet **Entre em contato: info [at] longues-marches [dot] fr**

ÍNDICE

EDITORIAL 1

[REVOLUÇÃO COMUNISTA CHINESA]. 5
GROUPE *LONGAS MARCHAS* : *QUESTIONAMENTO (2)* 5
ALESSANDRO RUSSO: *ALGUMAS RESPOSTAS* 15

[SITUAÇÃO INTERNACIONAL] 23
SOL V. STEINER: *DECOLONIZANDO CONSCIÊNCIAS - SIONISMO EM QUESTÃO (2)* 23

[CARTAS DO MUNDO]. 29
DIOGO FAIA FAGUNDES: *AS DUAS SINGULARIDADES DO BRASIL OU: COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?* 29

[QUESTÃO ECOLÓGICA]. 47
FRANCIS ANCLOIS: *DOUTRINA PROVISÓRIA DA ACUPUNTURA MILITANTE* .47

[ENFRENTANDO O NIILISMO]. 65
REINE COHEN: *O PONTO DE ENUNCIAÇÃO NA PSIQUIATRIA* 65
JOSEPH AKASSANNE: *UM MERGULHO SUBJETIVO NO MUNDO DE ROTHKO* 73
FRANÇOIS NICOLAS: *KIERKEGAARD E O NIILISMO* 77

[ARTES] 87
ÉRIC BRUNIER: *PERSPECTIVAS SOBRE CORES (2)* 87
HUBERT GAND: *A VIRGEM E O CHANCELER ROLLIN OU UMA PINTURA DO SÉCULO XV VISTA PELOS OLHOS DO SÉCULO XXI* 93
GUILLAUME NICOLAS: *ARQUITETURA VERNACULAR (2) - O CASO DE CLOS-MASURES* 97

[COISAS VISTAS] 107
SERGE PEKER: *FAZENDO UM BALANÇO* 107

[ESTUDOS] 111
ALAIN RALLET: *ANATOMIA DA QUESTÃO CAMPONESA HOJE* 111

[CARTAS DOS LEITORES]. 119
ÉRIC BRUNIER 119

[ANÚNCIOS] 121
PUBLICAÇÃO: *TOPOS* DE ALAIN BADIOU 121
ENCONTRO : LIBRAIRIE *TROPIQUES* (PARIS), 4 DE JUNHO, ÀS 19H30 ..123

Genéricos

Longues marches long walks largas marchas longas marchas revisão Nos trópicos 4 de junho 19h30 natureza da revista intelectualidade da pesquisa intervenção buscando ver enunciação comunista enunciação em psiquiatria vitórias/ilusões sucesso/esperança Revolução Cultural obstáculos intransponíveis Eu estou sozinho Mao Deposição de Hai Rui camponeses nós não somos nada, deixe-nos ser tudo do que somos capazes Comunas versus o Grande Salto Adiante por uma política de contingência narrativa sionista Quem é você? de onde você vem? para onde está indo? salvação mobilização estudantil na américa e na europa cunha cravada no consenso ocidental novo conceito de militância acupuntura ativação de pontos ressonantes Inimigo, quem é você? as três faces do niilismo Kierkegaard esperança não é nada Doença para a morte igualdade Justiça mundo e mundos Brasil história pesada situação sombria duo infernal neofascismo vs reação à reação trilhas do futuro no presente? concerto pictórico de cores um astronauta em Rothko palavra viva da Virgem para o chanceler Rollin estuda ainda Terra e terra questão camponesa mas para onde foram os camponeses? A propriedade da terra e as relações de produção atuais Janela sobre a cor Coisas vistas Agressão o que significa haro on centros especializados palavra de um psiquiatra nova ecologia do velho clos-masures Capitalocène a utilidade dos opostos Viagem interior em uma pintura Tela e estrelas

EDITORIAL

-1-

Antes de mais nada, muito obrigado pelos comentários e incentivos recebidos sobre a primeira edição da revista. Não hesite em nos enviar seus comentários sobre esta nova edição. Estamos planejando criar uma seção "Leitores", e você encontrará um exemplo inicial nesta edição.

-2-

Esta segunda edição marca uma periodicidade quadrimestral da revista. Com o selo da *primavera* (junho), ela será seguida pelo *outono* (outubro) e pelo *inverno* (fevereiro).

-3-

Em resposta a certas expectativas, devemos deixar claro que a *Longues marches não é uma* revista que define uma linha política ou faz propostas políticas. Não é esse o nosso objetivo. É uma revista de pesquisa que pretende reabrir um espaço de possibilidades e renovar uma imaginação comunista em uma terrível situação tóxica que atinge as profundezas do nosso ser mais íntimo.

-4-

Pois essa é realmente uma situação avassaladora, cada dia parecendo existir apenas para acrescentar sua contribuição fatal. Gaza incorpora tudo isso: uma situação indescritível diante da qual a dolorosa indignidade da impotência tem se curvado até agora.

-5-

"Uma *terra ingrata, mas não totalmente"*. Saudamos a atual mobilização estudantil nos campi americanos, franceses e britânicos. Ela está corajosamente abrindo uma brecha no consenso pró-ocidental que trabalha arduamente para sufocar quaisquer vozes emergentes que apontem para a colonização da Palestina, denunciando os crimes de Israel em Gaza e afirmando, em nome da justiça, que direitos iguais para palestinos e israelenses são a base de uma política. Com seus fundamentos questionados, o campo ocidental está tentando tapar a brecha com o cassetete "democrático" quando a instrumentalização cansada do antissemitismo não é mais suficiente.

-6-

Conhecemos a origem dessa situação geral avassaladora: a grande onda reacionária que, alimentada pelo fracasso das políticas de emancipação, surgiu na década de 1980 sob o disfarce de um retorno à ordem estabelecida após os Anos Vermelhos, e que agora está se concretizando nas trágicas convulsões de um mundo sem outra bússola a não ser a fúria bélica de identidades de todos os tipos deixadas à própria sorte.

-7-

Neste ambiente histórico muito particular, varrido pelos ventos arrepiantes e desmoralizantes do niilismo, não devemos fazer nada menos do que reconstituir a capacidade da humanidade em si mesma, para se afirmar, no processo de sua divisão, em uma política de justiça baseada na igualdade. Em todas as áreas em que houver forças para isso.

-8-

Para isso, precisamos trabalhar na imaginação política, nos conceitos e nas novas categorias que fornecerão a linguagem e a estrutura, com base em um exame meticuloso de situações históricas que, mesmo quando fracassaram, lançaram sementes de esperança, como a Revolução Cultural. Também precisamos abordar novas questões, como a ecologia, decifrando o que está em jogo do ponto de vista de uma política de emancipação.

-9-

Não estamos entre aqueles que veem o pensamento como um refúgio confortável de um mundo sórdido. Trata-se de transformar o mundo. Mas, na situação calamitosa em que nos encontramos, sem pontos reais de apoio coletivo, não basta resistir, pois, em uma postura reativa, é o inimigo que faz o que bem entende, assim como não será suficiente manifestar-se, mesmo que isso tenha de ser feito. Há algo mais em jogo, a necessária reconstrução das paredes da casa da emancipação e de seus alicerces.

-10-

A resposta fornecida por esta revista é humilde, mas ambiciosa, incerta, mas tenaz. Humilde porque não pretende fornecer o que atualmente está fora de seu alcance (uma linha política, uma organização). Ambiciosa porque se propõe a reconstruir uma política de emancipação adequada aos novos tempos. Incerta porque afirma ser uma bricolagem conceitual, aventurando-se em certas construções que se mostrarão frutíferas em alguns casos e sem saída em outros. Tenaz como qualquer processo de trabalho real pode ser.

-11-

Esta edição apresenta :

- um exame crítico da **sequência de 1958-1965 da revolução chinesa,** com base em um diálogo entre o grupo militante *Longues Marches* e Alessandro Russo sobre seu livro a respeito da Revolução Cultural - o primeiro passo em uma tarefa que está começando a levantar o véu sobre fragmentos enterrados da experimentação comunista nas Comunas Populares e as questões que eles revelam;
- a continuação do artigo sobre **sionismo** com uma desconstrução detalhada de sua narrativa;
- uma longa carta do **Brasil** analisando a situação política, sua história periodizada, o significado do confronto viciado entre o bolsonarismo e o petismo (nome do Partido dos Trabalhadores de Lula) e as possibilidades de escapar dele;
- três novas contribuições sobre como escapar do **niilismo**: o ponto de enunciação na psiquiatria, o compromisso íntimo que a pintura solar de Rothko pode inspirar e o niilismo revisitado à luz de Kierkegaard;

- uma proposta de "**acupuntura ativista**" para abordar e lidar com a questão ecológica, ativando pontos políticos em uma determinada situação;
- três artigos sobre **artes**:
  - O primeiro é um olhar mais atento à pintura por meio da relação entre as cores nas obras de Delaunay e Matisse, e o papel desempenhado pela janela.
  - O segundo nos leva a uma jornada dentro da pintura restaurada de Van Eyck, *A Virgem e o Chanceler Rollin*, onde vemos uma revolução na perspectiva, conforme discernida por um olho do século XXI.
  - O terceiro nos mostra como a arquitetura vernacular tradicional pode ser usada de forma criativa hoje em dia para reconfigurar paisagens e edifícios, com base no caso de clos-masures, casas de fazenda tradicionais da Normandia e uma pesquisa com fazendeiros.
- "***Coisas Vistas***" relata um filme singular do Cazaquistão, *Assaut*, de Adilkhan Yerzhano, uma comédia humana burlesca que usa o ataque de um grupo popular contra terroristas em uma escola secundária como pretexto para encontrar as condições subjetivas para a unidade coletiva;
- na seção ***Estudos***, uma análise de como a uestão da mulher camponesa surge hoje em condições renovadas pela industrialização capitalista da agricultura;
- **carta** de um leitor ;
- nossos **anúncios**, em especial o convite aos nossos leitores para encontrá-los na livraria *Tropiques* (Paris, 14º arrondissement) em 4 de junho, às 19h30min.

•••

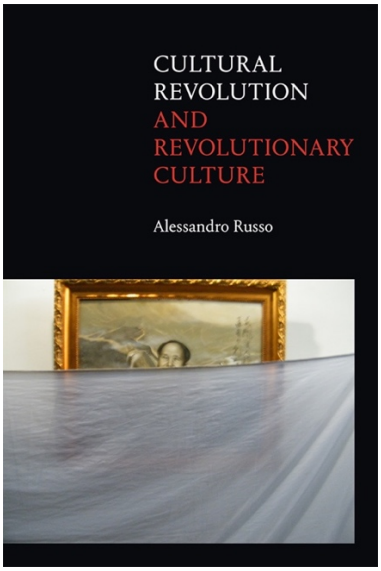
[Revolução Comunista Chinesa].

Estamos publicando aqui os comentários, as perguntas e as hipóteses levantadas pelo grupo *Long Marches* sobre o livro *Revolução cultural e cultura revolucionária* de Alessandro Russo, juntamente com as respostas de Russo.

Tanto as perguntas feitas pelo grupo quanto as respostas claras e precisas de Alessandro prepararam o terreno para um debate fascinante e inovador sobre um período obscuro, mas revelador, da tentativa da China de romper com a base concreta do socialismo soviético para inventar e apoiar um possível caminho para o comunismo.

Continuamos nosso estudo sobre a Revolução Comunista Chinesa (1958-1976) conversando com Alessandro Russo sobre seu valioso livro.

Revolução cultural e cultura revolucionária
Alessandro Russo



2020 Duke University Press
https://www.dukeupress.edu/cultural-revolution-and-revolutionary-culture

---

Groupe *Longas Marchas* : *Questionamento (2)*

Notas de trabalho

Nosso grupo está trabalhando, tanto teórica quanto praticamente, na busca de uma posição política militante nesses tempos sem forma.

As notas de leitura e discussão que se seguem são marcos em nossa própria longa jornada intelectual. Elas avançam, sem um fim determinado, por meio de repetições, variações, acréscimos, correções, inflexões e rasuras. Ao fazê-lo, elas oferecem reflexões provisórias que exigem a interlocução de outras vozes que pensam da mesma forma, especialmente a de Alessandro Russo aqui.

Contexto

Quatro momentos

O inestimável livro de A. Russo examina a Revolução Cultural menos em termos de uma continuidade histórica reconstruída a posteriori do que separando quatro momentos-chave, capturados de dentro dessa vasta história política:

I. seu "*prólogo teatral*" (novembro de 1965), trazendo de volta à tona uma concepção comunista da própria capacidade política dos camponeses;
II. A subjetividade política de Mao (esperando a "provável derrota estratégica" [1] da política comunista), que foi o motivo (de dezembro de 1965 a abril de 1966) para o lançamento da Revolução Cultural (em maio de 1966);
III. os obstáculos políticos superados durante a fase mais intensa dessa revolução (maio de 1966 a agosto de 1968);
IV. As tentativas finais de Mao (1973-1976) de realizar uma revisão política em massa da Revolução Cultural.

Patrimônio militante

Esse viés, informado por um conhecimento muito detalhado dos debates políticos internos na China [2], está se mostrando particularmente frutífero para os militantes comunistas de hoje, que decidiram herdar essa revolução da mesma forma que outros herdaram a Revolução de Outubro e, anteriormente, a Comuna de Paris.

> O militante comunista de hoje deve começar novamente a partir do estado mais recente das questões políticas cuja herança ele assumiu. Por outro lado, esquecer ou até mesmo condenar a Revolução Cultural para retornar apenas à Revolução Leninista ou até mesmo à Comuna de Paris - sem mencionar aqueles que deliberadamente afogam todas as perspectivas revolucionárias nas águas estagnadas da Revolução Francesa [3] - nada mais é do que uma abordagem escolástica que despolitiza o movimento comunista que vem se engajando desde 1848.

Cinco características específicas da Revolução Comunista

A abordagem "sintomática" adotada por A. Russo destaca certas características específicas da *Revolução Comunista Chinesa* (1958-1976), iniciada pelas Comunas Populares (final de abril de 1958) e relançada pela Revolução Cultural (1966-1976).

> Acreditamos que a "*revolução ininterrupta em estágios*" realizada na China pelos comunistas sob a liderança de Mao foi dividida em três estágios estratégicos principais: a revolução "democrática" (1928-1949), a revolução "socialista" (a partir de 1953) e a revolução "comunista" (a partir de 1958), sendo que esses três tipos de revolução estão ligados entre si por mosaicos em vez de por quebras e justaposições claras.

Vamos começar listando cinco características dessa revolução: quatro estão diretamente associadas aos momentos sintomáticos identificados por A. Russo, enquanto a quinta tem mais a ver com seu método geral de investigação histórica.

I. O status decisivo da enunciação comunista

O momento do "prólogo teatral", que detalharemos a seguir, destaca a importância especial da enunciação em uma revolução propriamente comunista: Assim como as duas revoluções anteriores (e, em particular, a revolução socialista em andamento em 1958), essa última não pode proceder por construção ("a construção do socialismo"), por programação e planejamento estatais; em particular, as

---

[1] Reunião com uma delegação do Partido Trabalhista Albanês em maio de 1966

[2] Como sinólogo, Alessandro Russo tem acesso direto aos textos originais trocados na época.

[3] *"Se a Revolução Francesa é uma revolução, então a Revolução Soviética e a Revolução Chinesa não são."* Jean-Claude Milner (*Relire la Révolution*; Verdier; 2016)

declarações da Revolução Comunista não são unívocas - sabemos da importância decisiva, durante a Revolução Cultural, de declarações que eram "de esquerda na aparência, mas de direita na realidade" [4] .

Essa característica, que explica por que a cena teatral [5] forneceu a faísca para a Revolução Cultural, destaca a importância decisiva de uma revolução ideológica ("cultural") antes de qualquer revolução política propriamente comunista, uma revolução ideológica entendida como uma revolução de enunciação política e não apenas de declarações.

II. Mobilização em face de uma provável derrota

O momento intermediário (dezembro de 1965 a abril de 1966) em que Mao concebeu uma Revolução Cultural capaz de "*dar um pouco de trabalho a uma provável restauração do capitalismo*" [6] enfatiza um tratamento não niilista da derrota: aqui, o "*crepúsculo*" [7] não é concebido como um momento de "Pra quê?" e de um "Em vão!", mas como um momento para saída por uma brecha, em que um ganho pode ser consolidado enterrando-o no solo, como a última oportunidade de legar esperança militante inscrevendo um sucesso final que nenhuma derrota subsequente pode desfazer.

III. Um novo tipo de política exige um novo tipo de medida (organizacional)

O momento central da Revolução Cultural (maio de 1966 a agosto de 1968) foi liberar a questão estratégica de sua avaliação propriamente política: o Partido Comunista Chinês provou ser desqualificado para tomar medidas políticas adequadas dessa Revolução Comunista, e descobriu-se que uma revolução de um novo tipo exigia uma medida política de um novo tipo! [8] Veremos como a Revolução Cultural se deparou com o obstáculo de organizações políticas de novo estilo capazes de fazer um balanço político dela.

IV. Um testamento que apenas aponta o obstáculo intransponível

Na **sequência final** (1973-1976) da Revolução Cultural, Mao cristalizou a Revolução Comunista em torno da questão do poder e, correlativamente, em torno de uma ditadura do proletariado, que havia se tornado a principal incógnita política dessa revolução. Mas não foi precisamente o "proletariado" chinês que não conseguiu se constituir como uma classe política capaz de liderar essa Revolução Comunista, iniciada em 1958 pelos camponeses e relançada em 1966 pela juventude intelectual (embora a Revolução Cultural tenha sido explicitamente vista como uma revolução *proletária* [9]), de modo que a questão maoista da ditadura do proletariado se refere, acima de tudo, a uma reavaliação da hipótese marxista de um proletariado?

O testamento político de Mao aponta, assim, sob o signo de um "proletariado" que se tornou hipotético e, portanto, incapaz de exercer uma ditadura de classe, para um obstáculo intransponível sem, no entanto, identificar a obstrução secreta capaz de explicar a natureza intransponível desse obstáculo.

V. Uma política de contingência, não apenas de necessidade

Parece-nos que **o método sintomático** adotado por A. Russo traz à tona a seguinte convicção: a Revolução Comunista, ainda mais do que as revoluções democráticas e socialistas anteriores, não pode se desenvolver sob o regime exclusivo de uma necessidade histórica (como a do "materialismo histórico", convencido de uma vitória final, garantida cientificamente pela história da luta de classes e economicamente pelo desenvolvimento das forças produtivas).

A Revolução Comunista, convencida 1°) de que nada garante a sua vitória, nem que seja porque "vitória" já não é o nome adequado para os êxitos que almeja [10] , 2°) de que essa não garantia fortalece (e não

---

[4] Em outras palavras, quando a enunciação (direitista) não "reduplica" (Kierkegaard) a declaração...

[5] A. Russo vê o teatro como a arte por excelência da enunciação: "*sublinhar as intenções subjetivas nas declarações dos personagens é a própria essência do teatro*" (p. 14). Dessa forma, a enunciação teatral "toma a medida", propriamente teatral, das declarações no livreto, assim como, na música, a interpretação do músico "toma a medida", propriamente musical, das declarações musicais na partitura.

[6] Veja a reunião acima mencionada com uma delegação do Partido Trabalhista Albanês

[7] *"Estamos no crepúsculo"* Mao (maio de 1966, ibid.)

[8] Da mesma forma, no período pós-guerra, Adorno argumentou que uma filosofia da *nova* música só poderia ser uma *nova* filosofia da música (uma reduplicação da novidade).

[9] Seu título exato era *A Grande Revolução Cultural Proletária*.

[10] Mao (verão de 1965): "*A vitória é a mãe de muitas ilusões*". (citado por Malraux em seus *Antimémoires*)

enfraquece) a mobilização para se comprometer com ela [11] , a Revolução Comunista deve, portanto, aprender, mais do que suas antecessoras, a lidar com o contingente [12] e não apenas com o necessário - deve-se notar que, em contraste com um materialismo do contingente, o planejamento, a pedra de toque estatal da Revolução Socialista, se desenvolve sob o signo de uma necessidade implacável (a de um desenvolvimento harmonizado das forças produtivas, ao qual a revolução das relações sociais de produção permanece subordinada).

E, de fato, não foi a eclosão das Comunas Populares em 27 de abril de 1958, um Sputnik [13] imprevisto no céu sereno do segundo plano quinquenal socialista (1958-1962) e do Grande Salto Adiante, a contingência imprevista que colocou as questões políticas de uma revolução especificamente comunista na agenda da China socialista? Como veremos, o Partido Comunista Chinês ficou imediatamente dividido em relação a essa natureza contingente, com a ala direita do partido vendo esse surgimento político mais como uma consequência *necessária* de um Grande Salto Adiante planejado pelo Estado.

•

Com esse pano de fundo em mente, vamos examinar detalhadamente o primeiro desses quatro momentos.

Novembro de 1965

As questões ideológicas e políticas em jogo na crítica de Yao Wenyan [14] em novembro de 1965 à peça *A deposição de Hai Rui* (escrita em 1961 por Wu Han [15]) dizem respeito essencialmente à questão da própria capacidade política dos camponeses: os camponeses chineses estão confinados a uma posição politicamente passiva, permanecem inescapavelmente subordinados a líderes iluminados que os conduzem politicamente pela mão, ou são capazes de se emancipar demonstrando sua própria criatividade política?
A resposta afirmativa a essa pergunta foi o cerne do caminho maoísta [16] a partir de 1928: contrariando as diretrizes do Comintern, os camponeses formaram a base política de massa da Revolução Democrática (zonas liberadas, campo ao redor das cidades etc.). Mas o que aconteceu depois de 1953, quando a Revolução Socialista (patrocinada pelo Estado) planejou o movimento cooperativo e, especialmente, depois de 1958, quando os próprios camponeses inesperadamente inventaram as Comunas Populares?

No início de 1961, a peça de Wu Han tinha como alvo implícito a demissão (em setembro de 1959) do Ministro da Defesa Peng Dehuai após sua crítica política ao Grande Salto Adiante e às Comunas Populares na conferência de Lushan (verão de 1959).
Nessa conferência, Peng Dehuai, com base no relativo fracasso (reconhecido pelo próprio Mao) do Grande Salto Adiante, atacou explicitamente as **Comunas do Povo** em quatro aspectos. Ele as criticou por :

- Sua propriedade comum da terra, que rompeu com as práticas do primeiro tipo de cooperativas (compartilhamento do trabalho) e do segundo tipo (compartilhamento dos meios de produção);
- seu questionamento da divisão "socialista" do trabalho entre agricultura e indústria, entre tarefas de execução e tarefas de concepção, o que de fato desafiava a desejada extensão "socialista" do stakhanovismo aos camponeses;
- as cantinas, cujo novo princípio de "*a cada um de acordo com suas necessidades*" contradizia o princípio socialista de "*a cada um de acordo com seu trabalho*";

[11] No então onipresente slogan "*Ousar lutar! Ousar vencer*", o último estava condicionado ao primeiro.

[12] Um contingente que não pode ser reduzido à famosa definição de um "encontro não necessário entre duas necessidades" e que, em vez disso, aponta para a irredutibilidade de um "isso acontece...".

[13] Em 27 de abril de 1958, a primeira Comuna do Povo decidiu se chamar "Sputnik", em referência ao primeiro satélite russo de mesmo nome lançado em órbita em 4 de outubro de 1957.

[14] Um dos futuros membros da Gangue dos Quatro

[15] Historiador, vice-prefeito de Beijing

[16] Após a *investigação* de Mao *sobre o movimento camponês de Hunan* em 1927

- Por último, mas não menos importante: sua apropriação política das tarefas militares (milícias de autodefesa) se opunha ao caminho "socialista" de um exército profissionalizado capaz de se apropriar da modernidade técnica essencial para uma aliança estratégica com a URSS a fim de enfrentar o imperialismo americano na Guerra Fria.

Em suma, **Peng Dehuai** pediu um retorno à construção "bolchevique" do socialismo, com base no planejamento estatal que subordinava a agricultura à indústria (e especificamente à indústria pesada), o campo às cidades e os camponeses aos trabalhadores, de modo a garantir o desenvolvimento essencial das forças produtivas por meio de uma firme divisão "socialista" do trabalho.
A chave política para a crítica de Peng Dehuai estava, portanto, em sua negação de qualquer capacidade política autônoma por parte dos camponeses chineses na fase de "construção do socialismo": o papel de liderança deles na Revolução Democrática havia sido irrelevante desde 1953 e, portanto, era necessário, em sua opinião, pôr um fim firme ao experimento politicamente aventureiro das Comunas Populares.

Para entender melhor como as coisas poderiam ter chegado a esse ponto político em 1959 (remoção de Peng Dehuai), depois em 1961 (peça de Wu Han) e, finalmente, em 1965 (crítica dessa peça por Yao Wenyuan, mas por que demorou quatro anos para criticar essa peça?), vamos desvendar essa história politicamente emaranhada esboçando uma breve cronologia da construção do socialismo na China a partir de 1953.

Cronologia 1953-1965

- **1953-1957**: Primeiro plano quinquenal socialista, copiado diretamente do *Manual de Economia Política* da Academia de Ciências da URSS (Instituto de Economia), publicado em agosto de 1954, seguindo uma diretriz emitida por Stalin em fevereiro de 1952 [17] .

  > Consulte o Capítulo XLII: *O regime económico da República Popular da China* [18] (na seção *A construção do socialismo em países de democracia popular* da terceira parte principal *O modo de produção socialista*).

  Esse plano "*favoreceu o desenvolvimento da indústria, especialmente da indústria pesada, em detrimento da agricultura e, de fato, subordinou fortemente esta última à indústria*". [19]

- **Abril de 1956**: Após o relatório Khrushchev (fevereiro de 1956), em particular, Mao percebeu o perigo político dessa construção "bolchevique" do socialismo. Ele fez uma leitura crítica meticulosa do Manual e elaborou uma alternativa política inicial (*Sobre as dez grandes relações,* 25 de abril de 1956*).*
- **Setembro de 1956**: O 8º Congresso do PCC se distanciou da orientação "bolchevique" ao incentivar a "liberalização" da agricultura.
- **Fevereiro de 1957**: Mao publica *Sobre a Resolução Justa das Contradições no Povo*, que lança a campanha ideológica de crítica e retificação conhecida como as "*Cem Flores*".
- **Junho de 1957**: Um final enigmático para essa campanha, que por si só já era bastante enigmática: qual foi o resultado político?
- **1958-1962**: Segundo Plano Quinquenal, associado ao lançamento do Grande Salto Adiante (em que termos econômicos e políticos?).

  O conteúdo político desse plano parece ter alterado o do primeiro, concedendo maior autonomia à agricultura sem, no entanto, reorientar politicamente todo o planejamento socialista do desenvolvimento das forças produtivas.

---

[17] *"Precisamos de um manual de 500 ou 600 páginas, no máximo. Será um livro de cabeceira sobre economia política marxista, um excelente presente para os jovens comunistas de todo o mundo."* Stalin (*The Economic Problems of Socialism*, fevereiro de 1952)

[18] *"À medida que a Revolução do Povo Chinês se desenvolveu de uma revolução democrático-burguesa para uma revolução socialista, a China entrou no período de transição para o socialismo*. (2ª edição, 1955; p. 668)

[19] Russo, p. 37

- **27 de abril de 1958**: Nascimento inesperado, em Henan, da primeira *Comuna Popular* por meio da fusão de 27 pequenas cooperativas, com mais 9.300 famílias ou 43.000 habitantes.
- **28 de junho de 1958**: Mao, ainda sem saber da existência das Comunas *Populares*, declarou [20] : "As coisas não estão boas com os conselheiros soviéticos": o marxismo-leninismo havia deixado de ser um "*guia para a ação*" para ser "*tomado como dogma*".
- **29 de agosto de 1958**: Conferência de Beidahe e primeira posição oficial do PCC sobre as Comunas Populares. Declaração do Comitê Central [21] , na verdade contraditória e indecisa: por um lado, a novidade política genuinamente comunista das Comunas Populares é destacada [22] ; por outro lado, essa novidade é explicitamente reduzida a um "*resultado lógico*" do Grande Salto Adiante [23] , em outras palavras, uma simples extensão da construção do socialismo em vez de uma abertura de um novo estágio estratégico.

  Em suma, essa posição leva em conta o Grande Salto Adiante e as Comunas Populares, embora o primeiro seja uma questão de planejamento estatal, enquanto o segundo é uma invenção comunista dos camponeses.
- **9 de setembro de 1958**: Mao fez uma clara distinção entre os dois, descrevendo as Comunas *Populares* como um "*evento recente, que surgiu nos últimos meses*" e que foi o início de "*um movimento irresistível que não pode ser detido*".
- **10 de dezembro de 1958**: O Comitê Central do PCC observa claramente que as Comunas do Povo constituem "*um evento de grande significado histórico*", onde "*uma nova organização social surgiu, fresca como o sol da manhã*". [24]
- **12 e 19 de dezembro de 1958**: Mao dá ênfase nas Comunas Populares [25] . *"Não havíamos previsto a criação das Comunas Populares na Conferência de Chengdu, em abril, nem no Congresso do Partido, em maio. Na verdade, elas já haviam surgido em Henan em abril, mas em maio, junho e julho, ainda não sabíamos nada sobre elas. Foi somente em agosto, quando uma resolução sobre elas foi preparada na Conferência de Beidahe, que tomamos conhecimento delas." "Este é um evento muito importante. [...] Alguns eventos felizes podem acontecer inesperadamente: esse é o caso das Comunas Popular, cujo surgimento em abril não havia sido previsto e que não foi objeto de uma decisão oficial até agosto. Em quatro meses, elas foram estabelecidas em todo o país"*. É verdade que "*a fusão de órgãos do governo local com a liderança da Comuna Popular não foi adotada pela Assembleia Nacional, nem é mencionada na Constituição"*. *"A Constituição está desatualizada em vários pontos"*, mas, por enquanto, a prioridade política é desenvolver a inovação política em massa.
- **Abril de 1959**: Mao cedeu a Presidência da República a Liu Shaoqi (que permaneceu no cargo até o final de outubro de 1968) para se dedicar mais plenamente à liderança política do PCC.

  Pela primeira vez, as lideranças do Partido e do Estado foram separadas.

---

[20] *"As coisas não estão boas com os conselheiros soviético"* (*Discurso durante a reunião dos chefes de delegação na segunda sessão do Comitê Central após o VIII Congresso*; em *Le Grand Bond en avant - Inédits 1958-1959*; Le Sycomore; 1980)

[21] *"Resolution of the Central Committee on the establishment of People's Communes in rural areas"* (*Resolução do Comitê* Central *sobre o estabelecimento de Comunas Populares em áreas rurais)* (*em* Documents of Chinese Communist Party Central Committee - Sept. 1958 - Apr. 1969; Union Research Institute; Hong Kong; 1971).

[22] O desafio das Comunas Populares, "*que combinam a indústria (os trabalhadores), a agricultura (os camponeses), o comércio (os comerciantes), a cultura e a educação (os estudantes) e os assuntos militares (os soldados) em um todo"*, é "*explorar um caminho concreto para o comunismo*", transformando a propriedade coletiva em propriedade de todo o povo, o sistema de distribuição socialista "*de cada um de acordo com sua capacidade para cada um de acordo com seu trabalho*" no sistema de distribuição comunista "*de cada um de acordo com sua capacidade para cada um de acordo com suas necessidades*", limitando "a *função do Estado à proteção do país contra agressões externas*", de modo que o Estado "*não desempenhe mais nenhum papel internamente*". "

[23] *"As comunas populares são o resultado lógico da marcha dos acontecimentos*. "*A base para o desenvolvimento das comunas populares é principalmente o Grande Salto Adiante, amplo e contínuo.*"

[24] *"Comunicado da sexta sessão plenária completa do Comitê Central"* (*em* Documentos do Comitê Central do Partido Comunista Chinês; op. cit.).

[25] "(em *Le Grand Bond en avant - Inédits 1958-1959*; op. cit.)

- **Julho-Agosto de 1959**: Conferência de Lushan, onde, pela primeira vez desde 1949, a liderança do PCC se dividiu politicamente.
- **Setembro de 1959**: Peng Dehuai é destituído do cargo e Lin Biao o substitui como Ministro da Defesa.
- **1960**: Fim aparente do Grande Salto Adiante. Retirada dos conselheiros soviéticos. Desastres naturais. Fome...
- **Janeiro de 1961**: Wu Han publica sua peça A Destituição de Hai Rui. *Essa peça, destinada à Ópera de Pequim,* criticava indiretamente a recente demissão de Peng Dehuai.
- **Janeiro-fevereiro de 1962**: Conferência dos "7.000 quadros", elaborando uma avaliação política do Grande Salto Adiante. Para Liu Shaoqi, 30% da fome se deveu a desastres naturais e 70% a erros humanos. Mas qual é a avaliação que a esquerda tem a oferecer?

  Desse ponto em diante, Mao se viu marginalizado dentro do PCC.
- **Agosto de 1962**: O livro *Como ser um bom comunist*a de Liu Shaoqi (julho de 1939) é republicado. Ao mesmo tempo, os escritos de Mao tornaram-se de difícil acesso.
- **1963-1965**: Nenhum terceiro plano quinquenal, embora o planejamento fosse a base da construção socialista! Aparentemente, não havia nenhuma explicação política para essa ausência.
- **1963**: Mao lança o *Movimento de Educação Socialista*, considerado o precursor da Revolução Cultural (por exemplo, o envio de quadros e intelectuais para o campo). O movimento teve a oposição de Liu Shao-Shi, mas pouco mais se sabe sobre ele.
- **Junho de 1963**: Abertura da controvérsia "sino-soviética" com o PCUS.
- **Novembro de 1965**: Artigo de Yao Wenyuan criticando a peça de Wu Han.
- **1966-1970**: Reaparecimento surpresa do plano (o terceiro) após três anos sem nenhum planejamento!

No total, um buraco negro *1963-1965*

Sejamos realistas: a sequência política aberta pela conferência de Lushan nos parece um gigantesco buraco negro na história política da revolução comunista lançada pelos camponeses na primavera de 1958.

O livro de A. Russo captura a revolução comunista chinesa quando ela emergiu desse buraco negro (no final de 1965). Ele destaca as questões políticas em jogo (a capacidade política do movimento camponês de massa) sem identificar claramente a inteligibilidade detalhada dos conflitos políticos que, pela primeira vez desde o fim da revolução democrática, dividiram ferozmente o PCC, de modo que é difícil entender por que Mao, ansioso para relançar uma revolução comunista que estava visivelmente atolada (mas como exatamente?), enfrentando **"obstáculos intransponíveis"** (por quê?), teria de passar por uma revolução ideológica cuja principal base de massa não era, estranhamente, nem os camponeses (onde estavam as Comunas Populares e o movimento político camponês no final de 1965?), nem os trabalhadores (nas fábricas, o que eles pensavam e diziam sobre as Comunas Populares desde 1958?), mas uma juventude intelectual (os Guardas Vermelhos) cujo caráter de classe pequeno-burguês seria revelado politicamente... para pior.

Hoje estamos herdando a Revolução Comunista Chinesa, suas vitórias e sucessos inalienáveis, bem como seu fracasso e derrota finais em uma situação que se tornou estratégica e politicamente desastrosa. Para nós, não há outra maneira a não ser enfrentar a tarefa intelectual de enxergar com mais clareza esse buraco negro abissal. Para isso, vamos listar algumas perguntas.

Quatro perguntas

1. O Grande Salto Adiante

O Grande Salto Adiante provou ser um beco sem saída político e econômico.

Ela parece ter sido associada à necessária **descentralização "estatal" do planejamento socialista**. No entanto, essa descentralização parece ter sido realizada de forma mais burocrática do que política, levando a avaliações tendenciosas por parte dos gerentes locais que exibiam resultados imaginários que estavam diretamente fora dos objetivos planejados, criando assim uma confusão total no comando do Partido-Estado sobre a situação econômica e social real no campo.

Daí a revelação de **um abismo ideológico e político** nessa fase de construção do socialismo dentro do próprio PCC. Mas por que esse abismo, dez anos após a vitória de 1949? A fortiori, se esse abismo existia em termos de socialismo, como não poderíamos prever que ele se transformaria em um abismo quando a revolução verdadeiramente comunista fosse inesperadamente colocada em pauta pelos camponeses das Comunas do Povo?

Qual é a **relação** exata **entre** o Grande Salto Adiante e o Segundo Plano Quinquenal (1958-1962)? Qual foi a avaliação maoista do Grande Salto Adiante? Em relação a quais objetivos políticos o PCC estava dividido? De que forma o Grande Salto foi considerado um novo estágio na construção do socialismo na China? Que novas transformações nas relações sociais ele provocou no campo *e* nas *cidades*, para camponeses *e trabalhadores*? Por que os obstáculos ideológicos e políticos que haviam sido removidos se mostraram impossíveis de serem superados até 1966?

2. Contradição política entre o Grande Salto Adiante e as Comunas Populares

Há uma contradição política entre, por um lado, o Grande Salto Adiante e o planejamento socialista e, por outro lado, as Comunas Populares que colocam na agenda da China uma superação comunista do estágio socialista e levam a um definhamento inicial do Estado socialista no campo.

> Se existe algo como um "modo de produção socialista", política e economicamente construtível (tal é o desafio de seu planejamento) [26] **, não existe algo como um "modo de produção comunista"**, e o comunismo não é, estritamente falando, construtível. Devemos concluir, então, que um materialismo de contingência coloca em pauta uma inevitável bricolagem comunista no lugar de um planejamento socialista que coloca os cálculos dos engenheiros no posto de comando? [27]

Como a esquerda maoísta refletiu sobre essa contradição política, que foi imediatamente destacada pela direita do PCC e depois exacerbada repetidas vezes? Como as massas trabalhadoras se apoderaram politicamente dessa questão comunista no campo a partir de 1958? Como os jovens intelectuais das cidades foram mobilizados politicamente a partir de 1958 para lidar com as consequências gerais desse evento?

Nossa falta de conhecimento sobre esses pontos indica o trabalho de estudo que devemos realizar.

3. A terceira vez é um encanto...

Não parece que a Revolução Cultural deu continuidade a **duas campanhas anteriores**, que eram mais ideológicas do que diretamente políticas: a campanha *das Cem Flores* (1957) e a campanha *do Movimento de Educação Socialista* (1963)? Mas sob qual balanço político exato essas duas campanhas foram concebidas e dirigidas?

A primeira campanha foi lançada no início do estágio socialista e, portanto, precedeu o surgimento das Comunas Populares; a segunda foi claramente uma continuação dessa, embora ao mesmo tempo

---

[26] Veja seu programa no Manual de Economia Política do CPSU...

[27] Sobre a oposição entre a racionalidade do "faça você mesmo" e o cálculo planejado do engenheiro, consulte Claude Lévi-Strauss: *La science du concret* (capítulo I de *La pensée sauvage*; 1962).

tenha sido classificada como "socialista" (em vez de "comunista"), indicando assim a unidade dos opostos cujo nome é *socialismo* (por um lado, a construção estatal do socialismo, por outro, o movimento comunista de massa que faz com que o estado socialista se desvaneça).

Como **o terceiro estágio do foguete** - a Revolução Cultural (1966-1976) - se baseou explicitamente nos fundamentos dos dois primeiros? Quais foram os obstáculos específicos que essas duas campanhas anteriores foram projetadas para superar? E se alguns deles (quais?) não foram superados, que nova maneira a Revolução Cultural vislumbrou para superá-los, se é verdade que, na política comunista, a humanidade só faz a si mesma perguntas que pode resolver?

4. Uma aventura política?

Em suma, como podemos avaliar retrospectivamente essa colocação, na forma de acontecimento, de uma revolução comunista na ordem do dia?

- Uma aventura política que teria sido melhor conter, assim como Lenin conseguiu conter a insurreição no início de julho de 1917, quando percebeu que o slogan lançado em abril "*Todo poder aos soviéticos*" não era mais politicamente relevante [28] , ou como ele conseguiu, no início de 1921, ao final de uma guerra civil devastadora, propor um retrocesso político com a *Nova Política Econômica* (NEP)?
- Pelo contrário, era a única solução política se não quiséssemos enterrar a orientação comunista na China como já havia sido enterrada na URSS e se a perspectiva de uma "provável derrota" não fosse motivo suficiente para impedir a abertura desse novo estágio revolucionário? Mas então, o que diferencia essa decisão de embarcar em um caminho que provavelmente está condenado à derrota de uma simples fuga política para a frente?

O estudo desse ponto será o foco de nossa próxima leitura do segundo momento (início de 1966), meticulosamente analisado por nosso amigo e camarada Alessandro Russo.

•

Mas vamos concluir provisoriamente essas reflexões, apresentando uma hipótese inicial resumida.

Hipótese sobre obstrução política

A luz matemática de Évariste Galois

A matemática moderna [29] sugere que uma série de obstáculos *intransponíveis* pode denotar a existência não aparente de uma obstrução capaz de explicar a natureza *intransponível desses* obstáculos.

Dessa forma, a teoria de Galois revela que, embora uma equação polinomial formalize as propriedades particulares de uma incógnita x, a possibilidade de resolvê-la (ou seja, a possibilidade de conhecer essa incógnita individualmente) dependerá, na verdade, da maneira discreta com que essa equação agrupou secretamente suas diferentes soluções - de certa forma, uma equação algébrica simples, como $ax^2+bx+c=0$, duplica o tecido aparente de seus xs com um agrupamento secreto de suas raízes. Consequentemente, se a solução de uma determinada equação se deparar com **um obstáculo intransponível** (se a equação se mostrar irresolúvel), é porque seu modo de agrupamento (seu "grupo Galois") a **obstrui secretamente**. O resultado decisivo é o seguinte: o estudo das equações algébricas será reorientado, não mais como até agora, com o objetivo de resolvê-las (já que o conhecimento individual da incógnita x não é mais tão decisivo como se pensava anteriormente), mas com o objetivo de identificar as particularidades do agrupamento coletivo de suas raízes. Em outras palavras, o foco muda da identificação do desconhecido individual x para a descoberta da organização coletiva das raízes.

---

[28] Lênin: Sobre as *palavras de ordem* (julho de 1917; O.C. vol. 25)

[29] Deve-se lembrar que elas constituem um dos três recursos intelectuais do pensamento comunista no século XXI (juntamente com a história da Revolução Comunista Chinesa e as filosofias francesas dos sujeitos da verdade no final do século XX) - veja a edição 1 desta revista.

Sob essa luz, vamos formular uma hipótese de trabalho (provisória) sobre os obstáculos intransponíveis da Revolução Comunista Chinesa.

O obstáculo dos interesses materiais para uma revolução comunista

Os obstáculos levantados pela Revolução Cultural **seriam insuperáveis** porque uma revolução comunista não pode, como as revoluções democráticas e socialistas anteriores, medir-se estreitamente em relação aos interesses materiais de classe dos trabalhadores e camponeses: de fato, uma vez que as necessidades comuns de sobrevivência coletiva para todos (alimentação, moradia, vestuário, saúde, educação, lazer, segurança...) tenham sido garantidas pelo Estado (por revoluções anteriores), a perspectiva comunista não avança mais no sentido exato de necessidades materiais adicionais a serem satisfeitas. Ela toma forma como um projeto de emancipação universal, colocando em pauta as ideias comunistas de igualdade e justiça coletiva (no trabalho, na moradia, nos assentamentos e na organização) e as aspirações de todos em termos de cultura e prática (nas artes e nas ciências), o horizonte acessível de uma felicidade partilhada entre as duas metades da humanidade (amor entre homens e mulheres), em suma, essas são metas que precisam ser colocadas em prática (revolucionando as relações sociais), mas que são apresentadas como ideias orientadoras que não podem ser reduzidas a queixas imediatas e interesses materiais. Não é esse o verdadeiro significado da revolução ideológica da educação comunista que sustentou a campanha das *Cem Flores*, o *Movimento de Educação Socialista* e, por fim, a *Revolução Cultural*?

E esse projeto comunista está ainda mais na ordem do dia porque é o único capaz de conter o **inevitável desvio e a corrupção do socialismo** sob a pressão antagônica de um novo tipo de burguesia, ávida por explorar as vantagens adquiridas para criar novos privilégios.

Mas, nesse caso, não há razão para considerar que a classe trabalhadora, por causa de sua concentração produtiva nas fábricas, estaria naturalmente na vanguarda dessas ideias e desse projeto! Essa classe, como as demais, se dividirá sobre o próprio projeto comunista. Portanto, a hipótese do proletariado como uma classe política que emerge da classe social dos trabalhadores não é mais relevante *para a revolução comunista*!

Assim, a natureza intransponível do obstáculo da "ditadura do proletariado" indica que **a equação comunista não pode ser resolvida em termos estritos de interesses de classe**, e que ela deve ser reentendida não na perspectiva desse tipo de resolução, mas de uma maneira completamente diferente: como o agrupamento de diferentes ideias políticas em um projeto coletivo geral.

Um materialismo não classista de orientação comunista

Isso exporia **a obstrução político-ideológica** que torna insuperável o projeto de resolver a revolução comunista com base estritamente nos interesses materiais das classes sociais: precisamos implantar **um novo tipo de materialismo** (não "classista") do projeto comunista (em oposição ao materialismo vulgar que associa qualquer promoção de ideias a um idealismo [30]) e não mais um materialismo elementar de interesses materiais imediatos [31] : Se os movimentos comunistas de massa e a emancipação comunista são, de fato, assunto de todos, é porque a orientação comunista tem a probabilidade de mobilizar trabalhadores e camponeses, mulheres comuns e jovens intelectuais, sem que uma liderança que se considere iluminada precise balançar qualquer cenoura para uma base social que ela julgaria estar apegada apenas a seus interesses materiais imediatos!

•••

[30] e, ao fazer isso, foraclui a lei marxista de que "a ideia se torna uma força material quando as massas a tomam".

[31] A esse respeito,a filosofia de Alain Badiou, especialmente em *Logiques des mondes*, é um recurso intelectual valioso para distinguir não o materialismo do idealismo, mas o materialismo dialético do que ele chama de materialismo "democrático".

ALESSANDRO RUSSO: *ALGUMAS RESPOSTAS*

Gostaria de fazer algumas anotações em resposta às observações e perguntas que você gentilmente levantou ao ler a primeira parte do meu livro. Limitar-me-ei a cinco pontos que me parecem os mais relevantes: a atitude de Mao em relação ao Plano de Estado; as Cem Flores; o "vento comunista"; o choque político da Conferência de Lushan; a controvérsia sobre o drama histórico *A Deposição de Hai Rui*.

Mao e o Plano de Estado

A pergunta mais original que você faz diz respeito à distinção entre o Grande Salto e as Comunas do Povo. O primeiro, você observa, foi decidido como parte de um plano de Estado, enquanto o segundo é uma invenção comunista, criada pelos próprios camponeses. Essa é uma pista de trabalho interessante.

O horizonte é o do segundo plano quinquenal. Quando o primeiro plano quinquenal foi elaborado, houve uma aceitação incondicional do planejamento soviético, enquanto o segundo plano quinquenal foi elaborado com base em várias distinções importantes em relação ao seu "irmão mais velho".

Mao participou ativamente da elaboração do plano. No início da primavera de 1956, ele participou de semanas de reuniões em nível central e fez várias viagens de averiguação ao campo, visitando fábricas e cooperativas agrícolas, conversando com líderes locais em vários níveis, tentando obter uma visão em primeira mão dos problemas.

Mao nunca teve uma fé cega no planejamento estatal. Os muitos escritos de Mao entre 1956 e 1962 (um período crucial de altos e baixos, entusiasmo experimental e retrocessos inevitáveis) nos permitem extrair alguns pontos-chave sobre sua atitude em relação ao planejamento estatal. Para Mao, o planejamento era uma "necessidade" a ser colocada a serviço do projeto político comunista. Resumido nos termos abstratos da crítica da economia política, para Mao, a direção estatal da economia é, em última instância, o instrumento para aplicar a lei do valor e, ao mesmo tempo, para limitá-la.

Um instrumento essencial e contraditório. A troca de mercadorias, dizia Mao com frequência, deve ser uma troca de mercadorias de igual valor. Esse foi um ponto em que Mao insistiu muito, especialmente quando, no grande movimento para criar as Comunas Popular, alguns dos quadros de base e até mesmo algumas das massas camponesas chegaram a pensar que a lei do valor estava ultrapassada e que a troca de mercadorias não era mais necessária. Mao, por sua vez, repetia com frequência que a lei do valor deveria continuar sendo um princípio orientador. O problema era como aplicá-la e, ao mesmo tempo, como limitá-la.

Sem a lei do valor, a troca não pode funcionar, em uma situação em que há tamanha disparidade entre a indústria e a agricultura, mas também entre comunas ricas e pobres ou entre as brigadas ou equipes de produção da mesma comuna. A troca deve ser uma troca de mercadorias, caso contrário, ela se torna uma requisição arbitrária de produtos agrícolas.

Por outro lado, **a lei do valor, a troca por igual valor**, é a própria condição do capitalismo. Portanto, é uma questão de proteger a lei do valor e, ao mesmo tempo, limitar a tendência espontânea do que Marx e Lênin chamaram de "lei burguesa" de se desviar para o capitalismo. Esse foi o dilema fundamental enfrentado por Mao nas duas últimas décadas.

O planejamento estatal só pode limitar a lei burguesa ao sancionar a propriedade privada dos meios de produção: ao negá-la. A limitação afirmativa, entretanto, só pode vir de invenções políticas comunistas, o que eles chamavam de "novas coisas socialistas" na China.

Quanto ao caráter "estatal" do Grande Salto, certamente havia um plano quinquenal no horizonte, com seu pedigree soviético; mas era, pelo menos na atitude de Mao, um plano estatal "modificado" pela abertura experimental, um apelo à inventividade política das massas e uma rejeição de qualquer imitação servil da URSS.

Nesse sentido, o clima do Grande Salto é um terreno fértil para a criação das Comunas Populares. É claro que as comunas não foram o resultado de um plano. Elas foram inventadas pelos camponeses de uma região muito pobre, cujas condições materiais eram particularmente difíceis. Esse foi um novo

desenvolvimento ao qual ele dedicou muita atenção quase que imediatamente e ao qual pediu que a liderança do partido acompanhasse. Todos os principais líderes centrais foram ver como essas primeiras comunas funcionavam.

Embora as Comunas Populares não tenham sido de forma alguma "planejadas", elas foram incentivadas pelo desejo de mobilizar as massas, o que era um ponto-chave na linha política de Mao na época. A decisão de aprovar a invenção das Comunas Populares estava, portanto, de acordo com as possibilidades que o Grande Salto havia implicitamente previsto, ou pelo menos aceito em princípio: a abertura para a experimentação política em massa.

Mao sempre afirmou que **essas invenções coletivas** tinham de ser realizadas experimentalmente. Como elas não seguem modelos predefinidos, necessariamente envolvem erros, e esses erros podem e devem ser corrigidos pelas próprias massas ou pelos quadros de base que os cometeram. Ao contrário da imagem comum de um déspota utópico distante das condições reais, Mao sempre enfatizou que a invenção política era indispensável, mas também o era a constante retificação dessas invenções. Ele não carecia de um princípio sólido de realidade.

As Cem Flores

Uma pré-condição fundamental para essa dialética experimental de invenções e retificações é um clima de ampla democracia de massa, como Mao sempre defendeu com convicção. Com a campanha das Cem Flores e, acima de tudo, com o tema das "contradições dentro do povo", o principal objetivo é estimular as capacidades políticas de todos, no sentido de uma pluralização potencialmente ilimitada de vozes e iniciativas políticas. Cem flores e cem escolas, porque uma única flor, a do Partido Comunista, não é suficiente. Mao disse literalmente àqueles que defendiam a censura preventiva: "queremos que as pessoas pensem por si mesmas". "Cem escolas" significa as muitas possibilidades ideológicas e políticas que o Partido Comunista enfrenta. Se eles nos criticarem, diz Mao, tanto melhor: isso significa que aprenderemos com essa crítica, que saberemos como responder a ela e que, ao responder a essa crítica, aprimoraremos nossas habilidades dialéticas racionais.

Por outro lado, Mao estava ciente de que as Cem Flores não despertavam nenhuma simpatia da liderança do partido. De acordo com ele, não mais do que 10% da liderança central concordava, sendo o restante hostil ou profundamente cético. As Cem Flores tiveram **um início difícil** imediatamente e Mao admitiu que, das cem flores, não mais do que uma dúzia havia desabrochado.

Em geral, diz-se que esse é um estratagema para trazer à tona posições de direita e depois suprimi-las. A campanha "Cem Flores" foi efetivamente encerrada por uma "campanha antidireita". Como explicar uma reviravolta tão radical? O fato de que muito poucas das Cem Flores floresceram, e que o mesmo aconteceu com as Cem Escolas, significa que o impulso para a democracia de massa foi frustrado pelos quadros do partido, tanto central quanto localmente.

O que provavelmente aconteceu em 1957 foi que as Cem Flores foram reduzidas a um confronto entre apenas duas flores: uma antiga elite política e intelectual, digamos, burguesa, de antes de 1949, e a nova elite formada por quadros do Partido Comunista. Talvez essa perspectiva seja um pouco sociológica demais - as declarações políticas das pessoas diretamente envolvidas precisariam ser analisadas com cuidado -, mas de certa forma explica por que a campanha das Cem Flores terminou da maneira que terminou. Se todas as Cem Flores tivessem florescido e todas as Cem Escolas tivessem se manifestado, não teria sido fácil acabar com elas usando métodos policiais.

Por que Mao concordou que a campanha das Cem Flores terminasse dessa forma e a campanha contra a direita começasse? Quando o confronto se resumiu a duas flores, pode-se dizer que Mao tomou uma posição a favor do Partido Comunista porque esperava que dentro dele uma dinâmica de democracia de massa pudesse ser reativada. Por outro lado, essa não era a intenção das velhas elites burguesas. Certas figuras políticas e intelectuais, as dos "partidos democráticos" fora do PCC, ficam ressentidas com a nova elite vermelha. Estava claro que o PCC tinha **uma postura particularmente rígida** na época, mas não era como se os outros estivessem de alguma forma abertos aos camponeses e trabalhadores. Os membros da antiga elite se viam ainda mais como guardiões de prerrogativas superiores no debate político e intelectual.

O desfecho das Cem Flores não encerrou a perspectiva de um movimento de massa, que Mao sempre considerou como um pré-requisito para a invenção política. Em 1958, a criação das Comunas Agrícolas Populares veio de baixo; foram os camponeses que inventaram essa nova forma política. Por mais

inesperada que tenha sido essa invenção, a linha de massa e, em particular, o caminho original da cooperação agrícola, estava em segundo plano. O PCC não havia seguido a brutalidade estatista da coletivização na URSS, principalmente porque a cooperação se baseava em uma iniciativa importante dos próprios camponeses. Em 1955, Mao publicou *A ascensão do socialismo no campo chinês*, *uma* coletânea de artigos e relatórios investigativos sobre as invenções feitas no campo sob a coletivização agrícola. “A ascensão” antecipou semanticamente o Grande Salto.

O "vento comunista

No que diz respeito aos obstáculos encontrados na criação das Comunas Populares, há alguns que são difíceis de decifrar. Por exemplo, como o chamado "vento comunista" foi um obstáculo? Aliás, obstáculo é um nome estranho para um experimento comunista...

Para Mao, o chamado **"vento comunista"** era uma negação arbitrária da lei do valor. Na prática, o intercâmbio entre as unidades de produção agrícola e o Estado (mas também entre equipes, brigadas e comunas) assumia a forma de requisições: os quadros decidiam quanto produzir e quanto retirar da produção. Mao se opôs a tudo isso desde o início. O "vento comunista" não tinha nada a ver com o comunismo no sentido de que se tratava de superar as diferenças entre a cidade e o campo, entre os trabalhadores e os camponeses, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. O "comunismo" tornou-se um pretexto para um dirigismo desenfreado. Mao repetiu inúmeras vezes que era absolutamente inaceitável se apropriar dos produtos dos camponeses sem pagá-los. O "vento comunista" não apenas gerou grande descontentamento entre os camponeses, que viram seus produtos serem arbitrariamente confiscados, mas também alimentou uma dinâmica ainda mais perversa, a das falsas estatísticas.

Os líderes centrais, liderados por Mao, logo se deram conta desse fenômeno. Mao interveio em várias ocasiões para dizer que **as estatísticas falsas** não só não serviam para nada e certamente impediam o planejamento central, mas, pior ainda, exerciam uma pressão intolerável sobre os camponeses. Na prática, metas de produção inatingíveis foram estabelecidas e depois impostas aos camponeses pelas bases. O resultado é uma dinâmica de competição burocrática entre os gerentes de base, que impõem essas cotas de produção e as repassam como já atingidas para os gerentes intermediários, que as repassam para os gerentes de alto escalão e, daí, para os gerentes centrais. O resultado foi um grande descontentamento entre os camponeses e uma incapacidade por parte do Estado de cumprir suas funções de planejamento no sentido descrito acima. As estatísticas falsas não foram apenas o resultado da abolição arbitrária da troca por valor igual, mas acabaram sendo "troca"... entre produtos inexistentes.

O choque político da conferência de Lushan

A conferência de Lushan havia sido planejada e organizada desde a primavera de 1959 como um momento para retificar uma série de erros no movimento atual, mas ninguém previu o surgimento de um impasse tão sério. Mao foi muito ativo na preparação dos detalhes dessa conferência. Para retificar os erros, uma condição prévia que Mao estabeleceu para todos os níveis do partido é elevar o nível teórico. Um dos principais objetivos era uma grande campanha de estudos sobre questões de economia política. As campanhas de estudo teórico foram um objetivo recorrente das iniciativas políticas de Mao até os últimos anos da Revolução Cultural.

Naquela época, Mao propôs um **estudo crítico da economia política soviética**, a fim de entender até que ponto essa estrutura teórica e prática funcionava ou não para a experimentação política em andamento na China. Entre 1959 e 1960, Mao embarcou em um estudo meticuloso das questões teóricas e práticas do planejamento soviético. Em preparação para a conferência de Lushan, Mao elaborou um programa detalhado e diversificado de estudos nos vários níveis do partido. A liderança central deveria estudar diretamente *o Manual Soviético de Economia Política* e os escritos de Stalin sobre economia política. Os quadros de nível médio precisam de ferramentas mais acessíveis, textos que resumam de forma mais simples os termos da teoria econômica elaborada no Manual. Para os quadros básicos, aqueles que talvez nem saibam escrever, é necessário redigir documentos de estudo explicando em termos simples que a troca de igual valor é impraticável, que inventar estatísticas falsas é prejudicial a todos e que é necessário ser capaz de se opor às diretrizes vindas de cima quando elas são errôneas.

A capacidade de criticar os níveis superiores é um tema que Mao vem abordando desde o início da conferência, e até mesmo antes.

A conferência de Lushan começou em um clima essencialmente otimista; no início, todos pareciam concordar com as questões fundamentais. Em um determinado momento, surgiu o confronto com Peng Dehuai, misturado com um tema que se tornaria a faísca da Revolução Cultural seis anos depois, a referência à figura de Hai Rui. Hai Rui foi um oficial imperial da era Ming que experimentou uma inesperada "vida após a morte", justamente como resultado da conferência de Lushan. É incomum que uma referência historiográfica, em grande parte metafórica, tenha se tornado um tópico político tão quente. A luta ideológica, que para Mao está sempre entrelaçada com a luta política, na verdade é um pré-requisito para ela, é particularmente marcada pela contingência; de qualquer forma, ela nunca é linear, adquirindo sua coerência lógica no curso de seu próprio desenvolvimento.

Foi o próprio Mao quem mencionou Hai Rui pela primeira vez. Ele o mencionou na primavera de 1959, alguns meses antes da conferência de Lushan, como um "exemplo" bastante abstrato de um funcionário que tinha a capacidade de se opor ao imperador. Hai Rui era assim na imaginação cultural mais ou menos popular. Mao o citou para pedir aos funcionários de base que não obedecessem cegamente às diretrizes errôneas dos altos funcionários, em particular os planos de produção imaginários que deram origem a estatísticas falsas.

Em seguida, as coisas tomaram um rumo completamente diferente. Em Lushan, **Hai Rui tornou-se** uma **bandeira** que permitiu a Peng Dehuai negar qualquer valor às comunas camponesas e à iniciativa política. Hai Rui foi citado não para criticar para cima, mas para criticar para baixo toda a experimentação política. Mao disse que Hai Rui havia "mudado de casa", que ele era de esquerda, que havia se tornado de direita, mas que só concordava com o Hai Rui que era de esquerda.

Na verdade, a controvérsia se desdobra de forma muito aberta, bem diferente da forma como é apresentada pela historiografia dominante dentro e fora da China. A versão padrão é, como todos sabem, que Mao era um imperador despótico e caprichoso que, à primeira objeção de um de seus ministros, cortava sua cabeça ou quase isso. Isso é absolutamente falso. Foi provado que Mao esperou várias semanas antes de responder a Peng, que ele fez circular sua carta e que a discutiu em vários locais de conferência.

A posição de Peng era muito clara: o movimento da Comuna Popular não passava de "fanatismo pequeno-burguês". Devemos retornar à "situação normal anterior a 1957" e interromper todos os experimentos em massa, usando métodos militares. Para Peng, não havia nada a ser corrigido, mas as Comunas Populares tinham de ser esmagadas pela intervenção do exército. É exatamente isso que ele diz: isso deve ser feito da mesma forma que quando o levante no Tibete foi suprimido ou Quemoy, a pequena ilha em frente a Taiwan, foi bombardeada. Peng, que se apresenta como defensor dos camponeses, agitando a bandeira camponesa contra o despotismo de Mao, na verdade quer trazer os camponeses de volta à ordem, iniciando uma guerra civil em grande escala contra eles. Não foi coincidência o fato de ele ter sido atacado como chefe de um "clube militar".

Peng logo se viu isolado, porque todos entenderam que ele estava propondo uma catástrofe, o suicídio político do PCC. Quando Mao respondeu, e o fez com grande determinação, Peng capitulou quase imediatamente, dizendo que havia entendido mal o que ele estava dizendo. Os relatos da Conferência de Lushan, que estão disponíveis há muitos anos, são fascinantes e mostram uma situação muito diferente da que é contada oficialmente pelo governo chinês e por quase toda a historiografia especializada.

Entretanto, a carta de Peng levanta **um dilema crucial**: qual é o papel dos camponeses no Estado socialista? Não há um modelo, porque o modelo soviético não prevê nenhum papel político ativo para os camponeses; a coletivização é imposta de cima para baixo e os camponeses só podem obedecer a ordens. Além disso, o papel político dos camponeses não pode sequer ser aquele que eles desempenharam durante a Guerra Popular Prolongada.

Encontrar um ponto de vista unificado dentro do Partido para continuar o experimento se mostrou impossível após o ataque frontal do Ministro da Defesa. Muitos discordaram dele por ser absurdamente aventureiro, mas logo ficou claro que Peng refletia uma atitude generalizada na cúpula do partido, um ceticismo subjacente sobre as capacidades políticas dos camponeses. De fato, até mesmo o dirigismo, o "vento comunista", as estatísticas falsas e todos os obstáculos encontrados pelas comunas convergem para o problema não resolvido do papel dos camponeses na estrutura do socialismo de Estado. A opinião mais difundida nos vários níveis do partido era que o papel dos camponeses era produzir mais.

Mas **com as comunas,** surgiu um papel político real: a invenção de novas formas de socialidade no campo, novas instituições políticas e também novas formas de relacionamento com o governo central. O fato de as Comunas Populares terem capacidade de decisão não apenas na produção, mas também na gestão da vida coletiva, das cantinas e das escolas, e de terem até mesmo uma milícia armada, caracteriza-as como invenções que caminham na direção do que, na visão de Marx e Lênin, deveria ser a redução da separação do aparato militar e burocrático da sociedade, com vistas à extinção do Estado. Nesse ponto, o partido como um todo é extremamente cético e, em muitos casos, profundamente contrário.

A conferência de Lushan terminou com a demissão do Ministro da Defesa, mas também marcou **o fim de todo o experimento**. Mao declarou que o que podia continuar deveria continuar, que mesmo que apenas 30% das cantinas coletivas ou das escolas populares estivessem funcionando, ainda assim era um bom sucesso, mas admitiu que certas partes do experimento poderiam ser temporariamente suspensas. Mao foi forçado a um recuo estratégico e admitiu seus erros, mas mais uma vez enfatizou sua concepção experimental do comunismo: estávamos experimentando algo novo, por isso cometemos erros. Ele diz: "pagamos nossas mensalidades escolares" no sentido de que os erros têm um preço a ser pago, para aprender é preciso cometer erros, portanto, nós os pagamos, mas temos de ser capazes de corrigi-los.

A retirada estratégica de Mao imediatamente deu novo fôlego às posições que negavam aos camponeses qualquer capacidade política. De modo mais geral, o estilo burocrático hierárquico estava de volta à moda em todos os níveis. Isso pode ser visto claramente nas iniciativas tomadas por Mao para reviver uma dinâmica política de baixo para cima, à qual a liderança do Partido sempre se opôs. Houve pelo menos duas dessas iniciativas: a "Conferência dos 7000" de 1962 e o *Movimento para a Educação Socialista* de 1963-1965.

Os "7.000" são quadros de nível médio e inferior que vieram a Pequim de todo o país para discutir como fazer uma avaliação autocrítica dos erros cometidos nos anos anteriores. O próprio Mao era autocrítico. Ele fez um famoso discurso sobre o "centralismo democrático", no qual se concentrou precisamente na questão da democracia de massa e criticou o estilo nocivo dos quadros dirigentes que não suportavam ser criticados por seus subordinados ou mesmo ouvir suas opiniões.

Para mencionar apenas um ponto bem conhecido, nessa reunião, os líderes supremos, liderados por Liu Shaoqi, prepararam um relatório que pediram para ser aprovado por braço levantado, em princípio por unanimidade. Em vez disso, Mao propôs que o relatório não fosse apresentado e lido diretamente no plenário, mas que fosse distribuído com antecedência e discutido em grupos nos vários subcomitês por esses quadros, que estavam mais próximos das situações locais. O relatório foi então corrigido com base nessa discussão, mas Mao teve de se esforçar ao máximo para mudar um procedimento normal para os outros líderes.

Outra iniciativa política de Mao, entre 1963 e 1965, foi ***o Movimento de Educação Socialista***. Novamente, sua ideia era que, ao se mobilizarem de baixo para cima, os quadros de base desenvolveriam habilidades críticas e autocríticas para corrigir erros e inventar politicamente novos caminhos. Em contraste, para os outros líderes centrais, o Movimento de Educação Socialista foi concebido como uma operação em que "equipes de trabalho" compostas por líderes intermediários e superiores eram enviadas de cima para baixo para disciplinar as bases. O ponto de divergência era sempre o mesmo: a capacidade autônoma de corrigir as inadequações da experimentação, em oposição a uma posição dirigista.

De qualquer forma, **Mao estava muito isolado**. Na famosa conversa com André Malraux no verão de 1965, relatada em seus *Antimémoires*, Mao lhe disse: "Estou sozinho". Malraux observou: "Você sempre esteve sozinho", e Mao respondeu: "Estou sozinho com as massas". Além da invenção literária, Malraux compreendeu claramente um ponto-chave da situação.

Crítica de "Hai Rui

Yao Wenyuan escreveu sua crítica de *A Deposição de Hai Rui* por volta do verão de 1965, em uma época em que Mao dizia a Malraux que estava "sozinho com as massas". Para sair de seu isolamento, Mao não tinha um plano claro e podia contar com pouquíssimos aliados. Ele não tomou a iniciativa, mas apoiou o ensaio de Yao Wenyuan, promovido por Jiang Qing e Zhang Chunqiao, leu-o e provavelmente sugeriu algumas correções. Ele a avaliou positivamente, mas nem ele nem Jiang e Zhang previram que ela poderia desencadear um momento tão decisivo.

O tema da disputa é, como sabemos, um drama histórico, ou melhor, uma ópera de Pequim no estilo clássico, escrita por um famoso historiador, Wu Han, após a Conferência de Lushan. ***A deposição de Hai Rui*** foi posteriormente reformulado e encenado em 1962. Sem entrar em muitos detalhes, que, no entanto, são fascinantes, o Hai Rui que Wu Han retrata "moveu-se" ainda mais para a direita; ele não é mais o homem capaz de se opor ao imperador, mas é, acima de tudo, o homem que defende os camponeses, nesse caso, os camponeses que, no drama, são massas amorfas capazes apenas de se ajoelhar diante do grande oficial para implorar que ele intervenha em seu favor.

Como Yao mostra em detalhes, a espinha dorsal do enredo, dos personagens e do diálogo desse drama histórico é a impotência política dos camponeses e a onipotência dos funcionários. Hai Rui está sempre pronto para ouvir as reclamações dos plebeus e punir os funcionários corruptos, mas acaba sendo destituído do cargo porque seus inimigos, aqueles que oprimem os camponeses, o denigrem e querem se livrar dele.

O texto de Yao é muito bem escrito. Os aspectos teatrais, políticos e historiográficos são examinados com grande habilidade e capacidade analítica. Além de usar ferramentas filológicas refinadas para desmantelar a imagem de uma figura histórica que era um defensor incansável dos camponeses, demonstrando que ele era, ao contrário, tão repressivo quanto seus próprios inimigos, Yao enfatiza um ponto essencial: *a deposição* de *Hai Rui do cargo* dramatiza a impotência estrutural dos camponeses em relação à política e ao Estado.

É extraordinário que as questões levantadas pela crítica de um drama histórico tenham dado origem a uma tensão intelectual e política tão intensa como a que levou à Revolução Cultural.

A primeira razão tem a ver com as **qualidades intrínsecas do teatro**, no qual a dimensão puramente subjetiva dos personagens, o que eles fazem e dizem no palco, é muito mais importante do que o que eles "representam". Nesse sentido, o ângulo de ataque da crítica de Yao é propriamente teatral. Primeiro, Yao analisa o que os personagens dizem no palco, antes que eles "representem" determinadas figuras sociais. Yao trata os diálogos em *A Deposição Hai Rui* como declarações políticas. Os do grande oficial são declarações de onipotência política, e os dos camponeses, de total impotência.

Há também **uma característica da ópera de Pequim,** na qual Brecht estava tão interessado, como um exemplo de "distanciamento". Na ópera de Pequim, os personagens, o diálogo e os movimentos no palco não são muito "naturalistas", são até mesmo muito formalizados, o que acentua os aspectos subjetivos da situação teatral. Deve-se ter em mente também que a ideia de criticar o drama de Wu Han veio inicialmente de Jiang Qing, que, naqueles anos, estava liderando uma grande reforma na Ópera de Pequim, que deu origem às famosas "Óperas Modelo" sobre os temas da luta revolucionária. No grupo que inicialmente promoveu essa crítica, certamente houve avaliações e reflexões dentro do teatro. É provável que a própria Jiang Qing tenha inspirado esse ângulo crítico do ensaio de Yao.

A crítica de Yao, precisamente por se dirigir diretamente ao terreno teatral, consegue contornar a estrutura historicista de classe que constituiu **a "obstrução" da política camponesa do Partido Comunista** - a categoria que você propõe em suas notas de estudo parece muito eficaz aqui - e que também bloqueia uma avaliação do confronto de Lushan pela esquerda. Nas categorias do "classismo" e "materialismo histórico", a subjetividade política do campesinato é inexistente. A limitação interna, ou obstrução, como você sugere, é que, em termos da história da luta de classes, o lugar do campesinato no socialismo está longe de ser óbvio. A classe avançada é o proletariado, o campesinato é um aliado que segue o caminho aberto pelo proletariado e seu partido. Em vez disso, Yao vai direto ao cerne da questão, examinando as declarações, ou melhor, as intenções subjetivas que os personagens declaram. Não que Yao exclua a perspectiva de classe, mas ele se concentra, antes de tudo, nas posições subjetivas dos personagens. Dessa forma, ele vai ao cerne do confronto de Lushan seis anos antes, que havia permanecido "obstruído" pela visão classista e pelas leis do desenvolvimento histórico.

A posição de Wu Han é exemplar nesse aspecto. Ele está perfeitamente ciente do que aconteceu na conferência de Lushan - ele está em contato indireto com a liderança do partido - e no drama ele encena muito mais do que a "demissão" de um ministro; por meio da "fábula teatral", ele capta a essência do confronto subjetivo que ocorreu em 1959, mesmo que mais tarde ele afirme que o drama não tem nada a ver com esse confronto.

Por outro lado, **Wu Han é, antes de tudo, um historiador** e, durante a controvérsia aberta pela crítica de Yao, ele reiterou o que havia escrito sobre Hai Rui em um longo ensaio historiográfico escrito para a Conferência de Lushan. Wu se defendeu das críticas de Yao principalmente com os argumentos de "relações de classe" e "desenvolvimento da história". Em sua opinião, os camponeses não

representavam as novas relações de produção e, portanto, não poderiam, como uma "classe", promover o "desenvolvimento das forças produtivas". Hai Rui, por outro lado, precisamente em virtude de sua benevolência para com os camponeses que imploram por misericórdia, mitiga a opressão de classe e promove as forças produtivas, o que necessariamente implica o progresso da história.

É preciso dizer que a **crítica de Yao Wenyuan** não exclui a perspectiva classista. Ela a coloca em segundo plano, consegue contornar seus efeitos mais paralisantes, mas não a exclui. O que, mais uma vez, constitui uma "obstrução" na controvérsia que se seguiu. Deve-se lembrar que há uma grande efervescência no mundo intelectual chinês e que cerca de 10.000 textos chegam aos jornais de leitores que participam apaixonadamente do debate. É uma grande participação, se considerarmos que as questões abordadas exigem um certo conhecimento historiográfico. Acho que o debate é estimulado justamente pela abertura do teatro. É daí que surgem as posições mais originais nesse debate, ou seja, aquelas que abordam os nós subjetivos do drama de Wu Han. Por outro lado, a crítica de Deposição de *Hai Rui a* partir de uma perspectiva "classista" retém o debate, talvez produzindo artigos mais inflamados de "esquerda", mas é confrontada com contra-objeções da "direita", como as mencionadas acima, de Wu Han sobre o "desenvolvimento da história" que somente "funcionários honestos" e não camponeses podem promover.

Em última análise, esse é o núcleo ideológico da política do PCC em relação ao campesinato chinês hoje: como uma "classe", eles não são nada, e tudo o que eles conseguiram inventar há algumas décadas, com a criação de novas instituições políticas no campo, não passa de uma ilusão, um fanatismo que levou à catástrofe. Mas, sob a orientação de funcionários públicos benevolentes e com visão de futuro, que os libertaram da opressão das Comunas Populares que eles mesmos inventaram em seu atraso, os camponeses podem agora, finalmente, dar sua contribuição para o desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, da História: eles podem fazer isso tornando-se trabalhadores migrantes, uma força de trabalho barata, constantemente mudando de uma fábrica para outra (o tempo médio de trabalho na Foxconn é de três meses), mercadorias intercambiáveis em um dos mercados de trabalho mais flexíveis do mundo, mas também um dos mais rigorosamente disciplinados.

A deposição de Hai Rui antecipou o destino que os camponeses chineses enfrentariam quando seu "fanatismo pequeno-burguês" fosse eliminado e a dominação capitalista restabelecida.

●●●

[SITUAÇÃO INTERNACIONAL]

Publicamos aqui o segundo artigo de opinião de Sol V. Steiner sobre a situação israelense-palestina.

Sol V. STEINER: *DECOLONIZANDO CONSCIÊNCIAS - SIONISMO EM QUESTÃO (2)*

O primeiro artigo tratou do terremoto aberto pelos eventos de 7 de outubro de 2023 para o Estado de Israel e os israelenses. Entre outras coisas, o 7 de outubro produziu uma lacuna irreversível no aparato ideológico do sionismo, entre promessas e negações. A promessa do novo Estado como garantia de segurança "para os judeus de todo o mundo" foi quebrada, enquanto a negação estrutural da existência do povo palestino revela uma história falsificada - incluindo o mito do "retorno à terra sagrada" - para melhor ocultar o fato colonial.
Descolonizar a narrativa sionista, identificar suas falhas e desmascarar as múltiplas reviravoltas entre mitologia e realidade é o tema deste artigo.

Observação

O Hamas pediu oficial e publicamente "perdão" ao povo palestino pelo sofrimento causado pela guerra assassina travada pelo Estado israelense em resposta à intervenção sangrenta de 7 de outubro de 2023. A carnificina do Hamas está provando ser o que é: **o pior dos piores impasses políticos** para o povo palestino, já que Gaza se tornou o cenário de uma destruição sem precedentes. Os números são assustadores: no espaço de sete meses, mais de 33.000 palestinos foram mortos. Não sabemos mais quantas crianças foram mortas. Também não sabemos quantas pessoas foram deportadas ou deslocadas. A fome se instala (de minha parte, já não consigo mais ler os relatos de testemunhas oculares e os relatórios de campo).
Os africanos têm um provérbio que diz: "*Quando você estiver se afogando, agarre-se aos crocodilos*". Os crocodilos são, nesse caso, péssimos "amigos" para aqueles que tentam controlar a correnteza. Tome nota.

Liminar

"A questão palestina" voltou, sob as piores condições possíveis, para assombrar aqueles que a negam há 75 anos. Seu retorno afirma uma verdade que está se impondo como sua realidade.
Nenhum exército, nenhum muro, nenhuma lei fundamental supremacista, nenhuma mitologia messiânica protegerá um país que decide, para judaizar uma terra árabe, apagar todos os vestígios da memória do povo que a habita.
A justiça para o povo palestino agredido, humilhado, despossuído, deportado e deslocado só pode ser alcançada por meio de um processo de descolonização do sionismo.
Para os israelenses que desejam viver em paz, igualdade e justiça com seus vizinhos, respeitando as identidades e histórias de cada um, a descolonização de sua história é a chave para seu futuro.

1. Jonathan Glazer e o espírito colonial

Em um artigo publicado no Le *Monde* em 30 de janeiro de 2024, o diretor Jonathan Glazer disse o seguinte sobre seu filme A *Zona de Interesse:*

> *"Precisamos que essa catástrofe não seja um momento calcificado da história, que não esteja em uma bolha de âmbar, precisamos que ela nos guie até o presente. O casal Höss [1] nos diz algo, por exemplo, sobre o espírito de colonização. Ele se via como um pioneiro da colonização alemã*

[1] Casal nazista,sendo Hoss o guarda do campo de Auschwitz.

> *no leste, do Lebensraum que foi amplamente inspirado em Hitler pelo conceito de 'destino manifesto americano'."*

O filme de Jonathan Glazer não é sobre o extermínio dos judeus da Europa, mas sobre o que torna possível a convivência ao longo do tempo diante da injustiça sistêmica legitimada.
A resposta é: o espírito colonial. Essa é uma verdade que a narrativa sionista tem se esforçado freneticamente para ocultar desde sua criação. E Glazer continua, imperturbável, enquanto recebe sua estatueta na cerimônia do Césars em 25 de fevereiro de 2024 - o público aqui é considerável:

> *"Neste exato momento, estamos aqui como pessoas que se recusam a permitir que seu judaísmo e o Holocausto sejam usados indevidamente para uma ocupação que causou tanto sofrimento a tantas pessoas inocentes. Quer estejamos falando das vítimas do 7 de outubro em Israel ou dos incessantes ataques em Gaza, todas elas são vítimas dessa desumanização*".

É desse **ponto de vista dos judeus antissionistas** que me parece urgente, nas condições de catástrofe, expressar de maneira mais forte possível um judaísmo que seja autônomo em relação ao sionismo e fiel à sua ideia de emancipação.
Esse "espírito colonial" está de fato presente nos textos dos fundadores do sionismo - e é por isso que parece apropriado citá-los - mas desapareceu logo após a fundação do Estado de Israel em favor de uma narrativa centrada no "novo judeu" a ser construído para "Eretz Israel".

1-1 Textos narrativos sionistas

Vladimir Jabotinsky, líder de primeira importância do sionismo, escreveu em um artigo de 1924 intitulado "Muro de Ferro":

> *"Todo povo indígena resistirá aos colonizadores estrangeiros enquanto não tiver esperança de se livrar do perigo da colonização.* Portanto, não há acordo possível entre colonizadores e colonizados. Se nenhum acordo fosse possível, a única alternativa para a colonização sionista seria continuar *"sob a proteção de uma força independente da população local",* de um *"muro de ferro que a população indígena não poderia atravessar*".
>
> O vocabulário é claramente o do bestiário colonial.

Em uma entrevista publicada em 8 de janeiro de 2004 no jornal *Haaretz,* Benny Morris, um historiador israelense, disse o seguinte:

> *"Um Estado judeu não poderia existir sem a expulsão de 700.000 palestinos. Portanto, eles tinham que ser expulsos. Se o desejo de estabelecer um Estado judeu era legítimo, não havia outra opção. (...) A necessidade de estabelecer esse Estado nesse lugar era mais importante do que a injustiça cometida contra os palestinos ao expulsá-los*".

Ele continuou:

> *"Se o fim da história for um desastre para os judeus, será porque Ben Gurion* [primeiro-ministro de Israel na época] *não realizou uma transferência completa em 1948 (...) Se a existência de Israel for ameaçada, a expulsão será justificada.*"

Esse é o pensamento colonial sionista em si.

A ideia da injustiça cometida contra os palestinos é recorrente como um leitmotiv em vários textos. Os sionistas sabem o que estão fazendo e escrevem sobre isso.
Moshe Dayan, chefe do Estado-Maior de Israel, no funeral de um jovem israelense morto perto da fronteira egípcia, fez este discurso em 1956, certamente o mais famoso, que não envelheceu um dia sequer desde então. Ele poderia ser dirigido aos israelenses após 7 de outubro de 2023:

> *"Não* vamos *acusar os assassinos. Quem somos nós para culpá-los por seu ódio? Há oito anos, eles estão em seus campos de refugiados em Gaza e, diante de seus olhos, estamos nos estabelecendo em suas terras, nas aldeias onde eles e seus ancestrais viveram. Somos uma geração de colonos e, sem capacetes de aço e armas, não podemos plantar uma árvore ou construir uma casa. Não vamos desviar nossos olhos quando virmos o ódio fermentando nas centenas de milhares de árabes ao nosso redor. Esse é o destino de nossa geração, a escolha de nossas vidas - estarmos prontos, armados, fortes e resistentes, caso contrário, a espada escorregará de nossas mãos e nossa própria existência se transformará em fumaça*".

Este texto é um manifesto.
Dayan parece estar se dirigindo àqueles que não querem entender que o kibutz, que personifica o início do colonialismo de assentamento, não pode plantar um tomate no deserto sem a intervenção de um sistema de segurança global. Sem despertar o ódio daqueles de quem a terra foi roubada para... plantar esses tomates. A reação de certos kibutzim após 7 de outubro de 2023, lamentando a destruição do "Éden verde" plantado a menos de... seis quilômetros de Gaza, parece provar que o texto de Dayan estava certo. Eles ainda não querem entender.

Como podemos falar de um "sonho" sionista se ele precisa expulsar as pessoas que vivem lá da terra e obrigá-las a construir muros ao redor de si mesmas por medo das outras pessoas que elas expulsaram? O uso da palavra *sonho não* encobre o uso da palavra *pesadelo*?
As palavras de Dayan **sugerem o pesadelo que está por vir**, um lamento que lembra a tragédia grega, exceto pelo fato de que o fatum, nesse caso o destino, é a escolha singular de uma vida como colono. Dayan não faz referência a um texto messiânico para justificar a escolha dessa vida, sob o signo da espada e do capacete de aço. Esse texto é surpreendente em sua verdade lapidar: as terras "virgens" que florescerão no deserto existem apenas na boca dos colonos. E o preço dessa mitologia tem um nome: guerra.
Golda Meïr, a primeira-ministra socialista, cunhou essa famosa frase em 1969:

> *"Quem são os palestinos? Não conheço ninguém com esse nome. Eles não existem*."

Esse é o DNA do sionismo.

1-2 O totem de *Balfour*

A Declaração Balfour de 1917 afirma:

> *"O sionismo, certo ou errado, bom ou ruim, está enraizado em tradições antigas, em necessidades atuais, em esperanças para o futuro, em um todo muito maior do que os desejos e frustrações dos 700.000 árabes que vivem nesta antiga terra hoje*".

Com o cinismo próprio do poder imperial britânico, a Declaração Balfour deu ao futuro Estado sionista o cheque em branco necessário para sua legitimidade. Mas ela também foi um magistério sobre os significados do colonialismo.
A declaração afirma que o sionismo - assim como o colonialismo - não é responsável perante ninguém. Ele está além da moralidade. Além de toda justiça. Ele É, ele é o Império, com suas mitologias, seus messianismos, seu querer. **Esse totem ontológico e político** justificaria a arrogância da injustiça cometida contra os 700.000 árabes expulsos. A "questão árabe" palestina seria relegada à seção de "lucros e perdas" da colonização sionista assim legitimada. Uma transferência de poder entre a potência imperial inglesa, dominante na época, e o estado sionista em formação. Como o sionismo era essencialmente europeu, ele seria um aluno fiel do colonialismo europeu. Não é a menor das reviravoltas na narrativa sionista atribuir sua legitimidade ao Ocidente imperial, que autorizou, se não colaborou, por vários meios e em silêncio eloquente, na "Destruição dos judeus da Europa" (Raul Hilberg).

1-3 em Israel, Palestina

A situação assim nomeada nos textos evoca o título do excelente livro (publicado em 1987) de Ilan Halévy, jornalista e político judeu, francês e palestino de origem iemenita, falecido em 2013, "*Sob Israel, Palestina*".
"Sob Israel, a Palestina" é **a verdade oculta da narrativa sionista**.
É **a Nakba de 1948** (para os palestinos) que a mitologia messiânica da "terra dada aos judeus" quer apagar da história e da memória comum. É a judaização forçada da Palestina histórica para torná-la uma terra judaica. O sionismo postula o "retorno" de todos os judeus do mundo para a chamada terra ancestral de Israel como um princípio central de sua narrativa, mas proíbe qualquer retorno para seus habitantes, os palestinos, que foram expulsos. Essa é outra de suas reviravoltas que pode explicar seu medo (histérico) do antissionismo. A ideia do "retorno de todos os refugiados palestinos à sua terra natal histórica" é o pesadelo dos sionistas.

1-4 O mito messiânico do retorno

Para os sionistas, não pode haver sionismo sem a Palestina. Não há sionismo sem o retorno à Palestina. Antes da Palestina, houve tentativas de criar um "lar nacional judaico", como defendia Theodor Herzl na década de 1880, para oferecer segurança aos judeus do mundo contra o aumento de perigos antissemitas, em Birobidjan, na Rússia, em Uganda, na África, mas os sionistas não estavam interessados.
Para o retorno à Palestina, a narrativa deve justificar os termos bíblicos da redenção judaica e da libertação espiritual, e certificar seu aspecto messiânico como a base real do projeto de assentamento. **O uso da palavra *refúgio*** é um elemento ideológico que faz a ligação com a histórica "vitimização judaica", que é essencial para a narrativa sionista. **A ideia de retornar aos traços bíblicos** é mais importante do que a de refúgio.

> *"Com os conceitos de negação do exílio e retorno à história, o assentamento sionista judeu na Palestina será apresentado como a restauração da soberania judaica, o retorno do povo judeu a uma terra apresentada como sua (e supostamente vazia) e como o ponto culminante da história judaica, a realização de aspirações milenares. Essa abordagem estabelece uma continuidade, uma ponte entre os tempos bíblicos e o presente*.
> Amnon Raz-Krakotzkin. *Exílio e soberania. Judaísmo, sionismo e pensamento binacional*. 2007. Éditions la Fabrique.

1-5 Os palestinos não existem

Para concluir o projeto sionista, era necessário trazer o maior número possível de judeus.
Mas para chegar lá, **a narrativa teve que ser centrada em uma** típica **mentira colonial**: "*uma terra sem povo para um povo sem terra*", resumida pela frase de Golda Meir: "*os palestinos não existem*".
Mas, na realidade, a expulsão, a destruição e a limpeza étnica dos habitantes da Palestina (que existem de fato) tiveram de ser realizadas em nome do mito de uma terra sem pessoas (que pressupõe que elas não existam). Essa enésima reviravolta tem sido a base da imaginação israelense, alimentando gerações desde os primeiros kibutzniks até os colonos da Cisjordânia. Ela também estabelece uma lei feroz; a dupla adesão a uma mitologia e a uma realidade que a contradiz incentiva um retorno violento do recalcado. O que anuncia a morte que está por vir.
Se os palestinos não existem na mitologia sionista, há outro importante que existe: o judeu do exílio, o judeu de Galut, contra o qual o novo Estado israelense foi construído.

2. Israel ou dupla negação

2-1 A negação do exílio e a criação do "novo judeu"

> *"O conceito de negação do exílio, indissoluvelmente ligado ao do retorno da história, enfatiza um mito global que ainda hoje contribui para o desenvolvimento da consciência israelense. A negação do exílio é o princípio que sempre moldou a consciência, a história e a política israelenses*".
> Amnon Raz-Krakotzkin. *Exílio e soberania. Judaísmo, sionismo e pensamento binacional*. 2007. Éditions la Fabrique.

A negação do exílio é **o alegado desprezo pelo** judeu do Galut (*exílio* em hebraico), **o judeu diaspórico**: o judeu exilado, o judeu pálido e passivo do gueto, fraco e degenerado, ortodoxo e irracional. *"A rejeição da cultura do exílio era a palavra de ordem comum, a base sólida sobre a qual o espírito do Yishuv foi construído*".
Ben-Gurion estabeleceu as regras que ditariam a atitude sionista trabalhista em relação à diáspora e à cultura Galut no futuro:

> *"É preciso uma nova fita métrica para separar sua mala velha. Tudo o que for grande o suficiente, importante o suficiente para nossa nova rota, nós levaremos conosco. Tudo o que é mesquinho, podre e cheira a exílio, jogaremos fora e desaparecerá com a herança ruim do passado morto, para que o passado não lance sua sombra sobre nossa nova alma e profane nossa redenção*".
> *Sonhos e história*. Amnon Rubinstein. Calmann-Lévy.1985.

O "novo judeu" é jovem, forte, trabalhador e produtivo. Não necessariamente religioso. Secular e moderno. Ele é o "sabra" da nova era sionista. Ele encarnaria o que Max Mordau, um dos primeiros sionistas, chamou de "judaísmo muscular". Shorts e camisa cáqui, metralhadora pendurada no ombro para proteger o kibutz, cantando ao redor da fogueira - essa é a imagem do sabra que o filme Exodus, de Otto Preminger, lançado em 1960, tornou icônico.
Mordeau pediu aos judeus que se "regenerassem", defendendo a educação física para transformar judeus esporádicos em homens fortes.
Uma cópia... da escola de quadros de Uriage que, como parte da revolução nacional petainista, tinha como objetivo regenerar pelo corpo a juventude francesa corrompida pela decadência democrática (sic).
Para Ben Gourion, primeiro-ministro de Israel desde 1955, o sionismo é a consagração da história judaica bíblica. O sionismo seria alcançado por meio da criação do "novo homem". Para o novo homem, em "sua terra" (sic), kibutzes são construídos, árvores são plantadas e... tomates. Foi Ben Gurion quem apagou dois mil anos de exílio da história judaica com o toque de uma caneta, abolindo o Talmud e substituindo-o pela Bíblia. A palavra *redenção* continuou sendo um conceito messiânico religioso que

Ben Gurion "adaptou" em um messianismo nacional e político.

2-2 Um sionista ainda é um judeu?

A colonização da Palestina por um número crescente de judeus evidenciou **uma ruptura radical com o passado judaico. Desde o** início, esses novos judeus não queriam mais usar o termo "judeu"; eles queriam ser hebraicos. Todas as instituições adotaram a mesma linguagem; elas eram hebraicas, não judaicas. Os judeus que chegaram a Israel tiveram que esquecer seu idioma, sua história e suas tradições e aprender hebraico. As características do novo homem, o *sabra,* eram o hebraico, o kibutz, o trabalho manual, o retorno à terra e o amor pelas raízes recém-adquiridas. **O iídiche, a língua** do Yishuv e da Torá, que havia sido banida, voltaria, mas para apoiar a ideologia da vitimização.

> *"Judaísmo agora significava ser hebreu, amar a terra, apaixonar-se pela natureza e dar à tradição um novo significado nacional e social*.
> *Sonhos e história*. Amnon Rubinstein. Calmann-Lévy. 1985.

Essa vergonha do antigo judeu - o judeu milenar, o judeu religioso, o judeu comunista, o judeu "Yd" - levou o sionismo a designar o judeu diaspórico como responsável pelo extermínio dos judeus da Europa.

> *"Vejo o Genocídio como parte de uma cadeia de eventos cujas características já estavam fixadas no início do exílio [...] O Genocídio é a prova definitiva e absoluta do fracasso da diáspora."*
> Abraham B. Yehoshua. *Para uma normalidade judaica*. 1981. Éditions Liana lévi.

Para Yehoshua, **o exílio é uma "neurose"**, uma declaração ecoada pela propaganda antissemita sobre a "degeneração" dos judeus**.** O sionismo é a única maneira de viver plenamente "a vida judaica", diz o escritor, que também é ativista do falecido "Paz agora" com seus amigos, também escritores, Amos Oz e David Grossman, o trio intelectual mundialmente famoso da antiga esquerda sionista.
Ele ficou surpreso com o forte e contínuo apego dos judeus ao exílio e com a falta de entusiasmo para emigrar para Israel em 1981:

> *"As portas estão abertas, as oportunidades são vastas, mas os imigrantes não estão chegando. As ondas de imigração trouxeram pessoas em perigo: sobreviventes do genocídio, refugiados de países árabes e comunistas, etc.*".
> *Por uma normalidade judaica*. 1981 Publicado por Liana Kévi

Os sobreviventes árabes, judeus e comunistas em perigo são... judeus de verdade?

2-3 Não há judeus em Israel, apenas israelenses

A resposta à pergunta está na declaração. O Estado de Israel não é o Estado de todos os judeus, mas o Estado do "novo judeu", concebido, construído e realizado contra o judeu exílico e universal. **Esse "novo judeu" agora é chamado de israelense,** um **kibutznik/colono**, habitando uma terra conquistada pela expulsão daqueles que viviam lá e afirmando a supremacia do Estado judeu. Em Israel, os "novos judeus" se tornaram israelenses, cidadãos de um estado chamado *Israel*. Eles não são mais judeus do ponto de vista da história do exílio. Assim, entendemos a utilidade do amálgama antissionista versus antissemita. Para o sionismo, é necessário manter o nome do Estado judeu a todo custo a fim de proteger o sionismo de qualquer ataque sistêmico através da "vitimização judaica". Qualquer ataque a Israel é chamado de *pogrom* e o ataque de 7 de outubro se torna um novo Holocausto.

2-4 Sionismo: uma dupla negação do exílio judeu e da identidade palestina

O Estado sionista foi construído com base em uma dupla negação reativa: a **negação do judeu diaspórico e a negação do povo palestino**. A negação do exílio para o primeiro, o exílio para o segundo. Essa estrutura de continuidade na dupla negação leva à rejeição do múltiplo e consagra a primazia da identidade do Um. Essa dupla recusa é incorporada na forma de uma mônada baseada em um binarismo simplista: eles e nós. Eles contra nós. Nós e eles. Esse edifício só pode apoiar o crescimento do racismo e do antissemitismo. É perigoso para o respeito aos povos e às identidades. Desse ponto de vista, o judeu diaspórico não pode deixar de ser antissionista. Ele apóia seu irmão no exílio.

●●●

[CARTAS DO MUNDO].

DIOGO FAIA FAGUNDES: *AS DUAS SINGULARIDADES DO BRASIL OU: COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?*

Diogo Faia Fagundes, pós-graduando em filosofia do direito pela Universidade de São Paulo, é membro da *Brigada da Longa Marcha* (BLM).

A longa carta que nos foi enviada por Diogo Faia Fagundes é uma análise crítica muito detalhada da situação política no Brasil, suas especificidades, sua história, que ele periodiza, e o atual confronto viciado entre o bolsonarismo, descrito como neofascista, e o petismo (nome do Partido dos Trabalhadores de Lula), que acabou sendo absorvido pelo Estado neoliberal e só pode contar com o argumento defensivo e, portanto, fraco de "reação à reação bolsonarista". No final, ele descreve algumas razões para acreditar que um renascimento das ideias comunistas poderia surgir no Brasil, o que tornaria possível escapar da deletéria oposição parlamentar entre o bolsonarismo e o petismo.

A situação política do Brasil chama a atenção de qualquer observador externo já há uma década, pelo menos. Como o governo encabeçado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), responsável por tirar milhões da miséria, foi derrubado tão facilmente por um golpe de Estado? É verdade que Lula, um estadista celebrado internacionalmente e o presidente mais popular do mundo em certo momento, foi preso devido à corrupção? Por que a próspera e promissora economia de um dos países tidos como emergentes gerou uma crise econômica brutal? De que modo um país com uma esquerda tão eleitoralmente forte tornou-se o nascedouro de um dos movimentos neofascistas mais reacionários do mundo, liderado por Jair Bolsonaro, provavelmente o mais grosseiro, ignorante e desqualificado aventureiro a ser chefe de Estado de algum país? E, para coroar a saga do heroi redimido, como foi que Lula conseguiu retornar triunfante contra seu adversário?

Para entender esse quadro dramático digno do cinema ruim, uma simples anedota jornalística não é suficiente. Precisamos nos aprofundar. Mas primeiro precisamos **esclarecer a situação atual**, marcada por um novo governo Lula após as eleições de 2022.

Oito pontos

1

Lula não foi libertado da prisão como resultado de um movimento de massas de esquerda. Os excessos judiciais e a natureza partidária do movimento anticorrupção que o colocou atrás das grades (Operação *Lava Jato*, "Lava *Jato Expresso*") eram conhecidos há muito tempo. Apesar dos méritos de uma corrente de opinião militante e persistente em torno da luta por sua liberdade, o fator decisivo em seu retorno ao jogo eleitoral foi a mudança de posição de um setor das classes dominantes brasileiras.

Após terem embarcado na candidatura de um aventureiro perigoso, houve um distanciamento importante de parcela da grande burguesia em relação ao governo de Bolsonaro quando este passou a sabotar o esforço de vacinação pública e a convocar seu movimento de massas para desafiar as instituições e flertar com o golpe de Estado. Este lado excessivo e instável do bolsonarismo levou ao entendimento de que somente Lula seria um líder popular com envergadura suficiente para derrotar Bolsonaro nas urnas e impedir uma degradação institucional que geraria riscos para os negócios de muita gente – incluindo a poderosa *Globo*, maior grupo de mídia e “cultura” do país, um verdadeiro monopólio, à

frente tanto da campanha pela prisão de Lula quanto da batalha pela sua vitória eleitoral contra Bolsonaro em 2022.

2

A vitória eleitoral de Lula em um segundo turno muito difícil contra Bolsonaro (com uma diferença de apenas dois milhões de votos) foi marcada pela extrema amplitude de alianças, simbolizada pelo vice-presidente, Geraldo Alckmin, ex-líder do PSDB (o partido que era o principal oponente do PT antes do surgimento de Bolsonaro) e pela aproximação com a *Globo*. A posição norte-americana de Joe Biden contra qualquer tentativa de golpe de Bolsonaro (já que ele é um apoiador fanático de Trump) também levou o exército a hesitar sobre os planos golpistas.

Esse amplo arco de apoio foi baseado na disjunção "democracia vs. ditadura", que corresponde à propaganda ideológica dos Estados Unidos e do "Ocidente" em relação a seus inimigos.

3

Também vale a pena observar **a falta de um programa coerente** na campanha eleitoral. O principal afeto mobilizado por Lula, além do medo de uma possível ditadura, foi a nostalgia de seus primeiros governos. Quase nenhuma proposta foi apresentada, a não ser um vago apelo de retorno aos bons tempos, garantido não por um conjunto de ideias articuladas, mas pela simples presença física de Lula. Essa foi, sem dúvida, a eleição em que houve menos debate de ideias ou programas de Estado na última República brasileira.

4

Quais iniciativas o novo governo **Lula tomou?**

Por um lado, o retorno das antigas políticas sociais, desmanteladas pelo governo Bolsonaro. O Estado está em processo de reconstrução após anos de intenso desmonte.

De outro, a continuidade da agenda liberal que hegemoniza o país desde o golpe contra Dilma Rousseff (2015-16). Essa agenda, batizada pelo governo de Michel Temer (vice-presidente de Dilma que assumiu o poder após o golpe) como a "Ponte para o Futuro", permanece intacta. Nenhuma das "reformas" aprovadas (reforma trabalhista, reforma previdenciária, privatização de empresas estatais, como a Eletrobrás e as refinarias da Petrobrás) foram revertidas e a agenda econômica segue no mesmo caminho, visando a redução de déficits, obsessão pela redução da dívida pública, diminuição do tamanho do Estado de bem-estar (gastos previdenciários e pisos obrigatórios para saúde e educação são novamente visados como obstáculos) e atração de investimento externo via bom ambiente de negócios.

A marca do primeiro ano da nova gestão foi a elaboração de um novo teto de gastos públicos, redobrando a aposta na austeridade fiscal que marca a política econômica brasileira desde a crise econômica de meados da década passada.

5

O espírito de conciliação e apaziguamento, tão típico de Lula, recrudesceu após a saída da prisão. Em vez de um Lula mais ousado, temos um governo de horizontes mais recuados. Um exemplo típico está no modo como o governo lidou com os golpistas (tanto os que tentaram abertamente o golpe no dia 7 de janeiro de 2023 quanto militares que comprovadamente conspiraram contra as urnas e o rito eleitoral): nenhuma punição a militares envolvidos em conspirações. Terceirizou a disputa política contra os golpistas para o Judiciário, despolitizando a questão. Pelo contrário: por medo do confronto, a administração federal sequer se manifestou publicamente na ocasião do 1º de abril, data do golpe militar de 1964! Enquanto amarra os movimentos da esquerda na disputa da memória do país, os militares continuam livres para celebrar sua versão dos acontecimentos passados, reescrevendo a história ao seu bel prazer.

6

O ponto anterior indica que **o atual governo Lula segue o mesmo cenário** de sua primeira vitória em 2003, quando, contra as expectativas da esquerda, não cancelou nenhuma privatização nem realizou nenhuma reforma estrutural no país.

O fato é que, naquela época, o movimento neofascista não era tão forte e mobilizado como hoje (com governadores de alguns dos principais estados do país, inclusive São Paulo, além de forte presença no Legislativo), que a situação internacional era muito mais confortável devido ao crescimento acelerado da demanda por commodities da China e que o Congresso (nosso parlamento) ainda não havia adquirido tanta força e autonomia econômica como hoje. As divisões na sociedade brasileira continuam fortes, como mostra o baixo índice de aprovação do governo (35%), o que não lhe permite esperar um retorno a um período de ampla popularidade.

7

Este quadro é preocupante pois as expectativas dos setores mais pauperizados eram altas, ao imaginarem que uma melhora rápida das suas condições de vida seria garantida, o que não ocorreu nem ocorrerá. A frustração com o governo - o único dique de contenção imediato ao retorno da extrema-direita - pode levar a uma situação catastrófica. Nem o governo nem os partidos de esquerda (convertidos em apêndices do Estado) demonstram qualquer iniciativa política, se contentando meramente em administrar uma situação perigosa. A intelectualidade é pouco crítica e, em geral, se alinha incondicionalmente ao governo, em nome da democracia. O medo domina as subjetividades políticas. Os partidos de esquerda, meras máquinas eleitorais, perdem capacidade de formular grandes estratégias ou programas e se resumem a representar no parlamento demandas de “minorias” (mulheres, negros, gays, lésbicas, etc.) e de “direitos humanos”, de forma segmentada, sem qualquer visão de conjunto alternativa à ordem atual.

8

O que ainda torna Lula único como líder político são seus vínculos com o movimento operário, seus laços estreitos com a população mais pobre (especialmente no Nordeste, a região mais pobre do país, de onde Lula, como muitos trabalhadores de São Paulo, emigrou) e sua posição relativamente independente na política internacional.

No entanto, nunca antes o movimento sindical brasileiro esteve tão enfraquecido (a prova é o fracasso público da ação liderada por Lula em 1º de maio), enquanto os méritos na política externa são mais o efeito da retórica do que de uma articulação coerente na liderança do subcontinente. Essas qualidades seriam perdidas se Lula morresse. Seu provável sucessor, Fernando Haddad (candidato em 2018, quando Lula não pôde se candidatar), é um acadêmico tecnocrata que se comporta como uma caricatura de ministro da economia, obcecado em cortar gastos, sem vínculo com o mundo do trabalho, com a população mais pobre ou com a esquerda latino-americana mais anti-imperialista, ligada à experiência cubana.

•

Esses oito pontos resumem a difícil situação do Brasil. Eles podem parecer excessivamente pessimistas, especialmente diante do triunfalismo auto celebratório que tem marcado a posição da esquerda brasileira, mas expressam uma visão desencantada da capacidade do Estado brasileiro de responder aos principais anseios das massas, bem como de eliminar as causas estruturais que geraram o fenômeno Bolsonaro. Ao contrário do que se imagina, o movimento de massa neofascista não é simplesmente um fenômeno eleitoral, e muito menos temporário.

Questões de método

A fim de esclarecer estas razões de fundo, faz-se necessária uma **visão de conjunto da história recente do país**. Esta “digressão” é indispensável, pois uma das marcas da baixa qualidade do debate político brasileiro está na ausência de visão ampla do passado (o que se reflete na visão de curto-prazo do

futuro). Cumpre, portanto, destacar tendências históricas de mais longo prazo na configuração do Estado e da sociedade brasileiras. No entanto, estas tendências - sejam econômicas ou "sociais" - não bastam para elucidar nosso problema. Na melhor das hipóteses, podem fornecer um quadro geral de inteligibilidade das estruturas e constrangimentos existentes; na pior das hipóteses, levam a um determinismo econômico ou sociológico.

Duas singularidades

Complementaremos a visão estrutural com uma análise das **contingências políticas da história recente do Brasil**.

Em nossa opinião, há duas singularidades políticas que precisam ser compreendidas se quisermos ter uma visão precisa da política brasileira atual. Qualquer análise que isole apenas uma dessas duas singularidades leva a graves erros de orientação política - a mais comum é destacar a força do bolonarismo como uma excrescência que pode ser facilmente expelida ou, ao contrário, hipertrofiar sua dimensão, interpretando-o como um resultado estrutural e necessário da formação social brasileira.

Quais são essas duas singularidades?

1

A primeira é a formação do que podemos denominar o "**campo democrático-popular brasileiro**", no final dos anos 70 e início dos anos 80, com protagonismo do nascente Partido dos Trabalhadores, mas marcado também por outras forças de esquerda, e resultado de greves operárias, manifestações estudantis, movimentos camponeses e oposição frontal à ditadura militar.

Este conjunto de organizações políticas, desde movimentos pela saúde pública (que estão na origem do atual Sistema Único de Saúde, uma conquista da Constituição de 1988) a organizações pela reforma agrária (como o conhecido Movimento dos Sem Terra, o MST), passando pela reorganização da principal entidade estudantil do país, destruída pela ditadura, a União Nacional dos Estudantes (UNE), formou o pólo mais combativo da nascente Nova República brasileira, lhe dando seu caráter "social" distintivo.

Destacamos o fato de que isso ocorreu numa conjuntura mundial marcada pela crise do socialismo e do marxismo.

2

A segunda singularidade política é mais recente: o **movimento neofascista liderado por Jair Bolsonaro**. Trata-se de uma reação direta às administrações do PT, mas, de forma mais ampla, ao "espírito" da Nova República, consolidado na Constituição de 1988 e marcado pela rejeição à ditadura militar brasileira.

Ele também é fruto de uma **série de movimentos de massa** que começaram em 2013, mas que assumiram um caráter mais diretamente de direita a partir de 2015 e 2016, como parte do ciclo de revoltas contra Dilma Rousseff. Embora Bolsonaro tenha se tornado o representante simbólico e político mais proeminente desse movimento, ele não se limita a ele: há organizações ainda vivas hoje, como o MBL (*Movimento Brasil Livre*), que são produtos diretos desse ciclo de revoltas. Em termos gerais, esse grupo de organizações - muitas vezes em conflito entre si - poderia ser chamado de campo neofascista.

Quatro movimentos

A inteligibilidade do quadro político brasileiro, portanto, exige esse "longo desvio" pelo nascimento, consolidação e crise da Nova República, na qual dois corpos políticos se destacaram: o petismo e o anti-petismo. Nada é mais prejudicial na análise da situação brasileira do que isolar o bolsonarismo de seu papel eminentemente reativo, totalmente dependente das consequências dos eventos que selaram o destino final da ditadura militar.

Distinguiremos:

I. as principais tendências na formação e consolidação **do Estado brasileiro** (entendido em seu sentido mais amplo);

II. as principais tendências da **Nova República** (1985 até os dias atuais), após o fim da ditadura militar;

III. uma análise da formação e consolidação da primeira singularidade brasileira (**o campo democrático-popular**), desde seu surgimento até seu estado atual;

IV. uma análise do **campo neofascista**, com base na crise da Nova República e em antagonismo direto com o campo democrático-popular. Ao final dessa jornada, poderemos oferecer algumas diretrizes modestas, com base no trabalho político atual e na avaliação desse período histórico.

I - Tendências na história do Estado brasileiro

Vamos nos limitar aqui a listar algumas teses. Esclarecer essas tendências é um imperativo para qualquer trabalho político contemporâneo. Um dos "obstáculos epistemológicos" essenciais na política brasileira - inclusive entre os comunistas - é a ausência de uma visão histórica ampla do próprio país e a absorção das tarefas no imediatismo mais pragmático e medíocre.

Cinco fatos básicos

Vamos dar uma olhada em cinco fatos básicos sobre o país.

1. Falha na resolução da questão agrária

O país, baseado na **monocultura do latifúndio de exportação**, nunca passou por nenhuma reforma agrária digna desse nome, comparável à dos países europeus ou dos Estados Unidos, Japão ou Coreia do Sul (sem mencionar os exemplos dos países socialistas). Mesmo quando grandes reformas integraram os trabalhadores urbanos (por exemplo, após a "revolução de 1930"), nada semelhante foi feito no campo.

Uma das principais "reformas básicas" do programa de João Goulart foi impedida por um golpe militar em 1964. A agroindústria brasileira atual - uma das principais forças econômicas do país - é o resultado direto da "modernização pelo alto" da ditadura militar, que reformou o antigo latifúndio por meio de empresas estatais como a Embrapa, com crédito agrícola e subsídios abundantes. O resultado foi uma extrema concentração de terras (o que explica a força do movimento dos sem-terra mesmo após a urbanização do país), um enorme e caótico êxodo urbano (com a formação de grandes favelas e outras aberrações urbanas), a inexistência de um mercado interno popular e de massa como alavanca da acumulação capitalista e a dependência da exportação de produtos agrícolas no mercado mundial.

2. A ausência de referências nacionais importantes

Ao contrário de outros países latino-americanos, que têm heróis das guerras de independência bem reconhecidos pela população (como Simón Bolívar e San Martín) ou fortes marcos históricos (a revolução mexicana de 1910), **há poucos símbolos históricos** capazes de fornecer a base para um forte sentimento nacional.

Nossa independência, apesar de grandes lutas, principalmente na Bahia, foi liderada por um português membro da família real, e nossa transição para a República não passou de um golpe militar. A construção de um Estado nacional é extremamente recente, datando dos anos Vargas, a partir de 1930. Isso explica **o papel muito importante desempenhado pelo futebol e pela música popular** (a partir da década de 1950) na formação de nossa cultura nacional.

A falta de consciência nacional gera fenômenos ideológicos importantes, em especial o que chamamos de "*vira-latismo*": um desprezo pelo país e por seu povo, na crença de que tudo o que vem de fora é superior. Uma das variantes mais comuns e difundidas desse fenômeno, inclusive entre a intelectualidade, é a crença de que o problema do país não está no capitalismo ou na dependência do imperialismo, mas na natureza corrupta, preguiçosa e maliciosa do povo brasileiro, ou em um "patrimonialismo" resultante da falta de modernização de nossas elites políticas e da hipertrofia do Estado.

Outro efeito é a tentativa constante de aplicar modelos estrangeiros como soluções *ad hoc*: assim, durante a monarquia, o sistema francês foi copiado e, mais tarde, com a República, foi a vez do modelo norte-americano.

Vale ressaltar que há uma diferença real em relação aos outros países do BRICS: enquanto Irã, China, Rússia e o mundo islâmico têm culturas e civilizações milenares - o que lhes permite ter projetos de autonomia mais coerentes -, o Brasil carece de uma grande visão estratégica.

No entanto, vale a pena destacar **as sequências que marcaram uma ideia diferente do país**: as revoltas populares das décadas de 1910 e 1920 - com o "tenentismo"[1] , a arte moderna brasileira e o impacto do movimento operário - que marcaram o fim da República Velha oligárquica; e a luta pelas "reformas de base" ao longo das décadas de 1950 e 1960, com papel ativo dos comunistas e dos setores populares - em especial a criação da Petrobrás. Esse movimento foi interrompido pelo golpe militar de 1964.

3. O importante papel dos militares e dos bachareis [2]

No Brasil, duas corporações têm historicamente um peso desproporcional em comparação com o restante do aparato estatal, mesmo nos dias de hoje: **o exército e o judiciário**. A República foi fundada em uma aliança entre esses dois estratos.

A formação da elite política, mas também de grande parte da espinha dorsal do Estado, a intelligentsia (incluindo a filosofia) e os literatos, veio das faculdades de direito ou do exército. Além das consequências ideológicas (promoção da erudição superficial, do "beletrismo" diletante e de mau gosto, do formalismo idealista e conservador), sofremos os efeitos amargos na vida cotidiana: o sistema judiciário mais caro e ineficiente do mundo, um enorme sentimento de casta entre os membros dessas corporações, o que lhes confere um "papel moderador" em tempos de crise política.

Não esqueçamos que os militares apoiaram (na forma de uma ameaça do comandante do exército!) a prisão de Lula e formaram a maior parte do governo Bolsonaro, incluindo o desastroso ministério da saúde em meio ao caos pandêmico, assim como os juízes do Supremo Tribunal Federal (STF) adquiriram um papel político hipertrofiado, decidindo as principais questões do país em seus gabinetes, sob uma fachada "neutra". Hoje, o público conhece os nomes dos juízes do STF mais do que os nomes dos principais membros do Congresso!

4. A adaptabilidade das classes dominantes

Ao contrário de um mito popular sobre nossa história, **o povo brasileiro não é fundamentalmente pacífico e resignado**, e muito menos dotado de uma "alma cordial" que o impediria de desejar e lutar contra rupturas. Entretanto, devemos reconhecer que nossa história nacional é marcada por pactos e transições negociadas para evitar qualquer transformação verdadeiramente estrutural.

A adaptabilidade camaleônica dos representantes das classes dominantes é realmente impressionante. A máxima do príncipe Falconeri em *O Leopardo* ("*tudo deve mudar para que tudo permaneça como era*") talvez não tenha tanta ressonância em nenhum outro lugar do mundo. A própria ditadura militar, ao contrário de outros países do subcontinente, não foi exatamente derrotada: os militares negociaram uma transição lenta, gradual e segura para um novo regime político no qual não corriam o risco de serem punidos por seus crimes. Nosso primeiro presidente após a ditadura militar (José Sarney) foi um presidente do partido que apoiou o regime militar (Arena)! Isso explica o fato de **o país nunca tenha acertado as contas com as tragédias de sua história.**

5. O papel da escravidão

O longo período de escravidão não apenas deixou marcas profundas na população negra, na forma de racismo persistente (embora mais "velado" do que nos Estados Unidos), manifestado principalmente nas ações violentas da polícia nas periferias e favelas brasileiras, mas também estabeleceu como dogma o repúdio ao trabalho manual: há um verdadeiro desprezo por trabalhos considerados inferiores, que se referem a atividades manuais que exigem esforço físico.

Essa clara separação entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, entre os que mandam e os que obedecem, é muito acentuada na sociedade brasileira, de modo que não apenas **o apartheid social é** muito visível, mas também há preconceitos persistentes e atitudes mentais que visam a inferiorizar aqueles que não têm um diploma universitário ou que não trabalham em profissões "gerenciais".

---

[1] Movimento político-militar de jovens oficiais brasileiros na década de 1920.

[2] Graduados em direito que faziam parte de uma minoria de brasileiros que haviam recebido educação superior e ocupavam uma posição importante no aparato estatal

II - Tendências da Nova República (1985- ?)

Desde os movimentos populares que iniciaram o último período da ditadura, no final da década de 1970, e que formaram o que mais tarde analisaremos como "campo democrático-popular", iniciou-se uma transição no Estado brasileiro, marcada pela capacidade dos líderes da ditadura militar de saírem de cena sem terem de pagar por seus crimes.

O resultado do consenso pós-ditadura foi cristalizado na **Constituição de 1988**, um documento altamente programático baseado no ideal social-democrata de um estado de bem-estar social. Embora a esquerda fosse minoritária na composição da Assembleia Nacional Constituinte - o PT tinha apenas 16 deputados, por exemplo -, o clima político do país foi marcado pelo surgimento de movimentos populares, por uma forte predominância de ideias de esquerda na opinião pública e pela rejeição do legado da ditadura militar. Durante muito tempo, não houve uma direita "orgulhosa" no país: os partidos que emergiram da ditadura militar negavam serem de direita. Pelo contrário, eles até tentaram se apropriar de símbolos ou nomes do campo oposto. Assim, um dos partidos herdeiros da ditadura se chamava Partido Progressista (PP)!

Essa situação perdurou até 2015, com o **golpe de Estado** que deu poder a uma direita marcada por mobilizações de rua e organizações visceralmente anti-vermelhas. Em 2018, ela foi definitivamente enterrada com a eleição de Jair Bolsonaro. Hoje, está tentando se reconstruir, sob a batuta simbólica de duas figuras que disputaram as eleições por partidos opostos (Lula e Alckmin), sob o slogan "*União e Reconstrução*".

O consenso antiditatorial se manifestou, sobretudo, em um forte foco na "questão social": políticas de transferência de renda para os mais pobres (a mais famosa é o *Bolsa Família*, inaugurado em 2003), universalização da educação básica, consolidação do sistema unificado de saúde previsto na Constituição, expansão do ensino superior, previdência social sem precedentes para a população rural, vinculação dos benefícios previdenciários ao salário mínimo etc.

Mas esse consenso também girava em torno da rejeição da retórica do "Brasil Maior" da ditadura militar e de seus projetos econômicos estatistas e "autárquicos". Em geral, a "questão nacional" e o tema do desenvolvimento industrial acelerado liderado pelo Estado, tão predominante no Brasil entre as décadas de 1930 e 1980, foram abandonados com a Nova República. O resultado foi uma combinação de liberalização econômica - em linha com a globalização dos anos 90 - e políticas sociais, bem como uma preocupação (pelo menos no discurso público, já que a violência policial nunca cessou...) com os direitos humanos, a diversidade e a cidadania inclusiva.

O horizonte social-liberal e a ideologia dos direitos humanos formaram a argamassa ideológica que, apesar das diferenças, consolidou o núcleo político "modernizador" do país, simbolizado pela dupla PT e PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), que dominou e polarizou o cenário eleitoral nas eleições presidenciais de 1994 a 2018. Com o tempo, o PSDB se afastou de suas origens de "centro-esquerda" e recorreu à retórica conservadora contra o domínio do PT nos anos 2000, mas é verdade que tudo isso fazia parte do mesmo consenso.

Com o passar do tempo, a Nova República mostrou sinais de exaustão e incapacidade de entregar o prometido estado de bem-estar social europeu, devido a tendências que convergem para um resultado que podemos resumir em uma frase: um retorno à República Velha (1888-1930).

A República Velha foi um período em que as oligarquias políticas regionais governavam um país sem integração ou visão nacional. Tudo se resumia à exportação de café e à garantia da continuidade de um conjunto de forças políticas regionais que dependiam da agricultura de exportação. Embora seja um exagero descrever o Brasil de hoje nesses termos, o fato é que a Nova República se tornou uma promessa vazia devido a fenômenos como a desindustrialização precoce (que afetou seriamente a criação de bons empregos e a qualidade de vida nos centros urbanos) e a especialização da economia em torno do modelo agroexportador, baseado em soja, minério de ferro e outros produtos brutos, que são pouco processados industrialmente. O agronegócio se tornou o setor mais dinâmico e produtivo da economia nacional, ao mesmo tempo em que favoreceu (e ainda favorece) as regiões do país que são mais fortemente pró-Bolsonaro. A dinâmica do agronegócio tem contribuído cada vez mais para o fortalecimento da extrema direita, além do desmatamento e da destruição ambiental associados à expansão da fronteira agrícola e da mineração.

Tendências estruturais

Além da desindustrialização acelerada, o que significa que o país não é mais o "país emergente" mais promissor (como era no século passado), substituído pelo dinamismo industrial dos asiáticos (agora incluindo o Vietnã) e pelo fortalecimento das tendências agrário-exportadoras, ambos na raiz de vários problemas sociais e políticos atuais, precisamos considerar as tendências estruturais nesse ciclo do Estado brasileiro.

1. A nacionalização da esquerda e a perda de dinamismo dos movimentos sociais

Não há mais partidos de esquerda que sejam viáveis do ponto de vista eleitoral e independentes do Estado ou das grandes empresas. **O PT se tornou um apêndice do Estado** e não se preocupa mais com as principais questões estratégicas e programáticas, como fazia antes. Seus principais líderes não são líderes de massa, mas gerentes ou burocratas. Sua dependência do marketing eleitoral e do dinheiro de grandes oligopólios privados (bancos, empreiteiras) deu origem a grandes escândalos de corrupção. A orientação eleitoral do partido drenou todos os seus quadros para a burocracia estatal.

Os movimentos sociais mais poderosos perderam seu ímpeto e se tornaram totalmente reféns dos governos do PT. As periferias das grandes cidades foram abandonadas e deixados para o trabalho do crime organizado e das igrejas protestantes conservadoras. A atração exercida pelo PT no passado, decorrente de sua novidade e de sua oposição à política tradicional, desapareceu completamente.

2. Um ambiente intelectual cada vez mais de direita

Enquanto durante o auge do Partido Comunista Brasileiro, de meados da década de 1940 até a década de 1960, e mesmo durante o duro período de repressão da ditadura militar, os intelectuais progressistas predominavam nas publicações e na cultura brasileira, **a Nova República testemunhou** o curioso fenômeno de uma esquerda cada vez mais forte eleitoralmente e cada vez mais fraca nos debates de opinião e na influência cultural.

Embora os intelectuais de esquerda ainda sejam numerosos, eles estão cada vez mais confinados aos seus campos de especialização ou aos muros de suas universidades. Os principais fenômenos editoriais **desde a década de 1990** têm se baseado em nomes ultraconservadores (como o "filósofo" Olavo de Carvalho, um grande sucesso de mídia e depois "guru" de Bolsonaro) e jornalistas e formadores de opinião que vocalizam um anticomunismo caricato e ultrapassado. Símbolo disso foi a revista Veja, o principal semanário do país, ter se notabilizado cada vez mais por uma oposição radical (e sem contraparte equiparável do lado da esquerda) a qualquer coisa que se assemelhasse ao mínimo progressismo.

3. O crescimento das igrejas pentecostais e neopentecostais

Fortemente ligada às igrejas norte-americanas, a presença de grandes igrejas pentecostais no país tem crescido dramaticamente desde a década de 1980. Com a conivência das autoridades públicas (inclusive da esquerda), esses grupos, dominados por mafiosos inescrupulosos, têm escopo comercial, com forte investimento em publicidade e redes de televisão e rádio. São guiados por teologias que valorizam o enriquecimento privado (**a "*teologia da prosperidade*"**) e o crescimento político contra o Estado secular (a **"*teologia da dominação*")**, com base em temas extraídos principalmente dos aspectos mais moralistas do Antigo Testamento. Elegem muitos deputados e têm um projeto político abertamente baseado em preceitos bíblicos.

Sua expansão pelas periferias brasileiras, por meio de serviços de assistência social e até de saúde (no tratamento de dependentes químicos) contratados pelo Estado, mudou o cenário político e religioso do país, que em breve deixará de ser predominantemente católico. Se antes existiam as comunidades eclesiais de base da Igreja Católica, ligadas à **teologia da libertação** e ao PT, agora existem igrejas que elegem líderes de extrema-direita e são diretamente ligadas ao fenômeno Bolsonaro.

4. A deterioração das estruturas políticas

Em todas as eleições no país, ouvimos o mesmo mantra: "*temos o pior Congresso de todos os tempos*". E a situação sempre tende a piorar. As velhas oligarquias tradicionais foram substituídas por lumpens políticos preocupados apenas em ganhar apoio nas redes sociais usando os meios mais sensacionalistas.

Um predomínio de policiais e militares prometendo "*lei e ordem*" ao estilo norte-americano, conservadores religiosos buscando atacar os direitos das mulheres ou dos homossexuais, ícones das mídias sociais formando clãs fanáticos marcados por uma relação de devoção típica das torcidas de futebol, uma hiperideologização dos debates públicos (um vereador do Rio de Janeiro, filho de Jair Bolsonaro, tentou banir os pratos vegetarianos das escolas por serem de esquerda...) e **uma lógica de guerra tribal**, totalmente despolitizada, mas muito agitada ideologicamente, gerando uma crescente sensação de desgaste e falta de seriedade entre os líderes políticos do país.

As decisões essenciais nunca são pensadas e decididas pelo Parlamento - que deixou de ser o lugar essencial das oligarquias para se tornar um mero circo e uma fonte de entretenimento para as redes sociais - que se contenta em ratificar (depois de liberado o dinheiro) os projetos sonhados pelos economistas dos mercados financeiros, pelos tecnocratas ou pelos agentes da mídia.

5. O fim de qualquer vestígio de "burguesia nacional"

Nos anos nacional-desenvolvimentistas (30-80) do século passado, falava-se muito sobre um setor burguês interessado em desenvolver o mercado interno, obras de infraestrutura pública, nacionalização da economia, empresas estatais e assim por diante.

Hoje, o **domínio do setor financeiro** sobre toda a economia (incluindo os setores "industriais") é quase total, o que significa que todos os grandes capitalistas fazem parte da burguesia compradora! Líderes políticos ligados ao "capitalismo nacional", como Ciro Gomes, estão pregando sozinhos no deserto. O poder das oligarquias financeiras é tamanho que é praticamente inútil falar em "classes dominantes": a rigor, ninguém está governando a nação, pois existe apenas um grupo de cosmopolitas sem responsabilidade ou vínculo territorial.

•

Tudo isso se soma a um cenário marcado pelo rebaixamento ideológico, pela degradação institucional, pela violência rural e urbana (nossas periferias são cenários de *western* de facções criminosas e do terrorismo policial, às vezes misturados na forma de "milícias") e pelo apagamento de qualquer horizonte para o futuro. Embora seja errado reduzir a ascensão e a força da extrema direita apenas a esse quadro estrutural, é necessário destacar as tendências estruturais que, apesar dos inegáveis avanços sociais, geraram a atmosfera política favorável aos monstros.

Também poderíamos descrevê-lo de forma sucinta como **a norte-americanização do sistema político brasileiro**: o crescente predomínio do marketing, do lobby e do dinheiro na vida política; as idiotas "guerras culturais" voltadas para clientelas eleitorais tribais; o televangelismo obscurantista; o discurso militarista da "ordem pública" ao arrepio da lei, com o direito ao culto de soluções individuais para o crime - ou seja, o incentivo ao armamento privado; até mesmo a adesão messiânica ao Estado de Israel (confundido com o Israel bíblico, por grupos pentecostais), antes inexistente ou residual, passou a formar uma parte importante do repertório político habitual do país...

III - A primeira singularidade: o surgimento e a história do "*campo democrático popular*".

No final da década de 1970, os acontecimentos políticos levaram ao surgimento de novas forças políticas. O ímpeto inicial veio em grande parte de um movimento estudantil altamente politizado, com forte presença de organizações comunistas, trotskistas, maoístas e outras. Essas tendências estudantis eram, em geral, o resultado de um longo processo de decantação preparado durante muito tempo por grupos de esquerda, geralmente marxistas, que haviam favorecido o trabalho de massa após a derrota da luta armada: a Ação Popular Marxista-Leninista, o Movimento pela Emancipação do Proletariado, os grupos comunistas (PCB, PCdoB, MR8), os vários grupos trotskistas, o Polop....

Esses grupos realizaram **trabalhos de campo** em **várias frentes**: movimentos de bairro (por moradia, higiene, transporte etc.), movimentos contra a carestia (ou seja, contra o alto custo de vida) e movimentos de educação popular. É importante ressaltar que grande parte desse trabalho ocorreu dentro de organizações católicas, que na época eram marcadas por sua adesão a ideias progressistas.

O renascimento do movimento estudantil foi o pontapé inicial - como geralmente acontece - que precedeu o renascimento do movimento operário, por meio de greves que ultrapassaram o mero quadro economicista, com amplo apoio. Foi um fenômeno único: enquanto as pessoas falavam sobre a crise do marxismo e a crise do movimento operário na Europa, um movimento operário clássico sinalizava os últimos anos da ditadura militar brasileira!

Também vale a pena observar a grande força da esquerda na vida intelectual e cultural brasileira, o que faz com que alguns dos principais autores de telenovelas (o maior fenômeno cultural da sociedade brasileira) sejam oriundos do movimento comunista. Um bom exemplo é a popular coleção "*Grandes Cientistas Sociais"* de uma das principais editoras educacionais do país, que tem como objetivo apresentar aos estudantes os clássicos das "ciências humanas". Em meio aos nomes tradicionais, podemos encontrar, além de Marx e Engels, nada menos que Lenin, Mao, Trotsky, Stalin e Che Guevara!

Foi nesse **caldeirão** que a vida política do país foi realmente reorganizada, com muitos desses ativistas e movimentos desaguando na grande inovação organizacional da época: o Partido dos Trabalhadores. Em meio a grandes debates e controvérsias, o partido, liderado pelo sindicalista Lula, conseguiu reunir grande parte do movimento social da época, graças à sua capacidade de unir vários movimentos e grupos (muitas vezes clandestinos e até armados). Não queremos negar o papel de outros partidos e grupos, incluindo o PDT de Leonel Brizola (um importante líder da década de 1960 que havia retornado do exílio), mas queremos enfatizar que o PT não era apenas o mais novo e mais jovem, mas também o mais radical (em geral, os partidos mais tradicionais, como o PCB, tinham receios com um movimento popular que pudesse extravasar os quadros da "frente democrática" com a burguesia liberal anti-ditadura) e comprometido com o novo movimento operário e popular, além de mais flexível para abrigar quem não estava tão comprometido com as organizações já existentes.

Não se trata aqui de traçar a história do PT, muito menos de repetir a mitologia que o próprio partido conta para legitimar sua novidade radical (veremos que grande parte da "novidade" do PT morreu na praia ou não resistiu ao teste da história), mas é importante o fato de que, desde pelo menos 1989, essa organização galvanizou a liderança praticamente incontestável da esquerda brasileira. Os outros partidos só conseguiram ser alternativas em nível regional (como o PDT no Rio de Janeiro) e desempenharam conscientemente um papel de subordinação e apoio a um bloco de forças liderado pelo PT - como no caso do PCdoB, um partido com uma "linha albanesa" que, inicialmente bastante sectário contra o PT, rapidamente se tornou seu aliado mais leal.

Inicialmente marcado por uma orientação "obreirista" muito forte, **o partido rapidamente se tornou uma formação nacional**, reunindo setores da classe trabalhadora da Igreja Católica envolvidos no trabalho popular no campo e nos bairros periféricos. Levando em conta as diversas tendências ideológicas existentes no partido - em especial a forte presença de trotskistas -, ele se apresentava como uma alternativa tanto à social-democracia e ao trabalhismo varguista (fortes nas décadas de 1950 e 1960 e representados por Brizola) quanto ao comunismo (associado ao autoritarismo). No contexto brasileiro da luta contra a ditadura, a qualidade "democrática" foi fortemente enfatizada, tanto do ponto de vista ideológico (crítica ao stalinismo, ao maoismo e ao castrismo) quanto em termos de organização interna, com forte ênfase nas "bases" (estruturas horizontais, líderes eleitos pelas bases etc.).

Prevaleceu **uma concepção completamente clássica do partido**: ele seria um representante da classe trabalhadora e de seus aliados (campesinato, pequena burguesia, etc.), capaz de dar um projeto político sobre o Estado (vencendo eleições) aos múltiplos movimentos sociais (o novo sindicalismo, o movimento estudantil, o movimento camponês, o movimento de moradia, etc.). Essa configuração, ainda em vigor hoje, é conhecida como o "campo democrático-popular". Ela permitiu que o tema do "partido da classe trabalhadora" e da luta de classes (embora em um tom reformista e sem jamais almejar algo como uma ditadura do proletariado) permanecesse em vigor mesmo com o colapso do socialismo real e o fim dessas representações na Europa Ocidental, que viu o fim do "classismo" no discurso político ao longo dos anos 80 e 90.

•

Vamos periodizar a evolução política do "Campo democrático- popular", o principal fenômeno político no Brasil durante a Nova República, de acordo com os objetivos principais do PT.

Para isso, identificamos cinco fases.

1) Fase antimonopólio, anti-imperialista e antipropriedade (87-94)

Esse foi o período mais "marxista" do partido, no qual houve claramente mais influências da terminologia e das visões clássicas da esquerda. O principal documento é a famosa orientação estratégica elaborada no Quinto Encontro do partido (em 1987) - até hoje o documento estratégico mais cuidadosamente elaborado já produzido pelo partido - que pode ser resumido como **uma atualização da "estratégia chilena" em direção ao socialismo**, um "socialismo democrático" por meio de vitórias eleitorais acompanhadas de grandes movimentos de massa destinados a reformar a estrutura de propriedade e poder (reforma agrária, reforma urbana, luta contra monopólios privados, democratização da mídia, nacionalização do sistema financeiro...). Sua manifestação mais bem-sucedida foi a impressionante campanha de Lula em 1989, durante a qual o partido consolidou sua posição como líder da esquerda.

2) Fase anti-neoliberalismo (95-2002)

A partir de 1995, após a derrota no primeiro turno das eleições de 1994, houve um "aggiornamento", no qual a figura de José Dirceu (ex-militante da luta armada com fortes vínculos com Cuba) desempenhou um papel importante. O objetivo não era mais atacar as bases do capitalismo dependente e autoritário do Brasil, mas construir uma coalizão contra o neoliberalismo, essa variante do capitalismo marcada por privatizações, baixos níveis de investimento público e o domínio das finanças. Em suma, para gerar um "capitalismo produtivo", em aliança com os grupos industriais que se opõem ao governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), porque ele foi longe demais na abertura comercial, na desindustrialização e na desnacionalização.

Era um **retorno a um tema clássico da esquerda brasileira**, muito influente nas formulações do antigo PCB: era necessário apoiar o capitalismo pró-desenvolvimento e pró-nação contra o capitalismo entreguista. Com esta linha, o partido ainda mantinha um caráter aparente de oposição à ordem e mobilizava uma aliança pela “produção” contra setores rentistas e privatizantes.

3) Fase da luta contra a pobreza (2003-2015)

Embora a linha anti-neoliberal tenha sido a chave do discurso durante os anos de oposição a FHC e a campanha vitoriosa de 2002, na prática, quando o partido chegou ao poder, houve uma nova mudança. Isso se refletiu em **um novo recuo**: a partir de então, até mesmo o "mercado financeiro" e os "rentistas", vistos como os vilões do desenvolvimento, faziam parte da aliança, já que o objetivo principal era simplesmente reduzir a pobreza extrema e a miséria. A política econômica continuou sob a liderança do "mercado" e dos neoliberais, com a condição de permitir a implementação de políticas sociais para combater a fome e outros males. Essa é **a vitória do social-liberalismo**.

Essa linha social-liberal se deslocou para a esquerda depois de 2006, com a mudança no Ministério da Fazenda. Embora mantivesse a política de não reverter as privatizações do governo anterior, assim como a política pró-finanças do Banco Central, passou-se a dar mais ênfase para:

a. crescimento real do salário mínimo ;

b. o crescimento de empresas estatais e bancos públicos, incluindo crédito subsidiado e políticas de conteúdo nacional.

Esses dois fatores, que fortalecem as posições do "capitalismo de Estado" na economia, em particular a Petrobras, juntamente com o baixo desemprego e o aumento dos salários (aumentando mais do que a produtividade e reduzindo a lucratividade das empresas), combinados com uma política externa independente em favor da unidade sul-americana (atacada pela mídia como "terceiro-mundista") e a desconfiança dos movimentos sociais, foram suficientes para despertar o antagonismo da direita. Sim, foi **a direita que repolitizou o país**, trazendo de volta o antagonismo! Nesse contexto, temos o golpe de Estado, fomentado desde a vitória de Dilma no final de 2014, materializado por grandes movimentos de massa com conteúdo bastante reacionário.

A ideia dos líderes das manifestações (o oligopólio da imprensa e o PSDB) era usar as manifestações anticorrupção, aproveitando-se da crise econômica, para retomar o controle do governo. Mal sabiam eles que, ao mobilizar as massas da classe média contra os protestos, estavam alimentando um fascismo ressurgente que os devoraria... Eles derrubaram a própria árvore em que estavam se apoiando.

4) Fase contra o golpe (2015-22)

Os anos que se seguiram ao golpe e à prisão de Lula foram marcados por uma intensa repolitização do PT, que retornou a um discurso mais militante e combativo. Chegou até a flertar com a ideia de um "retorno às origens". Em geral, esses anos viram a atração de novos militantes e o retorno de antigos. Até mesmo partidos que pareciam estar se separando devido à orientação social-liberal do governo (como no caso do Partido Socialismo e Liberdade, PSOL) se aproximaram do seu leito original.

O retorno a uma prática de antagonismo com a direita e a perseguição sofrida pelo campo popular tiveram o efeito de arejar a atmosfera e dar um ar radical e antissistema ao campo democrático-popular. Também gerou ilusões sobre uma suposta radicalização e "guinada à esquerda" do partido e de Lula, o que se mostrou muito frustrante para alguns quando, mais uma vez à frente do Estado, a única guinada foi na direção oposta - um rebaixamento ainda maior das perspectivas...

5) Fase antifascismo (2022-....)

A luta contra Bolsonaro marca o último estágio na evolução do PT que, com exceção do breve interregno anti-golpe, teve um *telos* muito claro e previsível para muitos: moderação constante e adaptação à ordem, até o ponto em que a própria ordem e o PT foram confundidos, o que explica por que Lula foi libertado e defendido por seus antigos algozes.

A luta contra Bolsonaro tem sido usada para justificar **uma ampla frente democrática**, incluindo até mesmo a Rede Globo e os antigos golpistas. O objetivo não é mais promover reformas ou mesmo mudanças, mas retornar ao *status quo ante*: a ordem democrática cristalizada em 1988, o espírito do "pacto social" do consenso pós-ditadura. Um discurso rigorosamente conservador, até mesmo restaurador, no verdadeiro sentido da palavra, diante do assédio fascista. O problema: os sintomas sociais e políticos não apenas estão presentes, mas tendem a se agravar....

•

Trata-se, portanto, de uma trajetória típica dos partidos social-democratas ou mesmo do comunismo reformista do pós-guerra (com a diferença de que este último não teve a oportunidade de chefiar o governo...), o que, no entanto, nos leva a tirar lições. O pior erro seria ignorar completamente a experiência, como o próprio PT arrogantemente fez em seus anos de surgimento, quando se autoproclamava a superação total dos erros da esquerda anterior...

Quatro elementos-chave de qualquer política

Para fazer uma avaliação mais coerente, precisamos analisar a maneira como o campo democrático-popular lidou com os quatro elementos constituintes de qualquer política: ideologia, organização, movimentos e o relacionamento com o Estado.

Ideologia

Em termos de ideologia, o PT se orientou por um genérico "socialismo democrático", sempre muito vago. As diversas tendências políticas marxistas que agitaram o partido ao longo do tempo tornaram-se, com raras exceções, apenas bases para que líderes ou parlamentares ganhassem terreno na disputa interna. A capacidade de formular políticas e desenvolver estratégias coletivamente atingiu seu auge em 1987 (que ainda é visto com muita nostalgia por setores da esquerda do partido), quando ainda havia uma forte presença de líderes de origem comunista na liderança política. Com a renovação dos quadros por uma geração mais jovem, menos treinada no confronto político e na cultura política anterior, o nível ideológico caiu, e a crescente dependência do Estado e dos grandes aparatos só contribuiu para isso. Em geral, o partido agora não é mais do que uma correia de transmissão para o governo. As principais decisões e formulações não ocorrem em suas fileiras.

Deve-se enfatizar **a fraqueza ideológica** do **PT em** relação a outros grupos de esquerda. O PCB, o principal partido de esquerda antes do PT, era conhecido por um grande número de publicações, desde jornais de massa até intervenções no cinema e na cultura. O PT nunca chegou perto disso, mesmo em seus melhores momentos. O partido conseguiu reunir um grande número de intelectuais, mas eles

geralmente trabalhavam isolados e concentrados na academia, sem nenhuma estrutura coletiva em nível partidário. Para defender seu ponto de vista, o partido nunca teve sequer seu próprio jornal nacional!

A diferença em relação a outros grandes partidos de esquerda ocidentais, como o Partido Comunista Italiano ou a social-democracia alemã original, é enorme. Talvez em parte devido a um certo "obreirismo" sindicalista presente em Lula, incluindo um certo anti-intelectualismo, ou mesmo uma tendência a evitar discussões ideológicas por medo de perder o "controle", o fato é que essa incapacidade de criar seus próprios meios de comunicação e formação se tornou fatal para o PT.

Por fim, nesse contexto, dois aspectos precisam ser enfatizados:

- **A enorme confusão em torno da "democracia"**, uma palavra muito presente no léxico do PT, que é usada tanto para elogiar as instituições burguesas quanto as organizações de massa, impediu o partido de criar anticorpos contra a adaptação ao jogo eleitoral e parlamentar;
- **A visão errônea da experiência soviética**, baseada em uma dicotomia liberal entre "autoritarismo e liberdade", impediu que o partido repetisse os erros da social-democracia. Prova de que uma avaliação errônea e confusa da experiência passada, feita com categorias e estruturas de pensamento emprestadas do inimigo, pode ser confortável no momento, mas gera sérios problemas no futuro...

A organização

No campo organizacional, todas as inovações supostamente radicais dos primeiros anos (núcleos de base ativos, bases controlando a direção, horizontalismo etc.) foram perdidas.

A verticalização do processo decisório e o "culto à personalidade" em torno da figura de Lula são muito mais intensos do que nos experimentos anteriormente criticados (Luiz Carlos Prestes no PCB).

A experiência das diversas tendências ideológicas, em vez de renovar o partido para novas sínteses políticas, deu lugar ao liberalismo político dos "reinos independentes" de parlamentares que atuam como soberanos em seus mandatos eleitorais, em um espírito puramente gremial.

A dependência dos grandes aparatos (sindicais, eleitorais) e o ritmo das eleições tiveram o fim mais provável: a hegemonia do cretinismo parlamentar e do eleitoralismo de curto prazo, com o objetivo de manter as posições já conquistadas. O próprio caráter de "representação de classe" se perdeu, com a crise do movimento operário - o sindicalismo está em frangalhos - e a falta de renovação da liderança popular.

Movimentos

Do ponto de vista dos movimentos, duas coisas são claras.

Por um lado, **os movimentos históricos que** originalmente faziam parte do campo democrático-popular perderam todo o dinamismo e se tornaram, na melhor das hipóteses, cooperativas econômicas com um importante papel de propaganda ideológica (MST) ou, na pior das hipóteses, instituições burocráticas sem nenhum papel político (como no caso do movimento estudantil representado pela UNE).

Por outro lado, o movimento **sindical** nunca esteve em situação tão ruim, com a filiação sindical em níveis tão baixos. O golpe de Estado de Michel Temer[3] sobre a reforma trabalhista acabou com seu financiamento.

Novos movimentos que surgem fora do PT são recebidos com desconfiança e até mesmo repressão. Um caso emblemático foi o de junho de 2013, quando o governo de São Paulo (liderado por um prefeito do PT) não conseguiu dialogar com um movimento pelo transporte público gratuito (MPL) que contava com bandeiras do PT da década de 1980! Em geral, os movimentos mais jovens e mais interessantes são distantes ou até hostis ao PT.

[3] Presidente da República após o impeachment de Dilma Rousseff em maio de 2016

O relacionamento com o Estado

Por fim, a relação com o Estado seguiu um caminho típico: da crítica radical à defesa da ordem. O petismo foi lido como principal dique de contenção ao fascismo justamente por ter capacidade de angariar apoio popular e "crítico" à defesa da ordem surgida do final da ditadura militar. Não há mais programas de Estados ou planos de reformas, mas uma restauração daquilo que é visto, com nostalgia ingênua, como o belo consenso democrático anterior ao advento do bolsonarismo. As principais "decisões" políticas são reformas exigidas pelo mercado financeiro a fim de melhor gerir o triste e obsceno capitalismo brasileiro.

IV - A segunda singularidade: o fascismo de Bolsonaro

Junho de 2013 marcou o início da "crise da Nova República" e a entrada em cena de um novo ator político relevante e decisivo no país: **a Nova Direita**. Entretanto, devemos ser cautelosos com relação a isso. Em geral, a narrativa oficial do PT é que 2013 foi um movimento de direita da classe média reacionária contra governos progressistas. Isso é um reducionismo politicamente conveniente.

Nessa ocasião, depois que várias manifestações de jovens organizadas dentro de um movimento de esquerda chamado *Movimento Passe Livre* (MPL) - cujo objetivo era interromper o aumento das tarifas de ônibus, com a meta de um dia conseguir transporte gratuito - foram reprimidas com selvageria pela polícia de São Paulo, uma **explosão social inesperada** tomou conta do país. Trata-se de um real acontecimento? Pelas características formais, tudo indica que sim: imprevisível, explosivo, contagiante, gerando entusiasmo entre pessoas que até então nem se interessavam por política e que passaram a protestar e a se sentir verdadeiras autoridades soberanas do país.

Uma série de reivindicações pulverizadas, com o objetivo geral de melhorar os serviços públicos e acabar com a corrupção, tomou as ruas. Um carnaval espontâneo, em grande parte desorganizado e facilmente cooptado por agendas reacionárias (um nacionalismo antipartidário e principalmente antipetista, ressuscitando o antigo anticomunismo) foi lido por teóricos da "multidão" e intelectuais "autonomistas" como o verdadeiro desabrochar da primavera, anunciando o fim definitivo da forma-partido e anunciando a horizontalidade em redes e movimentos sem direção.

Essa **atmosfera festiva e altamente despolitizada**, apesar das muitas boas intenções, foi interpretada da pior forma possível pelas autoridades públicas. O governo federal, liderado pelo PT, fez promessas vagas (inclusive uma reforma política que nunca passou de uma intenção) e não conseguiu mobilizar a energia das ruas para aprovar algo diferente ou que marcasse uma reforma urbana (afinal, grande parte das reivindicações se devia a uma revolta genuína contra uma vida urbana caótica e cara).

Após a perda de dinamismo do movimento de escala nacional inédita, quais foram as **suas consequências**? Grande parte da esquerda anarquista se radicalizou, baseando-se em táticas de depredação (os "black blocks"), altamente midiáticas, mas politicamente inofensivas, e em conflitos com a polícia. A tentativa da "esquerda tradicional" de unificar os movimentos com as demandas das centrais sindicais deu muito errado. A parte mais promissora do movimento se envolveu nos novos movimentos de moradia urbana (como o *Movimento dos Trabalhadores Sem Teto*, MTST, liderado por Guilherme Boulos), ou mesmo em agendas contra a violência policial nas periferias (a campanha "*Cadê o Amarildo?*"). Um eco desse espírito também foi visto no movimento nacional de ocupações de escolas por estudantes contra a "reestruturação" das escolas (na realidade, o fechamento de unidades escolares) em 2016.

Entretanto, a consequência mais visível foi **o ressurgimento da direita brasileira**. O uso de uma retórica nacionalista, no sentido de "*todos unidos contra a corrupção*", com forte oposição aos partidos políticos, especialmente ao PT, identificado como o principal nome da "ordem" corrupta, o apelo antissistema e o caráter antiestatal, foram novamente desencadeados em 2015 e 2016 por fortes movimentos a favor da derrubada do governo do PT. Esse movimento, explorado ingenuamente por aqueles que se julgavam seus líderes naturais (o PSDB de Aécio Neves, derrotado nas eleições de 2014), é o verdadeiro marco do neofascismo brasileiro. Ele foi precedido por anos de preparação ideológica sistemática e paciente, com a explosão de editoras de direita, jornais reacionários, agitação anticomunista e assim por diante. O "filósofo" Olavo de Carvalho e seus alunos, propagadores do anticomunismo visceral, bem como da escola austríaca de economia (Mises, Hayek), fizeram a cabeça de muitos jovens presentes no movimento, por causa de sua crítica intransigente ao "estatismo" marxista, automaticamente associado ao PT, que já estava à frente do Estado há mais de dez anos ininterruptos.

Devemos falar de "udenismo transcendental" para caracterizar **a conjuntura histórica que deu origem ao novo fascismo brasileiro**. Por que udenismo? É uma referência à UDN (União Democrática Nacional), a principal opositora dos governos trabalhistas de Getúlio Vargas e João Goulart nas décadas de 1950 e 1960, e a agitadora por trás das campanhas golpistas baseadas em acusações de corrupção. A semelhança lógica é impressionante! É claro que essas situações são muito diferentes quando analisadas mais de perto, mas é preciso ser capaz de ler as semelhanças estruturais recorrentes.

A UDN, liderada por Carlos Lacerda, liderou a oposição a João Goulart e ao golpe de 64, acreditando que os militares logo voltariam ao poder depois de varrer os "comunistas" e que finalmente poderiam governar o país em paz. O PSDB chegou à mesma conclusão: ao apoiar golpes baseados em acusações de manobras fiscais e orçamentárias triviais (apesar da forte campanha anticorrupção, a base legal para o impeachment eram as chamadas "*pedaladas fiscais*", atos contábeis que todos os governos praticavam), achavam que logo seriam elevados ao nível do governo federal. Assim como a UDN, eles foram engolidos pelo monstro que haviam inventado.

Quatro ideias

Essa lógica udenista baseia-se em um quarteto de ideias interligadas.

O único problema do Brasil, que o impede de ser próspero, é a **corrupção**, incentivada pelo tamanho do Estado e pelos "políticos" e empresas públicas. A crise econômica decorre necessariamente de uma crise de valores.

Essa corrupção é incentivada pelos **"vermelhos" amorais**, que querem se perpetuar no poder, e visam, inclusive, submeter o Brasil a desígnios estrangeiros e internacionais (em 2016, era comum falar da conspiração do "Foro de São Paulo", liderado por Venezuela e Cuba, contra os países da região).

Diante dessa situação calamitosa, o único recurso era realizar **manifestações nacionalistas em larga escala contra os vermelhos**, apresentando um interventor salvacionista representado por algum ator moral supostamente impoluto (as Forças Armadas, o super-herói juiz Sergio Moro...).

Foi nesse ambiente político que surgiu **o neofascismo brasileiro**, composto por uma miríade de forças diferentes, até mesmo opostas, mas todas unidas em torno da mesma liderança popular de Jair Bolsonaro. Conhecido por sua defesa do legado mais sombrio da ditadura (torturas e desaparecimentos) e por seu estilo "politicamente incorreto" - na verdade, uma série de chavões reacionários em defesa da moral e dos bons costumes - que o tornou um dos favoritos dos programas de auditório sensacionalistas, ele foi um deputado com uma longa carreira marcada pela insignificância no chamado "baixo clero" do Congresso.

Note-se que, ao contrário do fascismo clássico, Jair Bolsonaro não conseguiu organizar um partido disciplinado, o que o levou a contar com as **Forças Armadas, um verdadeiro partido fardado**, além de uma militância verde-amarela organizada via redes sociais e lideranças capilarizadas (líderes religiosos e comunicadores nas redes sociais).

Ao contrário do que acreditam os otimistas, trata-se de um fenômeno político, ideológico e de massa, sem prazo de validade visível, estruturado com uma única função: destruir a Nova República e tudo o que ela representa, em especial seu "esquerdismo", representado pela predominância do PT. Qual seria seu projeto ideal de Estado? Não sabemos, mas certamente seria uma espécie de reorganização autoritária. Ao contrário do nazi-fascismo clássico, não há uma doutrina muito clara - há clareza apenas no lado destrutivo - nem uma visão global do mundo, com exceção dos clichês religiosos e anticomunistas. Da mesma forma, ao contrário da ditadura militar e do fascismo, não há antiliberalismo econômico. Pelo contrário, Bolsonaro adotou um programa ultraliberal, representado por seu ministro Paulo Guedes, a fim de atrair os mercados financeiros, o que lhe garante pontos no lado rico, mas impede um governo de conquistas populares.

Bolsonaro está atualmente cercado por investigações do STF[4] contra seu golpismo escancarado (ele fez campanha abertamente contra as urnas e o resultado das eleições, além de planejar um golpe que não deu certo) e seu banditismo bastante vulgar (ele chegou a roubar joias). Mas **o bolsonarismo continua sendo a força mais mobilizada e mobilizadora do país.** O movimento bolsonarista surgiu como uma reação obscurantista ao petismo, enquanto a força do governo Lula está na "reação à reação" - uma unidade um tanto frouxa, sem visão clara de futuro, contra o movimento grotesco, que foi capaz

[4] Supremo Tribunal Federal

de catapultar um completo aventureiro para a presidência, mesmo com vários fatores trabalhando contra ele em 2018 (falta de tempo de TV e apoio partidário, por exemplo).

As forças que apoiaram, contra sua tendência natural, Lula em 2022, tentam criar um paradoxal "bolsonarismo moderado", representado pela figura do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Isso demonstra a precariedade e a fragilidade da "frente democrática": assim que os excessos falastrões e aventureiros do bolsonarismo forem contidos (uma nova ditadura não interessa a ninguém, exceto aos alucinados mais extremistas do agronegócio), a escala da coalizão que elegeu Lula será desfeita.

V - Direções para o futuro

O tom deste texto pode parecer muito pessimista para alguns, até mesmo derrotista. Rejeitamos essas acusações: se temos pouca esperança na “restauração” da suposta paz democrática do consenso da Nova República, acreditamos que há **inúmeras iniciativas** apontando para caminhos diversos, ainda que muito embrionários.

Um dos fenômenos ideológicos mais interessantes dos últimos tempos é a grande popularidade que **os influenciadores comunistas** adquiriram nas redes sociais, com canais de grande visualização e a capacidade de influenciar o debate político. Embora muito marcado por uma adesão mais ideológica - muitas vezes nostálgica e, em alguns casos, acrítica - do que política, focada na defesa do legado de experiências socialistas passadas, é notável **o interesse político da nova geração por ideias radicais e fora do padrão.** Até mesmo uma certa reabilitação de Stalin - de forma um tanto caricatural e problemática - indica que é possível escapar da banalidade de uma esquerda caracterizada por vícios liberais.

Essa novidade está associada a uma contradição gerada pelos governos do PT: a expansão das universidades permitiu que muitos jovens proletários se tornassem intelectuais, formados inclusive em literatura marxista, sem que houvesse garantia de emprego ou carreira estável para nenhum deles. A mistura da experiência concreta da classe proletária com a formação política e o desajuste a uma ordem que oferece poucas perspectivas pode ser explosiva e certamente continuará a dar frutos inesperados.

A situação ideológica dos jovens é, portanto, favorável às ideias comunistas. Precisamos superar os vícios e as limitações, em especial o caráter tribal e identitário ou a formação doutrinária desvinculada dos problemas políticos concretos, para dar um salto qualitativo nessa dinâmica. Uma forma de fazer isso é popularizar as ideias da corrente maoista das décadas de 1960 e 1970, que são pouco conhecidas no Brasil. Em nossa opinião, a crítica de Mao Tsé-tung ao socialismo soviético, bem como a (reconhecidamente fracassada) Revolução Cultural, são pouco conhecidas no Brasil. Aqui, os "anos vermelhos" (as décadas de 1960 e 1970) foram marcados mais pela **influência do guevarismo** do que pela influência ideológica e política dos aspectos mais radicais e inovadores do maoísmo. Para complicar a situação, as organizações maoístas brasileiras são geralmente influenciadas pelo dogmatismo violento do Sendero Luminoso. Foi também por esse motivo que organizamos um curso digital sobre o pensamento de Mao Tse Tung, que teve um bom impacto.

Outra forma é **revisitar a história brasileira** para superar a doutrinação abstrata. Um grande esforço para conhecer a realidade nacional, a história das lutas populares no Brasil e na América Latina, deve ser empreendido para reconectar nossos problemas atuais não resolvidos com os esforços das gerações passadas. Em particular, deve-se dar atenção às iniciativas de grupos que fizeram autocrítica da luta armada sem se comprometer com o legalismo eleitoral e "democrático", o que os levou a direcionar suas atenções e ações para o trabalho de massa nas décadas de 70 e 80. Essas iniciativas, particularmente aquelas voltadas para a **educação popular** (na qual também devemos aprender com os métodos dos militantes católicos) e para a assistência e extensão universitária (as várias experiências de ligação dos estudantes universitários com o povo, desenvolvidas ao longo dos anos), merecem um estudo cuidadoso.

Ainda em um nível mais diretamente ideológico, é necessário apontar algumas concepções muito populares, mas prejudiciais:

a. O movimentismo e o "federalismo", que consideram que a soma de lutas segmentadas (raça, gênero, orientação sexual, etc.) ou movimentos setoriais pode proporcionar uma determinada alternativa política. Uma **crítica da ideologia dos "movimentos sociais"** deve mostrar a que isso levou

depois de tantos anos da divisão tradicional do trabalho (os movimentos fazem a luta social e os partidos fazem a política): reforçar as tendências prejudiciais do petismo.

b. O "socialismo democrático", defendido pelo PSOL de Guilherme Boulos e por revistas como a *Jacobin*. Na prática, trata-se de uma tentativa de **"retorno às origens" do PT autêntico**, sem levar em conta o fato de que o mau uso e a má definição da palavra "democracia" levaram a inúmeras ilusões e desvios no PT. No caso de Boulos, há uma tentativa de repetir a experiência do PT, sem as mesmas qualidades originais (a ascensão dos movimentos populares e operários nos anos 1980). A crítica ao cretinismo eleitoral implícito nessas concepções deve ser firme.

c. Também é preciso **criticar** com firmeza **a visão "antifascista"** que adota como solução a paralisia ou o reboquismo frente a alguma grande força política viável eleitoralmente. Este tipo de visão só levará ao medo da inovação e da criação de novas alternativas políticas. Esse tipo de visão só pode levar ao medo da inovação e da criação de novas alternativas políticas.

Em um nível mais diretamente organizacional, as condições ainda não estão maduras para grandes organizações de massa ou forças centrípetas (como o PT era em seus primórdios). Isso dependerá de eventos imprevisíveis e do renascimento dos movimentos populares. Entretanto, já existem algumas iniciativas extremamente interessantes **ligando a intelectualidade aos setores populares**. Esse vínculo de massa, que atualmente é muito precário, é uma condição essencial para qualquer renascimento político.

Uma delas são os "*cursinhos populares*"[5] , visando a oferecer cursos gratuitos em favelas e subúrbios. Há muitos deles se popularizando e crescendo. Apesar de terem limitações de conteúdo devido ao foco nos exames para entrada nas universidades, são meios importantes para criar ligação de massa.

Outros mecanismos interessantes do gênero são as experiências das "cozinhas solidárias" e outras formas de assistência social ao estilo "Panteras Negras", com redes de solidariedade frente às demandas mais urgentes da vida cotidiana. No entanto, devem ser sempre acompanhadas de esforços reais de politização, para não virarem mera filantropia ou clientela explorada por gente ávida em fazer carreira eleitoral.

Por fim, **duas das experiências mais recentes de nosso tempo** são as tentativas de auto-organização dos motoristas de aplicativos de plataforma, com greves e a formação de líderes claramente conscientes da exploração, apesar da forte presença da ideologia do "empreendedorismo", e a rejeição da jornada de trabalho 6 x 1 (ou seja, seis dias de trabalho e um dia de descanso), presente nos movimentos de jovens cansados de uma vida dedicada apenas ao trabalho chato e sem sentido. Mesmo que esses movimentos sejam "reformistas", eles permitem experiências de luta que, se bem-sucedidas, podem abrir margens para o acúmulo de forças em direção a algo novo, especialmente se uma campanha para reduzir a jornada de trabalho em nível nacional ou regulamentações trabalhistas progressivas forem bem-sucedidas. Há motivos para otimismo sempre que o ritmo exaustivo e explorador do trabalho é rejeitado!

Ousar lutar, ousar vencer!

●●●

[5] *"cursos populares*

[QUESTÃO ECOLÓGICA].

FRANCIS ANCLOIS: *DOUTRINA PROVISÓRIA DA ACUPUNTURA MILITANTE*

I - Avanço/atraso

Colocar a questão ecológica é notar, nesta área como noutras, que a orientação comunista está algumas décadas atrasada.

Esse ponto é ainda mais surpreendente, pois essa mesma orientação comunista estava, ao contrário, muitos passos à frente no início da década de 1960: De fato, **as Comunas Populares** (as mesmas Comunas que, em 1958, lançaram a Revolução Comunista Chinesa, iniciando o declínio comunista do Estado socialista) foram confrontadas, desde 1960, com sérios desastres naturais (secas, tufões etc.) cuja manipulação política (em especial a instrumentação interna pela nova burguesia estatal e externa pela URSS) levaria a uma terrível fome. Daí a **Revolução Cultural**, que estendeu a abordagem comunista do que hoje chamamos de questões *ecológicas* para as cidades e fábricas.

> Para ilustrar a preocupação "ecológica" que animou a Revolução Cultural em seu âmago, ou seja, entre os trabalhadores das fábricas, vamos lembrar como a sequência dedicada a uma fábrica de locomotivas de Pequim nos filmes *Como* Yukong *moveu as montanhas*, de Joris Ivens e Marceline Loridan [1] , detalha como a questão da reciclagem de resíduos de todos os tipos era tratada dentro da fábrica e pelos próprios trabalhadores que os produziam.
>
> Eles começaram a recuperar:
>
> - sucata metálica para derretê-la em lingotes,
> - madeira de vagões velhos para transformá-la em aglomerado,
> - algodão de tampões de vagões usados,
> - óleo usando centrífugas,
> - pó de carvão, graças aos coletores de pó que o transformam em combustível, que pode ser distribuído gratuitamente aos trabalhadores;
>
> E para conseguir isso, a mobilização dos trabalhadores se estendeu aos aposentados que retornaram às *suas* fábricas para participar dessas oficinas de recuperação.

Para os comunistas, **vinte anos de avanço se transformaram em cinquenta anos de atraso**, após o fracasso da Revolução Comunista Chinesa, que foi desastrosa para toda a humanidade e não apenas para a China.

Vamos tentar reavivar **esse ponto de apoio político hoje**. Daí as propostas a seguir.

> Como se vê, levar a sério as questões ditas "ecológicas" de um ponto de vista especificamente comunista implica um trabalho meticuloso de esclarecimento das questões políticas em jogo, com vistas a identificar algumas perspectivas militantes de intervenção, sem se prender a uma simples análise crítica. Daí a extensão do trabalho que se segue, detalhando os efeitos da ruptura interpretativa que a orientação comunista se propõe a fazer na terrivelmente emaranhada problemática das questões ecológicas.

---

[1] Assista ao filme *Uma mulher, uma família, sobre a vida cotidiana durante a Revolução Cultural na China*: https://www.youtube.com/watch?v=0atLFrycmtE&list=PLmWIzkZdt24-UdXuSWmjEgdSD9jekPk8s&index=6

II - Situação

Histórico

Desde o final da década de 1970, três tendências políticas surgiram simultaneamente:

- a evaporação de todas as **políticas comunistas** genuínas e a consequente implosão dos Estados socialistas (que deveriam ser "transitórios");
- a implantação global de **políticas neoliberais** [2] garantindo sua hegemonia planetária;
- a criação de uma ecologia **política** que reativa a antiga combinação de anarco-sindicalismo e social-democracia para formar uma alternativa parlamentar ao neoliberalismo.

Assim, por quase cinquenta anos, a ecologia política e a política comunista têm sido "contravariantes" (a primeira cresce à medida que a segunda desaparece), enquanto a ecologia política e a política neoliberal têm sido "covariantes" (sua oposição parlamentar as sustenta em conjunto). [3]

Nossa pergunta

Nessa situação política, vamos nos perguntar como, no século XXI, a orientação comunista pode - e deve - assumir politicamente a "questão ecológica", a questão que atualmente está agitando os Verdes parlamentares, os coletivos não violentos e o ativismo anarquista, da mesma forma que, a partir da segunda metade do século XIX, a política comunista assumiu a "questão social" que estava agitando a social-democracia (alemã), o socialismo utópico (francês) e o anarquismo (russo).

A resposta a essa pergunta é dupla:

- **uma problematização marxista**: o que a "questão ecológica" significa politicamente *para os comunistas*?
- **uma proposta comunista**: como a orientação comunista pode transformar essa *questão ecológica em* sua própria questão política*, em particular vinculando-a à questão social (entendida como a divisão da humanidade* em classes sociais opostas: dominantes/dominados...)?

  Reconhecendo nossa incapacidade atual de formar uma linha política no sentido estrito da palavra, a proposta será apresentada sob o signo alegre da *acupuntura militante*.

---

[2] Precisamos fazer uma distinção entre liberalismo e neoliberalismo.

Em resumo, existem duas formas de **liberalismo**:

- no século 18, o liberalismo inglês clássico de Locke, Smith e Mill (em uma época em que a burguesia ainda não se via como uma "classe política");
- depois, a partir da segunda metade do século XIX, um liberalismo combativo que ordenava que os novos estados burgueses adotassem uma abordagem de *laissez-faire* (baseada na teoria econômica neoclássica: Walras, etc.).

O **neoliberalismo** que se seguiu também assumiu duas formas sucessivas:

- Após a crise de 1929 (que refletiu o fracasso do liberalismo laissez-faire) e a partir de 1938 (Colóquio Lippmann em Paris), o neoliberalismo (Hayek, Escola de Chicago, etc.) se opôs à regulamentação capitalista keynesiana (que enfrentou as "ameaças" socialistas);
- depois, a partir de meados da década de 1970, o neoliberalismo da oligarquia (que prevalece no século XXI).

Para uma análise detalhada desses (neo)liberalismos, consulte a primeira parte do último livro de Bernard Billaudot: *Néolibéralisme, mondialisation et écologie* (Classiques Garnier, 2024).

[3] A *contravariância* de A e B pode ser formalizada matematicamente como um *produto, que*, formulado em termos aritméticos de *multiplicação*, dará **AxB = constante**. Portanto, aqui: *(ecologia política) x (política comunista) ≅ constante.*

A *covariância* de A e C pode ser formalizada como um *quociente*, que, formulado em termos aritméticos de *divisão*, resultará em **A/C = constante**. Portanto, aqui: *(ecologia política) / (política neoliberal) ≅ constante.*

III - Problematização marxista

Lembretes básicos

A orientação marxista clássica parte das relações sociais (de produção, distribuição, troca e consumo [4]) conforme prevalecem no sistema capitalista:

> *"Na produção social de suas vidas, os homens entram em relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado estágio de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. Essas relações de produção, em conjunto, constituem a* ***estrutura econômica*** *da sociedade, a base real sobre a qual se constrói uma* ***superestrutura jurídica e política****, e à qual correspondem certas* ***formas de consciência social.*** *O modo de produção da vida material* ***condiciona*** *o processo da vida social, política e intelectual em geral*". [5]

Na estrutura capitalista, essas relações sociais assumem a forma privilegiada de relações de troca no mercado, ou seja, entre mercadorias cujo valor de troca corresponde ao tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-las, ou seja, par[a reproduzi-las.

Há dois pontos importantes aqui:

- Por definição, qualquer mercadoria (bem ou serviço) é *socialmente reproduzível*, ou seja, sua produção deve ser socialmente reproduzível. [6]
- O valor de troca dessa mercadoria é *socialmente determinado*: corresponde ao seu valor de trabalho, medido pelo tempo de trabalho *socialmente* necessário para reproduzi-la, e não pelo tempo de trabalho *individualmente* necessário para produzir essa ou aquela cópia. [7]

Em outras palavras, a "determinação social" da produção de mercadorias (uma determinação que é, obviamente, sempre relativa ao estado de uma determinada sociedade) coloca a reprodução social do processo de produção no posto de comando: não há produção de mercadorias que não seja reproduzível, e a avaliação dessa produção é baseada no valor social dessa reprodução.

Portanto, nas sociedades capitalistas, (neo)liberalmente normalizadas pelas trocas de mercadorias, há **pontos cegos** [8] no que diz respeito à reprodução das relações sociais, uma vez que o trabalho socialmente necessário para as várias (re)produções de mercadorias é avaliado reduzindo-se apenas ao trabalho que dá origem a uma troca de mercadorias (esquecendo-se, assim, de todos os outros trabalhos não remunerados). A lógica capitalista que mede as relações sociais apenas em termos de relações de mercadorias mede a reprodução das condições de produção apenas em termos do que a troca de mercadorias mede (em um determinado estado social, é claro).

---

[4] *Introdução aos Grundrisse,* 1857 *(Contribuição à crítica da economia política*; La Geme; ed. Social; 2014, 2021; p. 38)

[5] *Uma contribuição à crítica da economia política* (id.; p. 63)

Observe que Marx está falando aqui de ***condicionamento***, não de determinação, e muito menos da implicação de causa e efeito: a superestrutura emerge **da** infraestrutura e, ao fazê-lo, tem **autonomia relativa** (ou seja, em relação ao seu grau de dependência das *condições* infraestruturais).

[6] Uma obra de arte, que é única por definição, não é uma mercadoria, nem um serviço individualizado que só pode ser prestado por uma determinada pessoa, mesmo que a produção de tal obra de arte ou de tal serviço individualizado possa sempre dar origem a uma compensação financeira (comissões por uma obra, compensação pelo serviço prestado, etc.).

[7] A diferença entre a produtividade *individual* e a *social dá* origem à mais-valia *relativa*.

[8] Como voltaremos a abordar, esses "pontos cegos" se devem ao fato de que o equivalente monetário tido como geral mede toda a existência por seu valor de mercado e, assim, torna invisíveis muitas existências sociais: aquelas que não dão origem a nenhuma troca de mercado, embora sejam socialmente decisivas. Em outras palavras, os pontos cegos do ponto de vista **capitalista** surgem do fato de que as relações sociais são essencialmente medidas em termos de relações de mercado.

Como veremos mais adiante, o ponto de vista **burguês,** sendo político e não apenas econômico e social, por outro lado, terá um interesse ideológico nesses pontos cegos...

Em suma, a lógica do capitalismo **foraclui** de seu espaço mental:

1) o trabalho humano não remunerado e não mercantil necessário para a reprodução social da força de trabalho e, portanto, dos seres humanos que a incorporam: nesse caso, principalmente o trabalho doméstico não mercantil (trabalho privado, realizado principalmente por mulheres) mobilizado para a reprodução social da força de trabalho;
2) a reprodução natural (físico-biológica) dos recursos naturais (matérias-primas, recursos energéticos, terras férteis etc.) mobilizados na produção social (a avaliação capitalista aqui leva em conta apenas o tempo de trabalho socialmente necessário para extraí-los e torná-los disponíveis para o processo de produção).

Essas **duas exclusões** são do mesmo tipo, porque ambas ignoram a reprodução não mercantil de recursos, tanto humanos quanto terrestres, recursos que, no entanto, constituem as condições materiais dos processos sociais de produção: Quando Marx postula que "*o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual em geral*", é necessário garantir que esse modo de produção (da vida material) seja de fato um modo de reprodução (dessa vida material), caso contrário, todo o "*processo de vida social, política e intelectual*" torna-se difícil de reproduzir!

Obstáculos

Para reproduzir seus recursos (humanos e materiais) socialmente, o capitalismo tem sido capaz de uma **dupla externalização:**

1) externalização do sistema de mercado por meio do uso indiscriminado do trabalho doméstico (trabalho social, mas não mercantil e privado) para reproduzir socialmente os recursos humanos (forças de trabalho exploráveis) de que necessita;
2) terceirização geográfica por meio da pilhagem de novos territórios não ocidentais (matérias-primas, terras, etc.). [9]

Mas desde a grande virada estratégica (na encruzilhada das décadas de 1970 e 1980) da nova globalização neoliberal, essa dupla terceirização se deparou com um duplo obstáculo:

1) **A exploração generalizada da mão de obra feminina para fins de remuneração** restringiu os recursos sociais disponíveis para o trabalho doméstico não mercantil. O capitalismo superou esse obstáculo de sua própria maneira característica: mercantilizando os produtos do trabalho doméstico (refeições prontas, oficinas de costura e engomadoria etc.) e pagando por esse trabalho (empresas de serviços domésticos: faxineiras, assistência domiciliar etc.); daí a importação de mão de obra estrangeira para incorporar esse antigo trabalho doméstico privado às novas relações sociais capitalistas.
2) **A extensão geográfica da terra a ser pilhada** esbarrou nos limites físicos da Terra. Mais uma vez, o capitalismo superará esse obstáculo à sua própria maneira:
    - compensando a expansão quantitativa com a intensificação qualitativa (fertilizantes, OGMs, etc.);
    - aprofundando a predação do subsolo (perfuração cada vez mais acentuada...);
    - aproveitando o subsolo marinho e não apenas a terra.

"Limites"?

Não esqueçamos que *limite* não significa de forma alguma *finitude* e que, no pensamento moderno [10], *infinito* não significa de forma alguma *ilimitado*: basta dizer que, entre 0 e 1, há uma

[9] Sobre esse ponto, Alain Rallet nos lembra do debate sobre imperialismo e guerra introduzido por Rosa Luxemburgo na época da Primeira Guerra Mundial com sua obra *Acumulação de Capital*. Sua tese era que o capitalismo não poderia funcionar sem o mundo exterior, ou seja, sem áreas não reguladas por ele. Ela foi combatida por aqueles que achavam que o capitalismo poderia viver sem expansão (Otto Bauer) ou com expansão, mas operando apenas dentro de si mesmo (Kautsky), o que implicava que o imperialismo não era uma necessidade intrínseca e que uma aliança com a burguesia nacional era possível.

[10] Nesse aspecto, os recursos intelectuais da matemática moderna são particularmente decisivos.

infinidade (limitada) de números (racionais ou reais)! Diferentemente do pensamento teológico, que associa um único Deus Infinito à ilimitação de uma Totalização integral, o pensamento moderno se move em uma infinidade de infinitos diferentes [11] , todos intrinsecamente limitados.

Confundir limite e finitude significa limitar deliberadamente *o* infinito ao que os gregos chamavam de *infinito potencial* [12] e reclassificar a humanidade no que Hegel chamou de infinito *ruim*, excluindo *o infinito real* ou o *infinito bom*.

Onde a resignação à finitude opressiva confessa seu caráter intelectualmente regressivo e politicamente reacionário.

O capitalismo neoliberal contemporâneo, portanto, parece perfeitamente capaz, com seus próprios recursos internos, de superar os obstáculos impostos pelos limites físicos de sua terceirização. [13]

> E não vemos como o capitalismo sabe tirar proveito das novas necessidades materiais que as crises ecológicas trazem à tona?: ele sabe perfeitamente como inventar novas maneiras de explorar lucrativamente o trabalho humano para produzir (pelo menos para aqueles que podem pagar por isso):
>
> - **ar** respirável, sem o qual os seres humanos morrem em poucas horas: veja o mercado de ar purificado e condicionado...
> - **água** potável, sem a qual os seres humanos morrem em poucos dias: veja o mercado de água engarrafada e os contêineres...
> - **alimentos** comestíveis, sem os quais os seres humanos morrem em poucas semanas: veja o mercado "orgânico"...
> - **o** imunizante **microbiológico** sem o qual os seres humanos morrem em poucos meses: veja o mercado farmacêutico de medicamentos e vários suplementos...
> - **fertilidade** sexual, sem a qual a espécie humana desapareceria em um século: veja o mercado de oócitos e espermatozóides e o mercado de "úteros portadores"...

Obstrução

O ponto exato em que a questão ecológica faz obstrução ao capitalismo, e não apenas uma série de obstáculos, o ponto que estrutura o que é comumente chamado de ***Capitaloceno***, é o confronto de duas realidades incompatíveis.

- **A Terra não é apenas um amontoado de recursos**; não é apenas a soma de terra, subsolo, mares e atmosferas; não é apenas a soma de ar, água, plantas e animais, bactérias e vírus necessários para a reprodução material (físico-biológica) da vida humana. A Terra é um sistema global, física e biologicamente autônomo (embora dependente do sistema solar, de nossa galáxia, de seu aglomerado e, por fim, do resto do universo). Esse sistema global é materialmente coordenado por suas próprias leis endógenas. [14] Portanto, qualquer série de intervenções nos elementos e partes separados desse mundo-Terra tem efeitos globais naturais (físico-biológicos), dos quais a degradação climática atual é a tradução material mais óbvia.
- Diante disso, sabemos que o capitalismo atua neste mundo-Terra com **suas próprias leis endógenas**, cuja natureza subjetiva essencialmente gananciosa permanece totalmente heterogênea às leis físico-biológicas que regem o mundo-Terra: na verdade, essas leis capitalistas são, por um lado, leis de dominação, exploração e opressão que dividem a humanidade em classes sociais opostas e, por outro lado, leis de competição, rivalidade e guerra que colocam as classes dominantes umas

[11] Veja aqui *L'immanence des vérités*, de Alain Badiou (Fayard, 2018)

[12] O infinito *potencial* diz respeito ao finito, que pode ser estendido indefinidamente com a adição de um novo elemento (portanto, sempre podemos estender a lista de números positivos 1, 2, 3, 4...), enquanto o infinito *real* pensa na existência simultânea desse conjunto infinitamente povoado de números naturais, denominando-o $\mathbb{N}^+$.

[13] No século XX, havia uma diferença significativa entre os países capitalistas e socialistas: os últimos não terceirizaram a exploração da terra fora de seus países, mas continuaram a fazê-lo dentro de suas próprias fronteiras.

[14] Digamos, no vocabulário filosófico das *Logiques des mondes* de Alain Badiou, que esse sistema-Terra faz o mundo de acordo com seu próprio *transcendental* físico-biológico.

contra as outras. A rigor, não existe um capitalismo mundial [15] que não seja um mundo de mercadorias!

"Mundo?

Então, o que exatamente chamamos de *mundo*?

Vamos recorrer aos recursos da filosofia (neste caso, a [16] de Alain Badiou) e da matemática [17] , e apresentar esta caracterização sintética [18] : um mundo é um lugar delimitado, infinitamente povoado por um número infinito de relações entre um número infinito de habitantes, fechado em si mesmo [19] , dotado de uma topologia [20] e provido de uma lógica intrínseca de existência que mede os graus de aparência nesse mundo [21] .

A esse respeito, vamos detalhar as diferenças entre uma situação simples e um mundo, ou seja, vamos especificar as maneiras **pelas quais um mundo é uma situação de um tipo específico**.

Aparências de medição do operador interno

Vamos simplificar: existir em um mundo, ser um habitante dele, é aparecer nele com maior ou menor intensidade [22] . Agora, o que torna uma simples situação um mundo no sentido estrito é que, nesse mundo, os graus ou intensidades de existência ou aparição [23] são intrinsecamente normatizados por um operador interno: um mundo é logicamente constituído em torno de um regime normatizado de existência.

Vamos colocar aqui [24] que um mundo é uma situação infinita de um tipo particular [25] : um mundo difere de uma situação (obviamente infinita) essencialmente pelo fato de ser 1) fechado em si mesmo [26] e 2) intrinsecamente dotado de um operador interno e explícito [27] que mede o que significa existir ou aparecer nele.

Vamos dar uma olhada em alguns exemplos desses mundos, cada um com sua própria medida de aparência.

- **A música** é um mundo povoado por peças musicais cuja existência audível é medida de acordo com um roteiro musical - desde a Idade Média, o mundo da música existe centrado em seu próprio operador: o ***solfejo***.

---

[15] A história não é estranha à fantasia de um mundo de capitalismo: foi a fantasia do superimperialismo de Kautsky na época da Primeira Guerra Mundial; desde o final do século XX, tem sido a fantasia da "comunidade internacional" (que finge estar organizada em uma procissão díspar e inconsistente: ONU-FMI-OMC-OMC-OMC-COP...), uma ficção que agora está colidindo com a rivalidade globalizada das oligarquias.

[16] *Logiques des mondes* (2006) e *Topos* (2024)

[17] Nesse caso, a teoria do topos (o topos matemático de feixes de Grothendieck e o topos lógico elementar de Lawvere).

[18] O pressuposto aqui é que um mundo pode ser formalizado matematicamente como um topos.

[19] Você não consegue sair dele compondo intrinsecamente as relações entre os habitantes: qualquer composição de existência neste mundo também existe neste mundo.

[20] estruturando suas vizinhanças, suas partes abertas ou fechadas, as fronteiras que as separam...

[21] Badiou fala aqui da matemática *transcendental* e categórica do *classificador de subobjetos*.

[22] Assim, por exemplo, ser *invisível* lá é ser inexistente, e vice-versa.

[23] Tenha cuidado para não tomar o *aparecer* (ou *o ser-aí* que se dialetiza com o *ser*) por uma mera *aparência* (que seria então oposta a uma suposta *essência*)!

[24] A distinção que estou propondo aqui entre *situação* e *mundo* não existe na obra *Logiques des mondes* de Alain Badiou.

[25] Assim como, matematicamente falando, um topos é uma categoria infinita de um tipo muito particular.

[26] Matematicamente falando, não emergimos de um topos-mundo pelos limites e colimites de seus elementos existentes ou por sua exponenciação (ou seja, levando em conta as partes, isto é, os agrupamentos e coletivos entre os elementos existentes).

[27] Em um determinado mundo, a consistência das formas de existência assume matematicamente a forma de uma álgebra de Heyting. Em um topos-mundo, a existência desse objeto algébrico está inserida, por assim dizer, entre a existência de um objeto *inicial* e a de um objeto *terminal*. Daí a referência de Alain Badiou a ele como um *objeto central*

- **A matemática** é um mundo povoado pelo discurso matemático medido por sua demonstrabilidade - desde os gregos do século V a.C., o mundo matemático existe centrado em sua lógica ***demonstrativa***.
- Um determinado **amor** entre homem e mulher cria um mundo de infinitos encontros compartilhados por dois e medidos em relação à incomensurabilidade [28] dos dois sexos - existe, portanto, um mundo de amor centrado em sua lógica sexual de ***incomensurabilidade***.
- **O capitalismo** é um mundo de mercadorias e suas trocas, medidas em termos de um equivalente monetário geral - o mundo do capitalismo está, portanto, centrado em sua lógica de mercadorias, medindo tudo nesse mundo em termos de um ***equivalente geral*** (dinheiro). [29]

"Mundo político?

Mas o que dizer de um mundo político possível? A questão é muito mais delicada, porque **a política só existe no antagonismo** (político): de certa forma, na Humanidade, a política só existe porque a Humanidade social se divide antagonicamente em opressores e oprimidos, exploradores e explorados, classes que dominam outras classes sociais. Quando esse antagonismo social toma forma política - em outras palavras, quando o antagonismo latente se declara politicamente e os adversários sociais se constituem como inimigos políticos -, esse antagonismo político será explicitado em duas normas políticas contraditórias sobre o que existe: o que não existe para um, existirá em excesso para o outro [30] ; as margens de um se tornarão os centros do outro [31] ; o nada de um será o todo do outro [32] .

Portanto, no antagonismo político, a rigor, não há - não pode haver - um mundo comum a ambos os lados. [33]

•

A questão ecológica do Capitaloceno é, portanto, a seguinte: por um lado, a Terra de fato forma um mundo físico-biológico, a Terra-mundo; por outro lado, se o capitalismo é globalizado, ele não pode, estritamente falando, formar um mundo que não seja um mundo de mercadorias (e, portanto, também de resíduos) - em outras palavras, para a humanidade como tal, a cobertura da Terra-mundo pela globalização capitalista não faz um mundo! A orientação capitalista não pode, portanto, organizar suas relações de mercadoria com o mundo-Terra de forma coerente, embora sua globalização esteja modificando globalmente o equilíbrio interno desse mundo-Terra.

Uma corrida desenfreada

Portanto, a ecologia capitalista, longe de atenuar os efeitos deletérios do capitalismo, os acentua. Ela faz isso simultaneamente nas duas frentes que compõem a orientação sociopolítica do capitalismo: de um lado, a competição e a guerra entre rivais; de outro, a opressão e a exploração dos dominados.

- O capitalismo está "esverdeando" sua **exploração do mundo-Terra de uma** forma inelutavelmente anárquica, por capricho da ganância oligárquica concorrente, que está sendo exacerbada e de forma alguma abrandada - como os eventos mundiais atuais fornecem ampla evidência.

---

[28] Lacan descreve essa *incomensurabilidade* entre os dois sexos como "*não-relação*"...

[29] Para nós, essa é uma correlação essencial: o capitalismo não cria um mundo para os seres humanos, dos quais ele conhece apenas a dimensão transacional, com base na mercantilização de sua "força de trabalho". Em outras palavras, para o mundo do capitalismo, um ser humano aparece apenas na medida em que pode ser mercantilizado. Isso significa que os seres humanos que não podem ser explorados ou, de modo mais geral, que não podem ser integrados ao sistema capitalista de exploração (como guardas prisionais, por exemplo) são considerados inexistentes.

[30] Os proletários, que eram invisíveis na sociedade burguesa, deveriam se tornar os atores centrais do projeto comunista.

[31] As fábricas, locais sociais excluídos de qualquer forma de politização por cercas impenetráveis, tornaram-se os locais centrais da política comunista.

[32] *"Nós não somos nada. Sejamos tudo"* (*A Internacional*)

[33] Daí a problemática teorização, após a Segunda Guerra Mundial, de uma Guerra Fria entre dois "mundos" e a inserção de um "Terceiro Mundo" entre os dois.

- O capitalismo "ecologiza" sua **exploração do trabalho assalariado** em uma lógica inescapável de separação social, de desenvolvimento social separado, tanto quanto de **apartheid social**, entre os exploráveis integrados e os desempregados deixados para trás, que ficarão estacionados em zonas reservadas, banidos para os subúrbios do próspero Ocidente. É claro que as tendências ecológicas do neoliberalismo acentuam essa separação: entre os que se beneficiam e os que pagam o preço, que são então destacados da mesma forma que os pobres sempre foram destacados: como preguiçosos, tacanhos e retardados!

  Deve-se observar que esse apartheid social assume a forma de **zoneamento fractal** (ou seja, em todas as escalas): não se trata mais apenas de uma distribuição continental em uma vasta escala na Terra, mas de uma separação em todas as escalas geográficas: entre países no mesmo continente, entre regiões no mesmo país, entre cidades na mesma região, entre cidades e subúrbios na mesma conurbação, entre bairros na mesma cidade, entre casas no mesmo bairro e, em alguns casos, até mesmo entre andares na mesma casa.

Essa corrida desenfreada se reflete no desaparecimento virtual da **burguesia**, que costumava se ver como uma classe política, em favor (!) de simples **oligarquias,** cujo modelo se tornou o promotor imobiliário (Trump) ou o banqueiro de investimentos (Macron), oligarquias que administram países pelo Estado como se fossem empresas, no modelo das “start-ups Nations".

A "questão social", portanto, assume um novo aspecto na era do neoliberalismo oligárquico: não é mais apenas a questão das diferentes classes sociais no processo de produção e na crise ecológica, mas também a questão do desenvolvimento social separado, em todas as escalas, entre os integrados e os deixados para trás no desenvolvimento capitalista, entre os exploradores-explorados e os não exploráveis.

•

Classes sociais e classes políticas

A burguesia se constitui como uma **classe política** ao organizar politicamente a reprodução do capitalismo, e não ao simplesmente lucrar com ele de imediato: ao dirigir um Estado que não é apenas um aparato para a repressão e a manutenção da ordem proprietária, mas que se encarrega da reprodução social dessa ordem capitalista. Assim, a burguesia como classe política afirma uma concepção especificamente burguesa do **povo**, valorizando, por exemplo, o maior divisor comum de interesses individuais ("*todos têm a chance de se tornar diretores de uma empresa*"). Portanto, "*quanto mais uma classe dominante puder receber em suas fileiras os homens mais importantes da classe dominada, mais sólida e perigosa será sua opressão*" (Marx).

Vamos detalhar essa diferença crucial entre **classes sociais e classes políticas**, sendo que as últimas podem "emergir" com relativa autonomia das primeiras, assim como vimos que as superestruturas político-ideológicas emergem com relativa autonomia das infraestruturas econômicas que as condicionam.

> Um emaranhado social de situações infinitamente diferentes pode se tornar um mundo político quando uma classe política passa a dominá-lo, unificando-o sob o signo de uma ideologia com ambições universais.
>
> Uma classe **dominante** é uma classe social que se constituiu como uma classe política:
>
> - uma classe social mede tudo e todos os relacionamentos apenas em termos de seus próprios **interesses**;
> - Uma classe política mede tudo e todos os relacionamentos pelas **ideias** que forja para dar aos seus próprios interesses uma forma universal, dando razão à existência das pessoas e da sociedade que deseja dominar.
>
>   *"Cada nova classe que toma o lugar de outra que dominou antes dela deve necessariamente, se apenas para atingir seus fins, apresentar seu interesse como o interesse comunitário de todos os membros da sociedade, ou seja, expresso de uma forma ideal: dando a seus pensamentos a forma de universalidade, apresentando-os como os únicos pensamentos racionais e universalmente válidos. Desde o início, a classe que faz a revolução, mesmo que seja apenas pelo fato de estar enfrentando uma classe, entra em cena não como uma classe, mas como representante de toda a sociedade. [...] Como resultado, sua vitória também beneficia muitos*

> *indivíduos de outras classes [...] na medida em que coloca esses indivíduos em posição de se elevar acima da classe dominante*". (Marx, Ideologia Alemã) [34]
>
> *"Mesmo quando um homem sem recursos obtém crédito como industrial ou comerciante, é porque confiamos que ele se comportará como um capitalista, usando o capital emprestado a ele para se apropriar de trabalho não remunerado. Nós lhe damos crédito como um capitalista em potencial. E até mesmo o fato, tão admirado pelos apologistas da economia política, de que um homem sem riqueza, mas enérgico, sério, capaz e bem versado em negócios pode, dessa forma, tornar-se um capitalista [...] fortalece, no entanto, a dominação do capital, ampliando sua base e permitindo-lhe recrutar forças sempre novas do alicerce social sobre o qual se apoia. Como no caso da Igreja Católica na Idade Média, recrutar sua hierarquia entre as melhores mentes do povo, independentemente de condição social, nascimento ou riqueza, era uma das principais maneiras de reforçar o domínio do clero e manter os leigos sob controle. Quanto mais uma classe dominante for capaz de acolher em suas fileiras os homens mais importantes da classe dominada, mais sólida e perigosa será sua opressão*." Marx (*O Capital*, Livro III, capítulo 36) [35]

Em suma, uma classe política não é simplesmente uma classe social: em particular, a **burguesia** não é simplesmente os **patrões**, nem é simplesmente uma máfia de saqueadores ou uma liga armada de gangues que impõem sua própria "ordem" sem embelezar seu regime opressivo com qualquer "idealização".

O resultado hoje é desastroso: assim como as situações dominadas por bandidos puros e simples constituem um caos que não merece ser chamado de "mundo", também as situações dominadas por cartéis instáveis de oligarquias vorazes, sem classes políticas reais capazes de dominar "seus povos", não podem constituir um mundo. [36] Assim como situações dominadas por cartéis instáveis de oligarquias vorazes, sem classes políticas reais capazes de dominar "seus povos", não podem ser chamadas de "mundo", mas, na melhor das hipóteses, constituem desenvolvimento separado e apartheid social.

Oligarquias

Hoje em dia, está claro que não há mais classes políticas preocupadas em fazer o mundo de acordo com seus próprios interesses.

- É certo que ainda há - mais do que nunca - **trabalhadores** na Terra (centenas de milhões deles!), portanto, ainda há uma classe social de trabalhadores, mas não há mais, estritamente falando, um **proletariado**, se for verdade que a consistência dessa classe política implodiu durante a Revolução Cultural [37] ;

  > O horizonte político do comunismo está devidamente obstruído pelo fracasso da hipótese marxista de uma classe política chamada *proletariado*. Essa obstrução ainda não foi politicamente absorvida. Todo o objetivo desta análise é tomar nota lúcida desse fato, a fim de considerar a possibilidade de agir politicamente de acordo.

- A rigor, não há mais **burguesias**, embora seja verdade que, desde a queda do Muro de Berlim, elas tenham encolhido rapidamente e se transformado em meras coalizões instáveis de oligarquias rivais.

  > A única exceção, talvez, seja a China de Xi Jinping, que parece estar explorando a possibilidade de um **novo tipo de burguesia**, armada com um novo tipo de ideologia, promovendo seu capitalismo monopolista de estado sob a bandeira explícita de um bem comum para toda a China, todo o seu povo e, portanto, toda a humanidade. Mas será que essa novidade pode ser sustentável e exportável? Claudia Pozzana e Alessandro Russo [38] destacam as particularidades

---

[34] GEME, trans. Jean Quétier e Guillaume Fondu (ed. Social, 2014; p. 133-135)

[35] Éditions sociales (1970): volume II, p. 260

[36] Veja, por exemplo, os *Sete Samurais* do Japão ou os Senhores da Guerra da China. Veja a atual situação paroxística no Haiti e em muitos países africanos.

[37] Veja nossa discussão com Alessandro Russo sobre a Revolução Cultural.

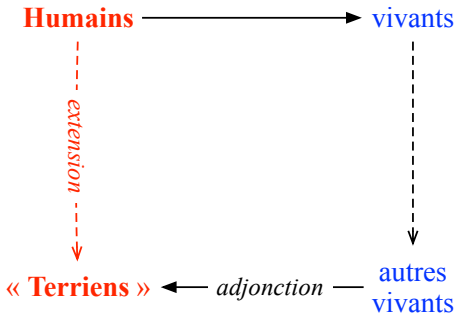
[38] See *Facing WW4:* https://ir.canterbury.ac.nz/bitstreams/4652942d-3301-4bbe-9e79-7e0e4d4d5649/download

extremas desse modelo [39] que parecem impedir sua generalização e que, para começar, nem sequer conseguiram ser exportadas para Hong Kong ou Formosa. [40]

Uma alternativa

A essa altura, como podemos sair do impasse do Capitaloceno? Uma alternativa rigorosa está tomando forma.

- **A primeira abordagem** propõe que nós, humanos, nos integremos ao mundo-Terra, unindo-nos a outros seres "vivos" para formar [41] o novo grupo de "terráqueos" capaz de ampliar uma abordagem de mundo-Terra que não mais separe Natureza e Cultura.



  Essa orientação poderia ser apoiada por orientações religiosas monoteístas, capazes de garantir a compatibilidade geral do projeto por meio da existência de uma Transcendência benevolente que cria simultaneamente todos os termos do problema: Humanidade, Terra e Natureza.

- **A outra orientação** visa constituir um mundo de humanidade, capaz de organizar coletivamente uma relação politicamente emancipada (e não mais de simples saque) com o mundo da Terra. É nesse ponto que a orientação comunista em questões ecológicas pode se afirmar.

  Recordamos na introdução: esta orientação comunista não começa do nada. A humanidade provou de forma duradoura que é capaz de abandonar o capitalismo , não tanto na forma de socialismo de Estado (que acabou se concentrando na construção de um Estado socialista, apenas para se transformar inevitavelmente em capitalismo monopolista de Estado), mas na forma da Revolução Comunista Chinesa (1958-1976), tanto que, desde então, "*Nosso universo não é mais o mesmo. A China se tornou uma Comuna*. [42].

  Como sabemos, esse avanço do capitalismo sofreu forte oposição e acabou tendo de ser revertido. No entanto, esse avanço continua sendo a "*grande clareada*" que é o título do livro de Cécile Winter[43] e que nos mostra, no início do século XXI, assim como a Comuna de Paris nos mostrou no início do século XX, que a humanidade não está eternamente condenada ao capitalismo, mas pode superá-lo e ir além dele.

•

Então, como podemos abordar essa questão ecológica como comunistas, quando nenhuma política comunista parece concebível hoje em grande escala, dados os imensos desastres humanos, sociais e políticos que o Capitaloceno está gerando para toda a humanidade?

---

[39] Autoridade dupla (autoridade *prescritiva* capitalista clássica e autoridade *proibitiva* específica com base em um partido-estado que compreende mais de 5% da população).

[40] Uma hipótese correlativa e consoladora: esse novo tipo de burguesia chinesa poderia ser contemporâneo de um novo tipo de proletariado chinês?

[41] Poe adjunção "parlamentar", especificaria Bruno Latour...

[42] Veja Aragon (*Le roman inachevé*; 1956), cantado por Léo Ferré: "*Je chante pour passer le temps // J'ai vécu le jour des merveilles / Vous et moi souvenez-vous-en / Et j'ai franchi le mur des ans / Des miracles plein les oreilles / **Notre univers n'est plus pareil** [...] Nous avons fait des clairs de lune / Pour nos palais et nos statues / Qu'importe à maintenant qu'on nous tue / Les nuits tombont un à un / **La Chine s'est mise en Commune***".

[43] *La grande éclaircie de la Révolution culturelle chinoise* (Éd. Delga; 2021)

Nossa proposta aqui é a seguinte: na ausência de uma linha política concebível, organizar a afirmação militante de alguns **pontos** políticos que possam romper a hegemonia dominante do capitalismo oligárquico.

Esse trabalho de **acrescentar pontos** de vista comunistas organizados às várias situações sociais contemporâneas, esse trabalho de ativar **pontos** na situação, vamos examiná-lo sob o nome de **acupuntura**.

IV - Proposição comunista

Examinemos

1. O que hoje obstrui – esperamos temporariamente – a perspectiva de uma linha política verdadeiramente comunista.
2. A proposta alternativa da acupuntura militante.

IV.1 - Sem linha política!

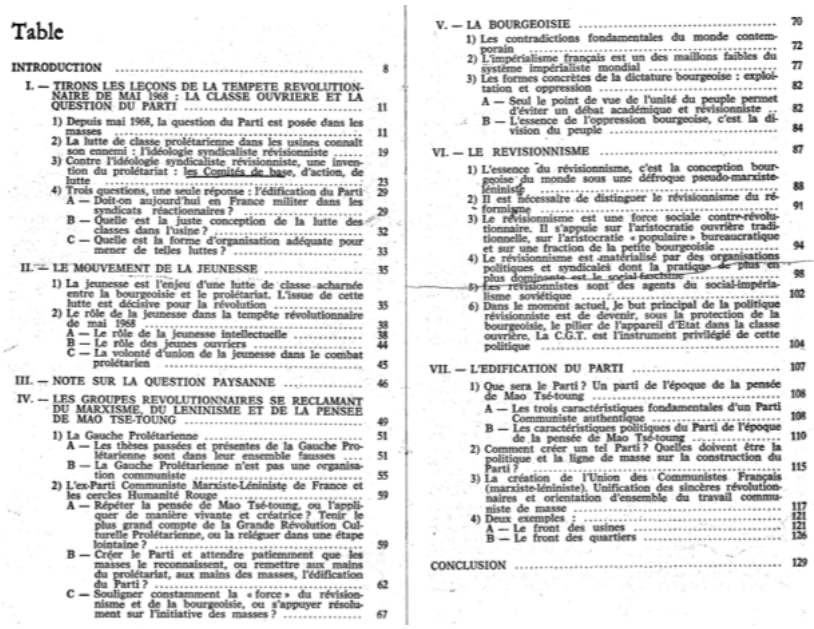
A situação atual dos comunistas é caracterizada negativamente pela impossibilidade de determinar, estritamente falando, uma linha comunista de intervenção política nas situações em que eles têm de intervir.

"Linha política?

O que é uma linha política?

Assumiremos 1) que uma linha política entrelaça as quatro dimensões da intervenção revolucionária em uma situação (confronto político com o antagonismo social das formas coletivas de trabalhar, viver, povoar e organizar) e 2) que ela as entrelaça formulando o fio vermelho, o *Leitfaden* (fio condutor), o *instress* (intenção) capaz de ordenar esse entrelaçamento de acordo com um foco principal. [44]

Vejamos **o exemplo da constituição da UCF(ml)**, conforme formulada em seu livreto de lançamento em fevereiro de 1970.



Table

INTRODUCTION 8
I. — TIRONS LES LECONS DE LA TEMPETE REVOLUTIONNAIRE DE MAI 1968 : LA CLASSE OUVRIERE ET LA QUESTION DU PARTI 11
1) Depuis mai 1968, la question du Parti est posée dans les masses 11
2) La lutte de classe prolétarienne dans les usines connaît son ennemi : l'idéologie syndicaliste révisionniste 19
3) Contre l'idéologie syndicaliste révisionniste, une invention du prolétariat : les Comités de base, d'action, de lutte 23
4) Trois questions, une seule réponse : l'édification du Parti 29
A — Doit-on aujourd'hui en France militer dans les syndicats réactionnaires ? 29
B — Quelle est la juste conception de la lutte des classes dans l'usine ? 32
C — Quelle est la forme d'organisation adéquate pour mener de telles luttes ? 33
II. — LE MOUVEMENT DE LA JEUNESSE 35
1) La jeunesse est l'enjeu d'une lutte de classe acharnée entre la bourgeoisie et le prolétariat. L'issue de cette lutte est décisive pour la révolution 35
2) Le rôle de la jeunesse dans la tempête révolutionnaire de mai 1968 38
A — Le rôle de la jeunesse intellectuelle 38
B — Le rôle des jeunes ouvriers 44
C — La volonté d'union de la jeunesse dans le combat prolétarien 45
III. — NOTE SUR LA QUESTION PAYSANNE 46
IV. — LES GROUPES REVOLUTIONNAIRES SE RECLAMANT DU MARXISME, DU LENINISME ET DE LA PENSEE DE MAO TSE-TOUNG 49
1) La Gauche Prolétarienne 51
A — Les thèses passées et présentes de la Gauche Prolétarienne sont dans leur ensemble fausses 51
B — La Gauche Prolétarienne n'est pas une organisation communiste 55
2) L'ex-Parti Communiste Marxiste-Léniniste de France et les cercles Humanité Rouge 59
A — Répéter la pensée de Mao Tsé-toung, ou l'appliquer de manière vivante et créatrice ? Tenir le plus grand compte de la Grande Révolution Culturelle Prolétarienne, ou la reléguer dans une étape lointaine ? 59
B — Créer le Parti et attendre patiemment que les masses le reconnaissent, ou remettre aux mains du prolétariat, aux mains des masses, l'édification du Parti ? 62
C — Souligner constamment la « force » du révisionnisme et de la bourgeoisie, ou s'appuyer résolument sur l'initiative des masses ? 67
V. — LA BOURGEOISIE 70
1) Les contradictions fondamentales du monde contemporain 72
2) L'impérialisme français est un des maillons faibles du système impérialiste mondial 77
3) Les formes concrètes de la dictature bourgeoise : exploitation et oppression 82
A — Seul le point de vue de l'unité du peuple permet d'éviter un débat académique et révisionniste 82
B — L'essence de l'oppression bourgeoise, c'est la division du peuple 84
VI. — LE REVISIONNISME 87
1) L'essence du révisionnisme, c'est la conception bourgeoise du monde sous une défroque pseudo-marxiste-léniniste 88
2) Il est nécessaire de distinguer le révisionnisme du réformisme 91
3) Le révisionnisme est une force sociale contre-révolutionnaire. Il s'appuie sur l'aristocratie ouvrière traditionnelle, sur l'aristocratie « populaire » bureaucratique et sur une fraction de la petite bourgeoisie 94
4) Le révisionnisme est matérialisé par des organisations politiques et syndicales dont la pratique de plus en plus dominante est le social-fascisme 98
5) Les révisionnistes sont des agents du social-impérialisme soviétique 102
6) Dans le moment actuel, le but principal de la politique révisionniste est de devenir, sous la protection de la bourgeoisie, le pilier de l'appareil d'Etat dans la classe ouvrière. La C.G.T. est l'instrument privilégié de cette politique 104
VII. — L'EDIFICATION DU PARTI 107
1) Que sera le Parti ? Un parti de l'époque de la pensée de Mao Tsé-toung 108
A — Les trois caractéristiques fondamentales d'un Parti Communiste authentique 108
B — Les caractéristiques politiques du Parti de l'époque de la pensée de Mao Tsé-toung 110
2) Comment créer un tel Parti ? Quelles doivent être la politique et la ligne de masse sur la construction du Parti ? 115
3) La création de l'Union des Communistes Français (marxiste-léniniste). Unification des sincères révolutionnaires et orientation d'ensemble du travail communiste de masse 117
4) Deux exemples : 121
A — Le front des usines 121
B — Le front des quartiers 126
CONCLUSION 129

[44] Formulado matematicamente, diríamos: dando a esse entrelaçamento a forma sintética de um quaternário específico.

O índice define o movimento: os militantes comunistas partem de uma situação motivada por um evento (maio de 68 na França), politicamente declarada (em vez de socialmente observada), amarrada em torno da "*questão do partido*" e, em seguida, examinada sob essa luz de acordo com seus diferentes componentes, sociais (fábricas, jovens, camponeses) e organizados (comitês e grupos revolucionários, burguesia, revisionismo), para terminar com a proposta organizacional de um grupo para levar adiante na França "*a questão política de um partido de novo tipo dentro das massas*".

Aqui, a linha política é traçada, não pela soma de seus componentes, pela adição de dimensões ou pela convergência de movimentos, mas pela **projeção de uma decisão política preliminar** (cf. ponto I.1: "*Desde maio de 68, a questão do Partido tem sido colocada nas massas*"), uma projeção em todas as dimensões da situação na França, que será apresentada linearmente (o discurso obriga!) em uma sucessão de capítulos, cuja conclusão reunirá a complexidade nativa: "criar *a organização que entregará à classe trabalhadora e ao povo a construção do Partido*". Dessa forma, a linha política está ligada à **decisão de se concentrar em uma questão específica** (a questão de um partido "*da era do pensamento de Mao Tsé-tung*") e ao **viés introdutório de um ponto de vista sintético** capaz de iluminar em muitas situações de massa na França.

Deve-se notar que o mundo-França é aqui politicamente dado pela existência de uma burguesia dominante (capítulo V) com a qual é uma questão de competir para revolucionar esse mundo e dar-lhe uma base de um novo tipo ("*O mundo vai mudar sua base*"). A linha política então proposta coloca o novo tipo de organização política no posto de comando, ou seja, planeja iniciar a revolução desse mundo dando-lhe um novo operador central, capaz de assumir na França a ambição centralizada dessa revolução global.

Hoje...

Hoje, nada disso faria sentido, na ausência não tanto dos movimentos de massa que proliferaram na época quanto de qualquer ideia com um horizonte político que pudesse ser compartilhado em grande escala: É claro que não há nada hoje que substitua o ponto de partida *que* foi o "*entusiasmo das massas pelo socialismo*" [45] e que torne possível, como era então, enraizar-se na convicção de que "*nosso entusiasmo é grande e justificado*" [46] porque "*estratégica e taticamente, a situação na França é excelente para o campo revolucionário*" [47] .

"*Pontos*" políticos!

Portanto, se não podemos hoje aspirar a uma linha política para a intervenção comunista em diferentes locais [48] (particularmente fora da França [49]), precisamos inventar um novo tipo de problemática política e militante, **desta vez começando com pontos**, pontos de um novo tipo (porque eles não são mais pontos em uma determinada linha [50]) capazes de tecer uma rede, um pouco como desenhar um gráfico a partir de seus vértices.

Ao fazer isso, precisamos inventar intervenções militantes em situações (que não são o mundo), imaginando **o que** propomos chamar de **acupuntura militante**, que provavelmente constituirá uma preciosa salvaguarda contra o perigo dogmático, particularmente ameaçador em qualquer período de desorientação.

> *"Sonhar com o prolongamento indefinido das coisas que já passaram e com o governo dos homens por meio de embalsamamento, restaurar dogmas que estão em mau estado, dourar os santuários, recriar os claustros, reconstruir os relicários, rememorar superstições, reabastecer o fanatismo, remodelar os alfinetes e sabres, reconstituir o monasticismo e o militarismo, acreditar na salvação da sociedade pela multiplicação de parasitas, impor o passado ao presente, tudo isso parece estranho. Mas há teóricos para essas teorias*. Victor Hugo (*Os Miseráveis*)

---

[45] p. 11 do folheto

[46] p. 129

[47] p. 11

[48] Esses locais, que a linha produziu pela interseção de diferentes componentes sociopolíticos, foram então chamados de "*frentes*": veja "*a frente da fábrica e a frente do bairro*", que constituem os últimos desenvolvimentos (VII.4.A e B) da perspectiva.

[49] Para os comunistas de hoje, o imperativo de deixar a França e a Europa é decisivo

[50] Veja, por exemplo, *a carta de **25 pontos** sobre a **linha do** movimento comunista internacional* (resposta de 14 de junho de 1963 do PCC ao PCUS).

IV.2 - Acupuntura ativista

> *"Parece-me que o mundo pode ser vivenciado como o quadrado hieroglífico de um problema de xadrez, onde um mecanismo secreto está enterrado, dissolvido na aparência, - onde um certo foco que foi descoberto derruba para a mente o poder das peças, a perspectiva dos quadrados, como um golpe em um caleidoscópio. Tudo o que você precisa fazer é colocar a peça no quadrado que nada indica para que tudo mude. [...] Há muito tempo tenho a ideia de que há um ponto [neste mundo] a partir do qual tudo pode ser descoberto, uma certa alavanca que lhe dá controle sobre ele. Poderíamos imaginar, em termos muito práticos, uma busca pelos pontos de fixação da vida, os centros nervosos do planeta, uma espécie de acupuntura telúrica*".
>
> Julien Gracq (*Um belo tênue*)

> *"O objetivo aqui é investigar alguns pontos-chave. Daí a natureza deliberadamente descontínua deste trabalho, que é detalhado em algumas questões e elíptico em outras. Ele poderia ser visto, se você preferir, como uma tentativa de "acupuntura teórica"*.
>
> Robert Linhart (*Lênin, os camponeses, Taylor*)

Em uma determinada situação social, vamos supor que o trabalho de acupuntura ativista consiste em **ativar pontos de vista políticos**, ou seja, **adjuntar** (e não apenas **adicionar**) pontos de vista militantes ajustados à situação inicial, de modo a politizá-la e, assim, ampliá-la.

O que significa "adjuntar" aqui, e quais "pontos políticos" podem ser adicionados dessa forma?

"Adjuntar ?

Adjuntar é muito mais do que adicionar:

- **Adicionar** é aumentar a situação com mais um elemento, é simplesmente afixar um novo termo ao lado dos anteriores, é ampliar uma lista (adicionamos um cômodo a um edifício existente anexando um anexo a ele; adicionamos um elemento a um diretório existente);
- **Adjuntar** [51] , por outro lado, é colocar o elemento adicionado em relação sistemática com todos os elementos já existentes na situação, compô-lo com todos os constituintes da situação; é fazê-lo interagir com todos os termos da situação.

  Por exemplo, acrescentar uma palavra de ordem à situação da qual ela se apoderou significa torná-la o ponto central dessa situação, um ponto sobre o qual todos os protagonistas terão que decidir, o que, obviamente, pressupõe que o ponto em questão - a palavra de ordem, nesse caso - terá a capacidade de se tornar central para a situação (e que, portanto, não será apenas mais uma demanda a ser acrescentada à lista de reclamações). [52]

"Pontos?

Um ponto de vista político que provavelmente será adicionado dessa forma será **um ponto de vista comunista** sobre a situação em questão, funcionando como uma espécie de foco que irradia uma nova capacidade política efetiva.

Vamos apresentar quatro pontos que provavelmente serão de relevância política em situações em que essa ou aquela questão ecológica surgir.

---

[51] A ideia matemática veio de Évariste Galois em 1830.

[52] O paradigma aritmético é a adição do número irracional $\sqrt{2}$ ao conjunto $\mathbb{Q}=\{q\}$ de números racionais: a adição simples simplesmente o adicionaria ($\mathbb{Q}+\sqrt{2}$), enquanto a adjunção faz com que $\sqrt{2}$ interaja com todos os q para estender o corpo $\mathbb{Q}$ para o novo corpo $\mathbb{Q}[\sqrt{2}]=\{q+q'.\sqrt{2}\}$.

V - Quatro pontos

Vamos entrar em mais detalhes sobre o primeiro ponto, o mais geral, e mencionar os outros três de forma mais breve (teremos a oportunidade de voltar a eles em edições futuras).

a) O ponto de vista político da Justiça

O ponto mais fundamental diz respeito à necessidade político-ideológica de reafirmar a confiança política na **Humanidade como tal**, ou seja, em uma Humanidade que está antagonicamente dividida em relação ao que ela é ou não é coletivamente capaz**.**

Como podemos fazer isso? Criando pontos políticos de justiça a serem acrescentados às situações, não exatamente para reformá-las ou revolucioná-las, mas para rompê-las politicamente, de modo a furar o manto de chumbo que hoje cobre essas situações.

Um ponto de Justiça será, portanto, um ponto que afirma concretamente, em uma determinada situação, a existência política aqui e agora de tal Humanidade em ação.

> A afirmação da existência da humanidade como tal pode ser feita de várias maneiras: artisticamente [53] , cientificamente [54] , amorosamente [55] . Estamos interessados aqui nas formas especificamente políticas de tal afirmação.

Vamos examinar mais detalhadamente como estamos mobilizando a ideia política de ***Justiça*** aqui.

O que, para a orientação comunista, não é "Justiça".

Não é :

- a propriedade do que é "justo" [56] , não apenas porque a Justiça não é justeza(a das "ideias justas", ou seja, ajustadas [57]), mas, sobretudo, porque *a Justiça* aqui designa um princípio político que não pode ser medido em termos de qualidades que afetam diferentes substantivos (decisão "justa", ação "justa", etc.);
- uma questão de "julgamento", particularmente em seu sentido jurídico, envolvendo a lei e o sistema jurídico (tribunais, penalidades, etc.);
- o conceito filosófico de mesmo nome para uma virtude (geralmente associada à coragem).

Na história comunista dos séculos XIX e XX, a ideia de justiça foi pouco usada como um princípio político afirmativo.

- Em vez disso, **Marx** a tratou como uma noção idealista, ideologicamente frívola, que ele vinculou ao socialismo utópico francês. Deve-se observar, no entanto, que em sua *Crítica ao Programa de Gotha* (1875), foi de fato desses socialistas utópicos franceses [58] que Marx tirou o princípio comunista de "*De cada um de acordo com suas habilidades para cada um de acordo com suas*

---

[53] Joseph Conrad: "*A arte pode ser definida como uma tentativa resoluta de fazer a mais alta justiça ao universo visível, trazendo à luz a verdade, múltipla e única, que subjaz a todos os seus aspectos*." (*The Nigger of Narcissus*, Prefácio).

[54] A matemática,por exemplo, faz justiça à capacidade coletiva da humanidade de viver racionalmente no infinito.

[55] Um amor que faz justiça à própria capacidade da humanidade (uma capacidade que a distingue da pura animalidade de machos e fêmeas) de ativar a diferença irredutível entre os sexos como um feliz poder de igualdade.

[56] assim como *a Verdade* não é a propriedade do que é *verdadeiro*, *a Igualdade* não é a do que é *igual*, ou a *Mulher* a do que seria *feminino*...

[57] Do ponto de vista da retidão, o oposto do *certo* é *errado* (na medida em que não está em conformidade com uma norma) e não *injusto*.

[58] Nesse caso, Étienne Cabet (" A cada um de acordo com suas necessidades. De cada um de acordo com suas forças" (*Voyage en Icarie*, 1840), um discípulo de Saint-Simon (*" A cada um segundo a sua capacidade, a cada capacidade segundo as suas obras "*).

necessidades", o próprio princípio que formula a justiça comunista em termos da relação entre produção e distribuição.

- **Mao** só se referia à questão da justiça quando falava sobre o aparato estatal de mesmo nome (lei e tribunais...), ou durante intercâmbios internacionais, quando expressava desejos consensuais ("*paz e justiça* em todo o *mundo*...").
- **Lênin é o** único a lhe dar legitimidade política: como uma ideia política, especificamente aportada pelas massas e, portanto, como uma espécie de "*invariante comunista*" [59] que os bolcheviques devem receber politicamente das mãos das massas populares.

  Dois exemplos.

  "Para o Sr. Pechekhonov [do populista Partido Socialista Trabalhista], "justiça" é apenas uma palavra. Mas para a massa de semiproletários, para a maioria da pequena burguesia nas cidades e no campo, arruinada, exausta, desgastada pela guerra, não é uma palavra, é a questão mais pungente, mais ardente, mais importante, a questão da morte por inanição, a questão de um pedaço de pão. [...] Justiça é uma palavra vazia, dizem os intelectuais e canalhas inclinados a se declararem marxistas, sob o nobre pretexto de que "viram os lados pequenos" do materialismo econômico. As ideias se tornam uma força quando tomam conta das massas. E é precisamente agora que os bolcheviques [...] estão incorporando em sua política a ideia que anima inúmeras massas de trabalhadores em todo o mundo". (1º de outubro de 1917 - *Os bolcheviques manterão o poder?*)

  "Todo trabalhador ou camponês mobilizado sabe pelo que está lutando e está pronto para derramar seu próprio sangue pelo triunfo da justiça e do socialismo". (14 de maio de 1920 - Discurso perto de Moscou)

Vamos, portanto, postular que, na orientação comunista, *a Justiça* nomeia o alvo político de um trabalho comunista que procede de seu axioma de Igualdade, um trabalho que visa acrescentar alguma Justiça às situações com as quais lida.

60

- Nesse esquema, *a Igualdade* nomeia um **ponto de partida**: uma decisão afirmativa preliminar relativa aos seres humanos, relativa aos elementos de uma Humanidade individualmente fragmentada: a igualdade de todos e de cada um. *A igualdade* é o **princípio-fonte** da política comunista, o princípio que a constitui e que ela implementa politicamente.
- *A justiça*, por outro lado, nomeia um **resultado** que, desta vez, diz respeito à humanidade como um poder genérico, como uma capacidade coletiva (disputada internamente) de se emancipar de sua pré-história animal. *A justiça* é o **princípio-alvo** da política comunista, o princípio que ela constrói passo a passo, ponto a ponto, situação a situação.
- *A política* **comunista**, então, nomeia **o operador** militante que inscreve materialmente, em uma compreensão igualitária de uma determinada situação, algum ponto de Justiça, ou seja, alguma afirmação concreta de uma Humanidade que efetivamente se emancipa de acordo com um ato específico.

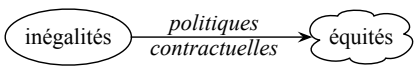
Em suma, a orientação comunista baseia-se na igualdade para construir uma política de justiça.

Ao fazer isso, *a justiça* designa uma rede de pontos em uma situação, em vez de um regime sistemático ou um estado instituído (como uma sociedade comunista que se tornou "justa").

---

[59] Consulte Alain Badiou *De l'idéologie* (1976)

[60] Essa dinâmica é antagônica à política capitalista, que, em sua versão parlamentar de "esquerda", passa das desigualdades individuais para algumas igualdades (normalizadas por supostos "méritos") por meio de políticas contratuais adequadas:



Vamos dar **três exemplos de** tais pontos, que colocam o objetivo comunista de uma humanidade emancipada sob o signo de uma justiça detalhada.

- O princípio popularmente aceito: "*Se você não trabalha, não come*" torna-se um princípio comunista afirmativo em termos de produção e distribuição social: "*De cada um de acordo com suas habilidades para cada um de acordo com suas necessidades*". [61]
- O slogan da UCF diante das demissões na França da era Mitterrand, na década de 1980: "*Um mês de salário para cada ano de antiguidade*" tinha a intenção de fazer justiça à vida dos trabalhadores que trabalhavam nas fábricas quando elas estavam fechando.
- Em um projeto de militância em uma favela marroquina (2019-2023), o grupo *Longues Marches*, diante da perspectiva de destruição pura e simples da favela, propôs o seguinte slogan: "*Nossos barracos não são lixo. Indenização de tantos dirhams por cada cômodo ou barraco destruído*", um slogan que pretendia fazer justiça à existência das pessoas, que haviam criado suas próprias formas de moradia em cidades das quais o Estado agora queria expulsá-las.

Portanto, seria uma questão de lidar com diferentes questões ecológicas sob o signo da Justiça, ou seja, de acordo com pontos precisos que orientam essas questões em relação à humanidade como um todo. Cabe a nós, é claro, trabalhar politicamente nisso por meio de vínculos de massa apropriados.

b) O ponto político das classes sociais

Como sabemos, a humanidade é dividida em classes sociais, e o fato de não haver classes propriamente políticas hoje (nem burguesias reais nem proletariado, sendo que as duas coisas estão obviamente ligadas) não muda isso. Quer se trate de uma questão de ar, água, alimentos, clima, trabalho, moradia ou saúde, é essencial que a questão seja compreendida em termos das divisões sociais que a **permeiam**, de modo que qualquer iniciativa ecológica seja tanto uma orientação quanto uma decisão de massa sobre essas divisões sociais existentes.

c) O ponto de antagonismo político

A humanidade não é apenas socialmente diversa; ela também é dividida de forma antagônica, estrategicamente entre dois caminhos - *capitalismo e comunismo*. Quando se trata de questões ecológicas, esses antagonismos se proliferam, seja entre classes sociais, entre cidade e campo, entre agricultura e indústria e, na medida do possível, entre países e continentes. Mais uma vez, é importante medir qualquer questão ecológica pela **eficácia com que** ela lida **com esses antagonismos**: qualquer iniciativa ecológica deve levar em conta os inimigos que ela constitui e os antagonismos políticos com os quais ela se envolve; por outro lado, qualquer iniciativa consensual só pode foracluir os antagonismos que operam no cerne de qualquer questão ecológica.

d) A situação política na África

Em seguida, há o ponto mais detalhado dos quatro, aquele que diz respeito mais imediatamente aos ativistas na França e na Europa: a proposta é avaliar qualquer política ecológica em termos de como ela afetará ou não a África. Para isso, precisamos realizar pesquisas de massa de longo prazo em vários países desse vasto continente para descobrir como as questões ecológicas são tratadas pelas massas africanas, especialmente trabalhadores, camponeses e mulheres.

A África, tão próxima e tão entrelaçada com nosso próprio país e nosso próprio continente, encerra as contradições sociais, ecológicas e políticas de nosso tempo: Por um lado, ela é saqueada por todos os imperialismos rivais do Ocidente e do Oriente, tratada como um depósito de lixo para os produtos residuais do capitalismo globalizado, dividida em zonas e fragmentada à vontade por oligarquias predatórias e entregue aos "senhores da guerra" após a decomposição dos estados neocoloniais; e, por outro lado, seus recursos populares são imensos, na escala dos recursos camponeses que a China tinha em 1927 (recursos que os comunistas bolcheviques desprezavam e que Mao conseguiu transformar em uma base popular para a revolução chinesa). Portanto, talvez tenha chegado o momento de os

[61] Esse princípio *comunista* difere do princípio estritamente *socialista* de "*de cada um de acordo com suas habilidades para cada um* ***de acordo com seu trabalho***".

comunistas da França e da Europa empreenderem na África algo equivalente à pesquisa realizada por Mao no início de 1927 sobre o movimento camponês de Hunan [62] , a fim de constituir as massas africanas como uma medida política singular do tratamento planetário das questões ecológicas.

•••

[62] Mao Zedong: "*Relatório sobre a investigação realizada em Hunan sobre o movimento camponês*" (março de 1927*)* https://vivelemaoisme.org/mao-zedong-rapport-sur-l-enquete-menee-dans-le-hounan-a-propos-du-mouvement

[ENFRENTANDO O NIILISMO].

REINE COHEN: *O PONTO DE ENUNCIAÇÃO NA PSIQUIATRIA*

Publicamos aqui o discurso de Reine Cohen proferido na reunião franco-tunisiana *Faire face au nihilisme?* (3 de fevereiro de 2024, Ircam, Paris) [1] .

I

As chamadas "*ciências humanas*", que também podem ser chamadas de "*disciplinas práticas e teóricas do falasser ou do sujeito falante*", são estabelecidas e exercidas nos planos onde se constituem e operam o que chamarei de "*nós-representações"* entre:

- o sujeito e ele mesmo (o que permite que ele se identifique e se reconheça),
- o sujeito e seus outros (suas modalidades relacionais),
- o sujeito e o mundo (sua posição e orientação no mundo habitado por seus semelhantes).

A psiquiatria e a psicanálise têm em comum, por um lado, o fato de se estabelecerem nesse campo uma a uma e, por outro, o fato de serem convocadas pelos impasses que esses nós-representações encontram e constituem.

Sintomas e distúrbios

Eles diferem, entretanto, no fato de que

- **A psicanálise** está do lado da construção desses nós, cujos impasses dão origem a **sintomas** subjetivos;
- **A psiquiatria** é chamada quando esses impasses causam **problemas**.

Poderíamos dizer que os transtornos e os sintomas são nomeações simétricas: objetivas e externas no caso dos transtornos psiquiátricos, subjetivas e internas no caso dos sintomas psicanalíticos.

Lembre-se de que "*transtorno*", como é usado atualmente na psiquiatria, é a tradução de *"disorder*", trazida ao gosto (ou desgosto) do dia pelo DSM [2] na década de 1980. Nesse manual, a designação do paciente como "*com transtornos xxx*" conota uma gramática que o atribui ao seu complemento de objeto ("o que ele tem") e não ao seu atributo de sujeito.

Eu poderia definir minha posição como psiquiatra como consistindo no desejo (é esse o nome do meu ponto de vista?) de apoiar, em cada paciente que recebo, **a possibilidade da transição do transtorno objetivo para o sintoma subjetivo**.

II

O fato do horizonte da prática psiquiátrica ser essa passagem (de fora para dentro da representação do que afeta o sujeito) faz dela uma disciplina paradoxal dentro da medicina, uma disciplina que é organizada em dois eixos.

---

[1] http://www.entretemps.asso.fr/2023-2024 - Vídeo: https://youtu.be/XyvqxA3-LeY

2 Manual *Diagnóstico* e Estatístico *de Transtornos Mentais*

O primeiro eixo está entre :

- conhecimento médico sobre sintomas, conhecimento que autoriza, organiza e apóia a intervenção terapêutica no sentido médico;
- a produção da posição do sujeito a partir do não sabido da situação, uma produção que, de certa forma, orienta a vida psíquica em direção a um horizonte, sintonizado com o que é, mas aberto ao que pode vir a ser.

O segundo eixo está entre:

- a autoridade do médico, a base sobre a qual ele pode tratar, em uma base ad hoc, o que parece ser insuportável, o que é perturbador;
- a liberdade do paciente-sujeito, uma conquista em construção, que tenta afrouxar as amarras do "*só existe o que existe*", no qual o sujeito permanece preso, petrificado, mortificado, amarras que, no entanto, entram no que mantém sua unidade unida e se opõem à fragmentação psíquica.

Esses dois eixos devem ser considerados como fios atados, cujo nó deve ser capaz de deslizar. Seu nó móvel é sustentado pela ligação e separação entre enunciado e enunciação.

III

Voltarei aos três nós-representações que mencionei como constituindo o campo do ser-falante. Vou arriscar uma intuição, que você pode me dizer se lhe agrada.

Esses três nós estão ligados entre si, talvez de forma borromeana. O niilismo contemporâneo, além do campo com o qual estou preocupado, não deveria ser pensado ou reconhecido como o efeito de um desdobramento entre esses três nós-representações? Talvez isso possa lançar alguma luz sobre a **figura sinistra do indivíduo moderno**.

No que diz respeito à psiquiatria, mesmo que possa ser encontrado em outros campos, eu designaria como niilismo, ou os efeitos do niilismo, tudo o que contribui para **reduzir o sujeito à sua objetividade**; tudo o que, ao se relacionar com a vida psíquica do sujeito como uma exterioridade objetiva, o coloca fora de estado, fora de posição, para pensar e se apropriar do habitat de sua existência.

Algumas vezes propus a seguinte definição de psicanálise (a cura): "*A psicanálise é uma proposta para construir, no pensamento, um espaço onde podemos pensar sobre como habitamos nossa própria existência. E às vezes acontece que é nesse espaço de pensamento que vivemos. Então, o analista é aquele que, na presença ausente, empresta seu espaço de pensamento, nesse meio tempo...*".

IV

Encontrando a questão do niilismo

Como a questão do niilismo se manifesta na prática da psiquiatria?

Em primeiro lugar, ela surge no espaço clínico como tal, em diferentes maneiras de organizar as instâncias do negativo: recalque, negação, denegação... do lado dos mecanismos "gramaticais" ou escriturais, por assim dizer; depressão, mania, melancolia, psicose, delírio, conversão... do lado dos quadros.

Portanto, esse encontro não é problemático em si mesmo, pois constitui o material para o que precisa ser acolhido e trabalhado no encontro clínico. E a experiência mostra que, se nos mantivermos firmes nesse ponto, o trabalho será possível. Que ponto exatamente? Que aquilo que **muitas vezes é apresentado como "Nada"**, como niilismo, como uma demanda niilista, no discurso e/ou na posição do sujeito, **é algo**, às vezes um não sei o quê, que tem uma consistência desconhecida a priori, que precisa ser desdobrado e transformado em causa, em todos os sentidos da palavra "causa".

Vou mencionar uma situação que foi inaugural para mim, pois foi o encontro com o primeiro paciente com o qual lutei a longo prazo com a questão do nada (posso dizer hoje que o nada era uma questão para mim, enquanto para ele era um destino).

É sobre um homem que, após vários anos de perambulação, perde tudo o que compunha sua vida tangível - seu emprego, sua parceira, seu filho, sua casa - e finalmente acaba em um hospital psiquiátrico, pedindo asilo. Na época, tudo o que você precisava fazer para ser aceito era aparecer. Desde então, a água passou a correr sob as pontes onde vivem aqueles que não têm mais um lugar para se ancorar no mundo.

Então, eles o acolheram e ofereceram a esse homem que havia perdido tudo um substituto: um lar adotivo, uma solução prática para sua perambulação e seu pedido explícito de "quarto e comida". Por duas vezes, essa solução falhou e o paciente retornou ao hospital. Isso me leva a crer que, como as respostas "sociais" falharam, a solicitação deve ser considerada como dirigida à psiquiatria, um imperativo que, para mim, assumirá a seguinte forma: "*quem se dirige à psiquiatria sabe o que está fazendo*" [3] .

Esse foi o início de uma tentativa de trabalho que duraria, e que eu teria de suportar, por vários meses. Eu o via várias vezes por semana para entrevistas, durante as quais eu era dominado pelo fato de que ele não era dominado por nada: *ele não era nada, não sabia nada, não podia fazer nada, não pensava nada, não queria nada, não dizia nada* e, embora fosse totalmente dependente, não pedia *nada*. Eu me agarrava, tentava encontrar algo (para provar que onde parece não haver nada, há algo!), até que um dia, exausto (eu saía das entrevistas parecendo que tinha participado de uma luta de boxe), não aguentei mais e disse a ele, zombeteiramente: "*De qualquer forma, graças a você, vou ficar famoso*"; ele ficou surpreso - "*sim, vou* ***escrever um artigo no qual explico que conheci um nada e que ele falou comigo***". E então aconteceu algo incalculável: ele olhou para mim e disse: "*com você, não é a mesma coisa, porque com você eu tenho um lugar*". E, a partir daquele momento, iniciou-se um processo que duraria dois anos, um processo de reconstrução de sua história, permitindo que ele vivesse sua vida em seu próprio nome, não mais o andarilho social e psicológico que havia aparecido em nossa porta. Com base nesse trabalho, escrevi minha tese intitulada “Moradores de rua na psiquiatria, como não nos livrar deles?” na qual argumentei que não há casos sociais na psiquiatria, mas sim casos psiquiátricos, um ponto sobre o qual não mudei desde então.

A questão do suicídio

Outra figura do negativo, uma figura radical e emblemática da destruição niilista, que muitas vezes nos esmaga, é a questão do suicídio, sobre a qual farei três observações.

- Quando o suicídio é bem-sucedido, ele elimina a questão. Para citar Lacan em *Televisão* [4] : "*O suicídio é o único ato que pode ser bem-sucedido sem fracasso. Se ninguém sabe nada sobre ele, é porque ele procede do viés de não saber nada*". Levei vinte anos para entender: a **questão do fracasso** se refere ao ato perdido, que abre o sujeito à interpretação, e o suicídio é o único ato que elimina toda interpretação e, portanto, todo fracasso. O suicídio real abole o espaço da prática clínica, deixando-nos reduzidos à tentativa de reconstituir os restos de um conhecimento imaginário e inoperante.
- Quando não é bem-sucedido, o suicídio é a manifestação da invasão crítica do sujeito por aquilo que o nega, uma negação da qual ele poderá escapar em sua declaração, mesmo que seja uma afirmação da negativa, desde que seja ouvida. Portanto, esse é o ponto em que precisamos trabalhar.

  Em meus quarenta anos de prática, atendi alguns pacientes que tentaram suicídio. Muitas vezes **senti certa raiva** deles, especialmente quando as tentativas de suicídio foram medicadas - não se pode simplesmente aceitar ser cúmplice de um crime que se está tentando evitar. Essa raiva pode ter sido um sinal de que eu estava presente no espaço do relacionamento, que eu estava convidando o sobrevivente a vir e tomar seu lugar naquele espaço, e isso pode ter levado a um relançamento do trabalho.

---

[3] Esse ponto tem ressonâncias mais amplas. A descoberta do inconsciente freudiano é estabelecida no espaço em que, rompendo com o "*Pai, perdoe-os, eles não sabem o que estão fazendo*", todo sujeito é convocado a responder, no que lhe diz respeito, por aquilo que escapa ao seu conhecimento consciente e, portanto, por seus atos, mesmo que não tenha consciência de seus motivos.

[4] Jacques Lacan, *Television*, Éd du Seuil, 1974, pp. 67-68

- No que diz respeito à ideia de suicídio, precisamos diferenciá-la tanto da tentativa de suicídio quanto da ideia de morte. **A ideia de que seria melhor estar morto é uma representação imaginária** que, ao que me parece, é semelhante ao "melhor não ter nascido", um protesto contra a natureza insuportável da existência. "Ah, que tudo se acabe...". A obra de Beckett está repleta dessas palavras, e não há nada a objetar. Só temos que tentar definir o que é insuportável para que não invada completamente o campo do desejo. Quanto à ideia suicida em si (que é mencionada nos procedimentos de prevenção e nos guias de boas práticas para médicos de emergência como um "plano suicida" ou até mesmo como um "plano roteirizado" a ser sistematicamente buscado!), minha posição é que ela deve ser tratada como **uma ideia "como qualquer outra"**, ou seja, a partir do enigma que ela deve constituir para o ouvinte, uma condição essencial para que ela se torne um enigma para o sujeito e o incentive a continuar sua tentativa... de elucidar, é claro!

Sobre a enunciação

Incentivar-nos a continuar exige **que a enunciação**, como um ato de fala, não seja cativa **do enunciado** que produz. Não há uma última palavra, nenhuma totalização final do que é dito no que é dito. Deve-se ressaltar (será que é o mesmo ponto?) que **dizer é um ato que pode contradizer, ou pelo menos limitar, o escopo e o peso do que é dito**; esquecer essa dimensão, seja qual for a forma, leva a uma escalada que precipita a atuação por parte do cuidador e/ou do paciente.

> Lembro-me de um contratempo recente com um dos meus pacientes com o qual eu não estava muito preocupado, mas que estava passando por um momento difícil. Ele veio à minha consulta e me disse que havia tentado se enforcar alguns dias antes. Suas explicações confusas sobre os motivos e as circunstâncias moderaram minha preocupação. Por fim, ele me disse que tentaria novamente e deixou meu consultório. Eu o levei de volta sem grandes dificuldades e chamei uma enfermeira para "apoiá-lo". Essa decisão, que atesta o fato de que parei de confiar na situação dupla em que estávamos, provavelmente o impediu de revelar o que estava anunciando e levou a uma escalada na qual acabei fazendo algo que não é feito: tranquei-nos em meu escritório. Além do ridículo de minha posição, isso era completamente contraditório com o que eu esperava da continuação da entrevista, ou seja, que o paciente "mudasse de ideia" ao concordar em revelar o que estava dizendo além de seu significado aparente. E, é claro, o constrangimento impossibilitou que **ele falasse**: **ele estava preso** em **sua declaração**, eu estava preso com ele, ele fingia estar ameaçando, chegavam reforços, ele saía, e ia reprisar seu "*pare-me ou farei algo terrível*", que foi resolvido com uma breve hospitalização.

Em seguida, pudemos voltar às questões em jogo nessa sequência, que foi bastante convincente em termos do fato de que não há necessidade de confundir "*levar* uma palavra a sério" com "*levá-la ao pé da letra*" para quem a ouve.

É uma distinção que leva tempo. No departamento de emergência, onde os pacientes que apresentam ideação suicida são os primeiros a serem atendidos, eu mantinha as entrevistas por tempo suficiente para que o enunciado mudasse na linha da enunciação, mesmo que fosse na forma de um "*não foi isso que eu quis dizer*", o que permitiria um "*estou disposto a ouvir o que você quer dizer*" e uma fuga da fixidez dos enunciados petrificantes.

Suportar estoicamente o confronto com o trabalho atormentador do nada, do niilismo e da aniquilação é nossa função, o tema de nosso trabalho. Não devemos entrar em pânico e devemos ter em mente que, sejam quais forem as declarações, por mais negras e negativas que sejam, **todas as palavras são as palavras dos vivos**. É claro que não podemos deixar que a outra pessoa que está lá e que está falando vá embora com muitas pedras na bolsa; temos que abrir caminho para que ela possa partir novamente.

V

Participar

O que é mais problemático é a participação do psiquiatra no movimento niilista ou aniquilacionista do paciente.

Participar do movimento niilista do paciente é precisamente uma questão de **dar consistência exagerada a afirmações negativas**, que impedem qualquer possível movimento de enunciação. Nesse ponto, há motivos para preocupação, porque, particularmente em relação ao risco de suicídio, é nisso que os jovens psiquiatras e os jovens médicos que recebem pacientes em departamentos de emergência, por exemplo, são maciçamente treinados (em nome dos "*direitos dos pacientes*", da "*democracia da saúde*" e do "*princípio da precaução*", tudo o que aponta para a obrigação de respeitar e proteger os outros, levando em conta o que eles dizem), onde a instrução é hospitalizar qualquer pessoa que mencione ideias suicidas. Além do fato de que, é claro, não temos os recursos para seguir essas instruções, devido à falta de lugares e de pessoal, esse protocolo formaliza a transmutação de uma declaração em um ato; tratamos a ideia suicida como um ato, nos opomos a ela com outro ato, a hospitalização, e **o que desaparece é a palavra, na medida em que ela é abordada**. Dar muita consistência à negativa, em vez de considerar que toda declaração negativa é uma afirmação da negativa com a qual estamos lidando (um "*eu afirmo que não*"), é um erro técnico. Mais seriamente, é uma falha de confiança, que é uma falha ética, porque a **única ética em nossa prática é uma ética de confiança**. Sem ela, nós regamos, concretamos, prendemos, os pacientes sobrevivem; mas viver é outra coisa, é manter a afirmação e a negação entrelaçadas (cuja quebra leva ao ponto de inflexão, às vezes fatal, da depressão maníaca). A confiança é o que nos permite não acrescentar nossa ansiedade à do paciente, permanecer firmes na tempestade, manter a convicção de que, enquanto o paciente estiver lá e falando, as coisas continuarão. Não que não devamos agir às vezes, mas somente se tivermos nos exaurido, se tivermos chegado ao fim do movimento possível no espaço para falar; e é o comprometimento do profissional (além das questões "logísticas" - tempo e espaço disponíveis - que restringem sua prática) que decide isso.

No que diz respeito à **participação do psiquiatra na aniquilação do paciente como sujeito**, há um padrão contemporâneo e em expansão da organização da distribuição do "conhecimento" entre o discurso médico e o discurso dos sujeitos: esse padrão envolve a questão do diagnóstico e seu uso, por um lado, e a questão do status contemporâneo dos especialistas, por outro.

Diagnóstico

O diagnóstico e seu uso na psiquiatria é **uma questão central**, que organiza as respectivas funções do paciente e do psiquiatra e tem impacto sobre a situação clínica.

Não faz muito tempo, os psiquiatras não davam um diagnóstico a seus pacientes. Pode-se argumentar que um paciente que fica sabendo que tem pneumonia não altera seu estado pulmonar. Por outro lado, um paciente que recebe um diagnóstico psiquiátrico altera seu estado psíquico, o que inclui a representação de seu estado psíquico. E isso independe da questão da possível gravidade do diagnóstico, porque ele alinha as representações internas do sujeito com designações externas e "objetivas". O diagnóstico se torna o representante do conhecimento relevante ou do conhecimento contestado e, ao se tornar um tipo de objeto comum, um objeto de concordância ou discordância, um objeto de troca ou rivalidade, ele abole a distinção entre os espaços de discurso. Esse movimento não diz respeito apenas à psiquiatria, mas a todo o mundo, e tem sido assim há algum tempo; ele envolve a **descompartimentalização dos discursos**, o que significa que, com todos em casa em todos os discursos, ninguém está em casa em seu próprio discurso.

Isso é problemático por dois motivos: por um lado, os pacientes estão cada vez mais pedindo para ter "seu diagnóstico", o que é muito complicado no trabalho clínico; por outro lado, a "*democracia da saúde*" (que tem um escritório dedicado na ARS e é apoiada pelo HAS [5]) exige que, quando um paciente pede um diagnóstico, nós o damos a ele. Bem, **os diagnósticos são como remédios**: se eu achar que vai prejudicá-los ou fazer mau uso deles, se eu achar que vai matá-los (pelo menos psicologicamente), eu

[5] *As Agências Regionais de Saúde* e a *Alta Autoridade de Saúde* são as guardiãs do direito à saúde, um direito sem conteúdo real, mas negligenciam o fornecimento dos meios para organizar efetivamente o direito à assistência.

não os dou. Com o passar dos anos, criei estratégias para **evitar esse pedido**, para explicar por que me recuso, para dizer ao paciente que levo mais tempo para recusar do que para aceitar e que o tempo que dedico a isso, ele pode reconhecer seu valor. Atualmente, quando um paciente me pede um diagnóstico, eu digo algo que não é alheio à definição de psicanálise que eu estava propondo: digo que o diagnóstico me permite descobrir em que bairro o paciente mora, o bairro do ansioso, do deprimido, do esquizofrênico etc. É claro que a arquitetura não é a mesma em todos os bairros, há bairros dos quais você pode sair, outros em que é mais difícil, você pode até mesmo viver no cruzamento de vários bairros (parece que os estados limítrofes são onde eles vivem); mas o que me interessa no trabalho, além de saber onde ele vive, é que ele me convida para entrar em sua casa, eu já disse algumas vezes (e nunca foi equívoco, ninguém nunca me convidou para um café!), porque se você entender como você vive, mesmo onde você está, você pode viver de forma diferente. E isso é algo que a maioria dos pacientes ouve.

> Tenho uma paciente com quem o trabalho foi uma batalha árdua por cerca de três anos, uma batalha que agora entendo que tinha a ver com sua difícil separação de uma representação de si mesma completamente, ou quase completamente, colonizada pelo olhar psiquiátrico, que a sustentava e delimitava desde o início da vida adulta. Seu tempo era quase inteiramente dedicado aos cuidados e, apesar de viver de forma independente, ela não conseguia viver sua vida fora do olhar psiquiátrico, o que, obviamente, atestava o efeito paradoxal dos cuidados. Gradualmente, sua dependência diminuiu e, há mais de um ano, ela tem se desligado dela, bem como de seu vício em drogas e medicamentos. É claro que ela também era viciada em seu diagnóstico. Quando ela obteve um relatório de alta de uma instituição de cuidados onde havia recebido tratamento por vários anos e da qual havia conseguido se separar, e que havia sido enviado para mim e que incluía referências de diagnóstico, ela ficou ofendida com o fato de as pessoas poderem "*jogar diagnósticos na cara das pessoas dessa maneira*". Em meu silêncio perplexo, ela percebeu a natureza cômica da situação: "É *por isso que você nunca quis me responder quando perguntei sobre o meu diagnóstico*? Sim, é por isso que tinha que chegar a esse ponto. Até o ponto em que, ao enfrentar sua ansiedade sem recorrer imediatamente a "tranquilizantes", ela pode me perguntar por que está infligindo essa tortura a si mesma e me ouvir responder que está conseguindo domar o insuportável.

Recusar-se a dar aos pacientes o que eles pedem para escapar de sua solidão necessária é um ato frustrante, mas potencialmente libertador.

Centros especializados

Outro lado da participação da psiquiatria no movimento de aniquilação da subjetividade dos pacientes é um mecanismo com o qual não tenho nenhuma ligação, mas que tem efeitos niilistas poderosos: a proliferação de "centros especializados".

Essas agências, que assumem uma grande parte dos orçamentos e fornecem às autoridades de supervisão os recursos para os protocolos que devem ser impostos aos trabalhadores da área, não tratam os pacientes. Elas recebem os pacientes, a pedido deles ou dos psiquiatras que os tratam, para **avaliá-los** "objetivamente" de acordo com protocolos padronizados e, em seguida, dão orientação especializada sobre o diagnóstico e o tratamento a ser implementado. O psiquiatra que está tratando o paciente fica então (não) livre para aplicar as instruções e implementar as recomendações.

Vários de meus pacientes tiveram relações com esses centros: um deles, atendido a pedido dela, teve de preencher um protocolo no qual assinalou 498 respostas a perguntas fechadas; outro, encaminhado por um profissional que o havia atendido anteriormente, mostrou-me, não sem humor, as conclusões de um check-up que afirmava que, embora ele fosse clinicamente assintomático, o registro de sintomas antigos possibilitava fazer o diagnóstico de XXX (dispensa explícita da dimensão clínica e dispensa sem apelo da possibilidade de qualquer evolução favorável). Por fim, e mais grave, um dos meus pacientes se apresentou ao pronto-socorro na minha ausência com um surto de ansiedade e depressão, e foi atendido de plantão por um profissional que normalmente trabalha no *centro especializado para o diagnóstico de transtornos autistas em adultos*. Esse profissional atendeu às queixas do paciente, como deveria ter feito, mas, ao perceber que ele tinha uma apresentação e um contato peculiares, chamou-o para uma avaliação de autismo. Pouco tempo depois, o paciente recebeu o relatório da avaliação e desapareceu da minha consulta, apesar dos meus lembretes. Contatado por esse profissional zeloso que desejava "discutir esse paciente comigo", eu o informei sobre os efeitos desagradáveis de sua intervenção e sobre a moderação que deveria ter sido exercida antes de intervir onde não havia urgência

e onde o paciente não havia pedido nada. Disseram-me: "*Temos deveres de triagem e encaminhamento, e os pacientes não sabem que estão doentes, não podem pedir*" (o Dr. Knock teria concordado, qualquer pessoa que não esteja tão doente está doente sem saber!) O paciente não voltou a entrar em contato com esse especialista, que sugeriu que eu pedisse a ele que voltasse para me ver, para que eu pudesse retomar o tratamento levando em conta suas recomendações! Só posso fazer suposições não verificáveis sobre a ausência desse paciente, pelo menos a perda de confiança no atendimento.

•

Do que argumentei, extraio três declarações diretivas (mais uma, que é deduzida delas) da prática como eu gostaria que ela fosse, a fim de confrontar o niilismo:

- **Fogo nos centros especializados** que estão roubando os serviços de atendimento e organizando metodicamente a dessubjetivação de pacientes e cuidadores, abandonando assim a clínica viva do sujeito;
- **Rejeição do diagnóstico como um objeto de troca**, de transação, de negociação entre paciente e médico, cuja circulação abole a necessária separação de discursos e lugares;
- **A enunciação** sempre tem **precedência** sobre o enunciado;
- Nessas condições, a **autoridade do médico** (ou seja, a aplicação regulamentada de seu conhecimento) pode e deve ser exercida quando os sintomas se tornarem tão generalizados que nenhum outro enunciado possa ser construído; mas essa autoridade só deve ser exercida com relutância, sem que a pessoa que a exerce desfrute de seus benefícios.

•••

JOSEPH AKASSANNE*: UM MERGULHO SUBJETIVO NO MUNDO DE ROTHKO*

Escapar do niilismo requer recursos subjetivos, em especial a capacidade de perfurar a formidável espessura do que existe por meio de lacunas afirmativas que lançam nova luz sobre as situações. As origens desses recursos são muitas e, às vezes, misteriosas. Ao ler o artigo abaixo, de Joseph Akassane, ficamos impressionados com a extensão em que o deslumbramento de uma pintura pode levar a um compromisso subjetivo com ela, nas palavras do próprio autor, a uma subjetividade de compromisso.

Preliminares

É importante para mim revisitar em palavras **a exposição organizada em 2024 pela Fondation Louis Vuitton sobre a obra de Marc Rothko**. Ela me é cara, no sentido de que eu gostaria de poder relatar em palavras a intensa emoção que senti ao descobrir essa obra, que me permitiu escapar do lugar insuportável que é a Fundação Louis Vuitton. Houve dois estágios nessa exposição antes do choque emocional. Essas duas fases seguem a ordem das salas, que por sua vez correspondem à ordem cronológica da criação de Rothko.

Primeira fase ou primeira sala: a fase figurativa dedicada a cenas subterrâneas no metrô, retratos e a representação de uma família. Três elementos se destacam para mim nessas pinturas: o desejo de romper a unidade da família como elemento básico da ordem social estabelecida (pai, mãe e filho não passam de corpos fragmentados), a representação da humanidade enclausurada em um mundo subterrâneo onde corpos longos e magros, tão opacos quanto a luz, se fundem e se confundem com as paredes e os pilares e, finalmente, em terceiro lugar, o desejo, em certas telas de trilhos e ferrovias, de encontrar um ponto de fuga para escapar desse mundo inerte e sufocante.

A segunda fase, ou segunda sala, é a fase mitológica, na qual uma narrativa quebrada apresenta formas flutuantes, quase todas incompletas. Algumas lembram Bosch, outras Miro. Rothko claramente ainda está encontrando seu caminho. Mas o essencial nessa sala são as vibrações das figuras. As formas ganham vida, dançam, giram e rodopiam, como se o ponto de fuga da primeira sala tivesse encontrado sua abertura em um movimento vibratório. Essa fase ainda é apenas um período de gestação, no qual certas figuras biomórficas parecem flutuar passivamente no fundo neutro de um líquido amniótico.

Terceiro estágio: a abertura, o choque do deslumbramento. Ao contrário dos outros dois, esse terceiro estágio não é mais uma fase, mas a realização de um trabalho que transformou a vibração na produção de luz. Esse terceiro estágio fez o impossível: cruzou a fronteira de um além que antes só havia sido colocado em perspectiva.

O terceiro estágio: o deslumbramento.

Foi um momento marcante quando, ao entrar em uma sala com apenas telas compostas por tiras retangulares de cores diferentes, todas dispostas em um eixo vertical, fiquei literalmente deslumbrado com a intensidade de uma luz puramente pictórica. Como disse Daphné Bétard em um artigo sobre Rothko, essa pintura *"chama a atenção e deixa você sem palavras"*. Esse momento é apresentado pelos críticos como o da transição de Rothko para a arte absolutamente abstrata. Eu afirmo, ao contrário, que nada é mais concreto do que essa pintura puramente material.

O fato de **essa pintura nos deixar sem palavras** é uma provocação para dizer, assim como a definição de substância de Spinoza na seção que trata de "*Sobre Deus*" é uma provocação para pensar. Substituindo substância por pintura e parafraseando Spinoza, poderíamos dizer: por pintura, quero dizer aquilo que é em si mesmo e é concebido por si mesmo, ou seja, aquilo cujo conceito não precisa do

conceito de outra coisa para ser formado. Divina, então, é a pintura de Rothko, que, deixando-nos sem palavras, nos obriga a falar e, portanto, a pensar sobre ela. Mas para pensar sobre ela, temos que vê-la, exatamente onde sua luz nos cega. Falar, ver, pensar - bastava ir de um cômodo a outro para que eu me sentisse envolvido pela pintura de Rothko.

Ver é dizer que a luz nessas telas parece vir de todos os lugares, assim como de lugar nenhum. De todos os lugares, ou seja, dos retângulos coloridos da superfície, bem como dos retângulos do fundo ou dos estratos intermediários. Ou, dito de outra forma, todos os estratos interagem entre si por meio de um efeito retroativo para produzir um **efeito deslumbrante** em uma tela, de tal forma que o próprio Rothko afirma que a luz de suas telas poderia irradiar na escuridão total. Poderíamos falar de **uma democracia da pintura, pois** esses retângulos de cor, independentemente de suas dimensões e de seu lugar na espessura dos estratos, têm todos o mesmo valor. Todos eles produzem a luz que passa por eles, assim como a luz produz cada um deles separadamente. Nada impede a luz, a abertura não tem limites. Não há ponto de fuga, nem perspectiva, mas um ponto de produção infinita de luz. De uma tela para a outra, a luz sempre brilha no imenso universo de Rothko. Tantas telas, tantas estrelas.

Sim, tantas estrelas, exceto pelo fato de que essas estrelas são estrelas falantes, ou pelo menos estrelas que precisamos fazer falar. O próprio Rothko nos diz: *"Penso em minhas pinturas como dramas; as formas nas pinturas são artistas, nascidas da necessidade de ter um grupo de atores capazes de atuar dramaticamente sem constrangimento e interpretar gestos sem vergonha"*.

Quarto estágio: a ação dramática.

Definição do cenário e dos personagens.

1- No 18, 1951, óleo sobre tela, 207 x 170, 5 cm, col. Munson ou Muson Museum

- Na parte inferior dessa tela, um grande retângulo branco ocupa dois terços da imagem.
- Um retângulo vermelho-avermelhado ocupa o terço superior.

- Esse mesmo retângulo vermelho-avermelhado é cruzado na parte inferior por uma faixa branca estreita, quase tão afiada quanto aço, com duas listras pretas em cada extremidade. Os tons de cinza se difundem ao longo dessa faixa branca, como se fossem absorvidos pela ação capilar das extremidades pretas.
- Uma linha muito fina vermelho-sangue separa nitidamente o grande retângulo branco do grande retângulo vermelho-vermelho.
- Com exceção da borda inferior do retângulo grande vermelho-avermelhado e da borda superior do retângulo grande branco, todas as outras bordas se desvanecem em um fundo laranja muito claro.

1. O drama.

Uma lacuna, um desaparecimento, um personagem entrincheirado sob o véu laranja claro que forma o fundo de todos esses retângulos. A borda cortante da barra de aço corta de forma luminosa esse entrincheiramento na carne vermelho-avermelhada. A mesma barra de guilhotina marca luminosamente o luto por esse desaparecimento, com suas duas extremidades pretas atuando como anúncios. Queimado pela luz, o preto se torna cinza ao longo dessa barra afiada. O grande retângulo abaixo, como uma imensa nuvem, cobre esse evento dramático. A linha muito fina vermelho-sangue testemunha essa tragédia sangrenta.

Uma reviravolta dramática: as bordas de todos os retângulos (com exceção da borda superior do retângulo grande branco e da borda inferior do retângulo grande vermelho) absorvem e fagocitam, por meio de seus múltiplos dendritos, as cores dos retângulos mais próximos a eles e, em primeiro lugar, o véu laranja claro que cobre vaporosamente o drama sangrento da perda provocada pelo corte da guilhotina da longa barra de aço. Essa fagocitose, como uma transfusão urgente, de repente traz a carne de volta à vida, e o homem desaparecido reaparece na luz deslumbrante de todos aqueles retângulos reunidos. Mas essa narração do drama em duas fases sucessivas distorce a realidade do aparecimento e do desaparecimento, que não podem ser dissociados por sua conjunção. Sua simultaneidade é tão invisível quanto os intervalos de luz. O instante é o único fora do tempo que lhes convém. O que aparece já estava lá e o que desaparece já apareceu. Uma vida inteira não seria suficiente para percorrer esse caminho com todas as pinturas de Rothko. O ponto de fuga de uma perspectiva agora foi transformado em **um ponto de abertura para uma luz produzida pelo espaço ilimitado da matéria da pintura**. Essa é outra definição de ponto que não a da interseção de duas linhas retas. Esse ponto, que não é mais o ponto de fuga das primeiras telas de Rothko, é, no entanto, um ponto de perspectiva. Mas isso levanta duas questões: o que exatamente é esse ponto? E o que ele coloca em perspectiva? Proponho responder a essas duas perguntas adaptando meu olhar a um par de óculos hegelianos.

Um ponto nodal

Em outras palavras, a tríade: o tamanho e o layout de um retângulo, o gesto do pintor e a escolha da cor e da intensidade de um retângulo. Essa tríade constitui um ponto nodal, pois a escolha do tamanho e do layout de um retângulo e a escolha de sua cor e intensidade estão vinculadas ao gesto do pintor. Esse gesto vai além do retângulo de cor anterior, negando-o. Mas, uma vez que o novo retângulo tenha sido colocado, ele se torna em si mesmo a negação do gesto do pintor. O gesto do pintor é o ato afirmativo que, por meio de uma dupla negação, produz um confronto entre dois retângulos coloridos, cada um dos quais é externo ao outro, ao mesmo tempo em que interioriza o mesmo gesto de pintura. Cada retângulo é qualitativamente o que é em exterioridade ao outro. A aparência de um faz o outro desaparecer, mas o inverso também é verdadeiro. **O desaparecido reaparece por meio do desaparecimento do aparecido**. Esse movimento contraditório dos retângulos fora um do outro se deve à internalização em cada um deles do mesmo gesto de pintura. O resultado é um movimento contraditório que, como duas pedras esfregadas uma na outra, produz uma faísca da qual irrompe a luz. A linha muito fina vermelho-sangue pode ser vista como a linha de faísca criada pela fricção do grande retângulo branco contra o retângulo vermelho-carne. A multiplicação de faíscas cria essa forte intensidade luminosa que, de repente, chama a atenção. O infinito é o próprio gesto da pintura, o ato afirmativo da passagem contínua por todos os gestos da pintura. Essa continuidade é igualada pela descontinuidade dos retângulos. Mas é **o gesto da pintura** que, como um ato afirmativo, é em si mesmo e para si mesmo infinito. É dessa forma que ele é o ponto, e é dessa forma que ele coloca em perspectiva a mesma infinidade de pontos que emergem do espaço e, ao mesmo tempo, o constituem. A criação é ordenada pela implosão de pontos, produzindo a surpreendente sensação de ver em perspectiva todos aqueles retângulos planos nas pinturas de Rothko.

2. Telas pretas.

Não há nada para ver além de preto, pelo menos na superfície. Apenas o tempo suficiente para o olho se adaptar lentamente à presença imponente desse preto, que parece ser incolor. Mas o olho penetra gradualmente nessa escuridão e descobre mil tons de azul-escuro pulsando no preto, iluminados tanto quanto o preto os ilumina. É assim que **o preto se torna a cor da luz, ou a cor das cores**.

Olhando para essas telas pretas, penso em uma sala no memorial de Berlim dedicado ao extermínio dos judeus da Europa. Uma sala escura e sombria, mas na qual cada passo faz um som na escuridão que é singularmente diferente de todos os outros sons de todos os outros passos.

Ao contrário de Soulages, que, como os escultores de pedra das igrejas românicas, tem a arte de usar seus pretos para se apropriar de uma luz externa ao seu material, os pretos de Rothko produzem sua própria luz interna por meio de seu material.

3. Preto e cinza.

Do último período de Rothko, esses pretos e cinzas foram originalmente planejados para emoldurar o *Walking Man* de Giacometti, um bronze de 1960, no mesmo espaço.

Walking Man de Giacometti: o espaço entre duas pernas unidas na interseção do púbis.

Os pretos e cinzas de Rothko: a lacuna entre duas cores unidas em sua interseção. Mas se você observar atentamente essas duas cores, nem o preto é realmente preto nem o cinza é realmente cinza. Como observou o pintor americano Robert Motherwell, ambas são simplesmente combinações de cinzas e marrons.

Se agora colocarmos Giacometti e Rothko em correspondência, obteremos a seguinte **equação**: a distância entre duas pernas para a mesma junção púbica é igual à distância entre duas cores compostas de múltiplas combinações que se encontram em sua interseção. Ou ainda: as duas cores estão separadas uma da outra por vários tons combinados e se unem por sua proximidade.

Essa impossibilidade de separar a lacuna e a junção das duas cores mais próximas, mas que são múltiplas em si mesmas, é o que torna essas telas em preto e cinza tão belas.

Para concluir.

Passear por essa exposição dedicada a Rothko me deu a impressão de ser uma espécie de astronauta carregado por uma luz multidirecional em um universo onde todos os limites estão lá apenas para serem ultrapassados.

Aparência, desaparecimento, falta e plenitude se combinam e se dissociam no mesmo gesto criativo, por meio do qual a luz penetra em cada poro do brilho cintilante dessa pintura solar.

•••

FRANÇOIS NICOLAS: *KIERKEGAARD E O NIILISMO*

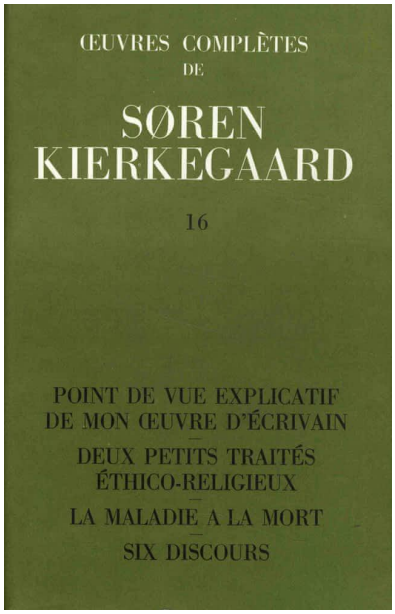
1848 !

No início de 1848, cinquenta anos depois que o termo "*niilismo*" apareceu pela primeira vez na França [6], mas vinte anos antes de assumir seu significado político na Rússia e quarenta anos antes de encontrar um significado filosófico com Nietzsche, Kierkegaard esclareceu sua própria concepção de niilismo, definindo-o, para os propósitos de sua antifilosofia cristã, como a "*doença da morte do desespero*" [7].

> Kierkegaard estabeleceu sua doutrina **no mesmo ano do *Manifesto Comunista*, de** modo que, em 1848, o existencialismo cristão e o comunismo marxista competiram para confrontar ativamente o niilismo [8].

A posição de Kierkegaard lança luz sobre o niilismo a partir de um **ângulo diferente do [9] de Nietzsche**: ele não apenas apresenta uma caracterização diferente do que significa *niilismo*, mas também define de maneira diferente como lidar com ele de forma afirmativa. Daí o interesse desta seção em examinar essa orientação de pensamento kierkegaardiana. Aproveitaremos essa oportunidade para descobrir como surgem ressonâncias inesperadas entre o antifilósofo cristão Kierkegaard do século XIX e o militante comunista Mao do século XX.

"A doença do desespero



Em 1849, sob um pseudônimo, Kierkegaard publicou "*La maladie à la mort*" *(A doença da morte)*, traduzido erroneamente para o francês como "*Traité du désespoir*" *(Tratado sobre o desespero)*.

---

[6] Jean-Baptiste Cloots (1793): "*A república dos direitos humanos, a rigor, não é nem teísta nem ateísta; ela é niilista*". Sobre a história dessa noção, consulte Michèle Cohen-Halimi e Jean-Pierre Faye: *L'histoire cachée du nihilisme* (La fabrique, 2008).

[7] E não o chamando de "niilismo". Minha hipótese de trabalho é que Kierkegaard está nomeando "a mesma coisa" aqui.

[8] Aqui está, por exemplo, como Kierkegaard via essa rivalidade na época: "O *que o comunismo faz tanto alarde, o cristianismo tem como certo, ou seja, que todos os homens são iguais perante Deus e, portanto, essencialmente iguais*". Kierkegaard (Diário, 29 de janeiro de 1848)

[9] Para quem, além disso, o cristianismo não passava de uma forma passiva de niilismo.

"Da doença à morte

A doença com risco de morte [10] mencionada aqui é o desespero [11] .

Mais precisamente, é uma "doença *ad mortem*" (como falamos do amour *à la folie*), ou seja, uma doença que leva à morte sem ser exatamente uma doença fatal (assim como *o amour à la folie* não é exatamente o folie amour ou o *amour fou* de André Breton [12]). Digamos que seja **uma doença para a morte** que, assim como o ser para a morte, mede tudo pela morte. A doença da morte, portanto, tem a morte como seu padrão.

Três viagens

O texto de Kierkegaard é filosoficamente muito entrelaçado, de acordo com suas próprias categorias de pensamento: *corpo, alma e espírito; paradoxo e singularidade; indivíduo e eu; estágios estéticos, éticos e religiosos; gênio e apóstolo; ser-aí, vida e existência...*

Sem embarcar em uma análise filosófica detalhada desse ensaio, vamos resumir o que é de interesse direto para nós: a maneira como Kierkegaard desloca, para trás na cronologia, a problemática nietzschiana do niilismo.

Ele fará isso de três maneiras:

I. substituindo a questão da "ter ***esperança?"*** pela do "*querer?"*;

II. ao distinguir uma terceira forma de niilismo [13] que propomos chamar de *niilismo de* ***neutralização*** (essa forma neutraliza o verbo, uma vez que a alternativa de seus caminhos *ativo* e *passivo* tenha sido neutralizada);

III. ao reorientar, por meio dessa nova forma, o núcleo subjetivo do niilismo em uma lógica reativa: a do ***desespero***, que é então oposta (*des-esperar)* a um ter esperança primário, a própria que precisa ser reativada em face do niilismo.

I. *Esperança* em vez de *desejo*

Primeiro movimento.

O nada do niilismo é associado por Kierkegaard a um ter esperança e não, como em Nietzsche, a uma *vontade*. Enquanto Nietzsche examina as patologias do *nada-querer* e do *querer-nada*, Kierkegaard examina as doenças do *esperar-o-nada* e do *nada-esperar* (ou *espera-em-nada*).

Portanto, para Kierkegaard, o desafio da constituição subjetiva não é mais a vontade (uma faculdade cuja incerteza psicológica conhecemos, mas que Nietzsche ampliou filosoficamente em *Vontade de Poder*), mas a esperar em sua forma específica de ***esperança***, que devemos distinguir cuidadosamente da ***espera***.

> *A espera* espera que as vitórias surjam de derrotas persistentes. A espera espera de um amanhã mais brilhante com base em um passado e um presente feitos de suor e lágrimas.

---

[10] mais precisamente, "doença *ad mortem*" (como em "amour *à la folie"*), ou seja, uma doença que leva à morte, mas não é exatamente uma doença fatal (assim como *o amour à folie* não é exatamente o "amor louco" ou o *"amour fou"* de André Breton).

[11] deve ser entendido como o *fato de se desesperar*; mas atenção: não mais do que o verbo *esperar*, o verbo *desesperar* não diferencia a espera (espoir) da esperança (espérance). Como veremos mais adiante, para Kierkegaard, esse é um caso de desespero e não de desesperança (já que a própria esperança acaba sendo secretamente relacionada ao niilismo).

[12] Afinal de contas, não é verdade que um amor louco como o de Sören Kierkegaard por Régine é, de fato, um amor morto? Veja Yves Depelsenaire: *Une analyse avec Dieu. Le rendez-vous de Lacan et de Kierkegaard* (Bruxelles; ed. de La Lettre volée; 2004; p. 26).

[13] Mais precisamente, Kierkegaard vai exaltar uma terceira forma de niilismo que não é central para Nietzsche e permanece mais latente nele.

> *A esperança, por* outro lado, espera que um sucesso localizado já alcançado tenha as extensões globais que ele potencialmente traz.
>
> A esperança, portanto, procede de um sucesso subjetivo que aconteceu e é atestado, enquanto a espera se baseia em uma vitória objetiva futura que nada pode garantir.
>
> Portanto, como Paulo de Tarso escreve [14] , a esperança não engana [15] quando a espera é essencialmente portadora de ilusões.

Ao fazer isso, a questão subjetiva apresentada ao niilismo não é mais "*querer?*", mas "ter esperança?" [16] .

II. Três formas de niilismo

Segundo movimento.

Enquanto Nietzsche contrasta principalmente duas formas de niilismo (a forma *passiva* de nada querer e a forma *ativa* de querer o nada), Kierkegaard distingue três formas mais claramente: não apenas a esperança de nada esperar e a esperança de nada (ou seja, a esperança de morte, destruição), mas também uma terceira forma, a montante, que não adota a pergunta "ter *esperança?*", mas a ignora ou a desqualifica [17] , uma forma que poderia ser formulada da seguinte forma: *"Ter esperança não é uma pergunta porque ter* ***esperança não é nada***".

> *"É precisamente uma forma de desespero não estar desesperado, ou não estar ciente de estar [...]. [...] Não estar desesperado pode significar que você está.*
>
> *"A ignorância do desespero muitas vezes o elimina ou o transforma em não desespero que, ao contrário, pode ser a forma mais perigosa de desespero.* [18]

Esse novo deslocamento chama a atenção para uma forma (subjetiva) que dessubjetiva a própria ideia de esperança: a pergunta "ter esperança não é mais sequer feita, não exige mais uma resposta, mas apenas a ignorância e o esquecimento em favor de uma vida que se poupa dessa preocupação:

> *"Essa maneira de viver sem estar claramente consciente de ser determinado como um espírito, esse suposto contentamento com a vida, é precisamente o desespero.*

Para Kierkegaard, portanto, há três maneiras de não valorizar nada:

1. Nada esperar ou ter esperança em nada;
2. Ter esperança do nada;
3. Ter esperança não é nada.

Nos dois primeiros, 'nada' é o objeto do verbo esperar (o verbo está, portanto, sem um objeto, está vazio, mas não é negado como tal, se for verdade que o vazio não é o nada), enquanto no terceiro, 'nada' afeta o verbo *esperar* como tal.

Em outras palavras: as duas primeiras formas de niilismo dizem respeito a **enunciados**, a terceira afeta a **enunciação**, o que fica mais claro se as reformularmos da seguinte forma:

1. quando se trata de esperança, não há nada;

---

[14] *Epístola aos Romanos*, capítulo 5, versículo 5

[15] Como a angústia (Lacan) também é "aquilo que não engana", podemos ver que a verdadeira esperança exigirá necessariamente coragem, a única coragem capaz de lidar com a angústia em questão.

[16] Sabemos que, no final de sua *Crítica da Razão Pura*, Kant se perguntou: "*O que posso saber? O que devo fazer? O que posso esperar?*

[17] Ao fazer isso, estou fundindo, para os propósitos desta demonstração, duas figuras subjetivas (aquela que nega abertamente a pergunta "o que se pode esperar?" e aquela que a ignora sem nem mesmo estar ciente disso) em uma única lógica subjetiva que chamaremos de **neutralização**, sem distinguir entre neutralização ativa ("negar") e neutralização passiva ("ignorar"). Eu me permitirei essa simplificação nas considerações que se seguem, enfatizando que todo niilismo é, na verdade, apenas uma segunda reação a uma primeira afirmação.

[18] Como em todas as citações sem maiores esclarecimentos, essas foram extraídas de "*La maladie à la mort*".

2. quando se trata de esperança, não há nada além de nada;
3. a própria questão da esperança não é nada.

Então, vamos dar uma olhada mais de perto nessa terceira forma.

Um niilismo de neutralização subjetiva

Seu paradoxo propriamente subjetivo reside na **oposição entre uma enunciação subjetivada e um enunciado dessubjetivado**: o enunciado niilista exibe aqui um nada de esperança ("esperar não é nada!"), deixando no enunciado um traço de sua enunciação por um "não" (que distingue os dois enunciados: "esperar não é nada" e "esperar é nada"). Em outras palavras, a enunciação subjetiva realiza uma operação de negação, cujo resultado é registrado no enunciado: ao final dessa operação, não se trata simplesmente de um enunciado objetivo ("esperar não é nada"), mas de um efeito subjetivo.

Reduplicação

Aqui, vemos que a enunciação está subjetivamente entrelaçada com seu enunciado e que, ao reduzi-la dessa forma, ela se prende à subjetividade "niilista".

> Aqui, então, encontramos **a importância subjetiva do princípio kierkegaardiano da *reduplicação***: a reduplicação atribui subjetivamente a posição de enunciação às afirmações que formula - Kierkegaard toma emprestado seu principal exemplo de Pascal: falar, *na verdade subjetiva,* de humildade implica falar dela com humildade e não com arrogância. [19]

Niilismo do neutro

Vamos chamar essa terceira forma de niilismo do [20] *neutro* (dinamicamente entendido como *neutralização*).

> Sabemos **da importância ideológica de uma figura moderna do neutro**, particularmente em um certo tipo de modernidade literária [21] . Mas seria inadequado equiparar sistematicamente essa figura a uma problemática niilista [22] . Portanto, adiaremos para outros estudos um exame detalhado das várias maneiras pelas quais esse niilismo do neutro pode se infiltrar, corroer e corromper diferentes problemáticas intelectuais do neutro.

Vamos também deixar de lado a delicada questão de como essa terceira modalidade kierkegaardiana de niilismo reverbera em uma terceira modalidade nietzschiana [23] , e examinar como Kierkegaard escapa desses três niilismos identificando sua lógica reativa comum.

---

[19] Deve-se observar de passagem que, na segunda metade do século XX, o filósofo e compositor Adorno argumentou que a filosofia da *nova* música que ele estava pedindo deveria ser uma *nova* filosofia da música: Em sua opinião, não havia como compreender filosoficamente a nova música (a de Schoenberg e Stravinsky, etc.) com as antigas orientações filosóficas de Aristóteles, Descartes ou Hegel; para falar filosoficamente sobre a nova música, era necessária uma nova posição filosófica de enunciação. Adorno assumiu essa exigência identificando essa nova orientação filosófica, que ele chamou de "dialética negativa", e que, para ele, era capaz de caracterizar a nova música como "música informal": assim, filosoficamente, a nova enunciação "dialética negativa" reduplicou o enunciado de uma nova "música informal".

[20] *Neutro* (do latim *ne-utrum*, que significa "nem o outro", além de um "nem o um" anterior) refere-se a um "*nem um nem o outro*", que aqui assume a forma de um "niilismo nem ativo nem passivo".

[21] Maurice Blanchot, Roland Barthes...

[22] A começar pela música, que não pratica a contradição homem-mulher assim como não pratica o antagonismo e, ao fazê-lo, efetivamente os neutraliza: uma obra musical pode formalizar musicalmente a diferença entre os sexos (música de ópera) ou os antagonismos (música de batalha), mas, ao nomear musicalmente a unidade dos opostos em questão, ela não se dividirá sexual ou antagonicamente!

[23] O entrelaçamento do nada com a esperança é o mesmo que o entrelaçamento do nada com a vontade? Qual é o significado subjetivo exato de neutralizar a vontade como tal?

III. A natureza reativa do niilismo

Terceiro movimento.

Seu princípio é o seguinte: os vários niilismos dotam suas próprias negações de formas hiperbólicas - as de "nada" - para melhor afirmar que, na verdade, eles negam a existência de possibilidades subjetivas perfeitamente situadas. Ao fazer isso, **o niilismo acaba sendo uma negação**. Uma consequência valiosa disso é que a desqualificação subjetiva do niilismo não será alcançada pela negação de sua negação, mas pelo recomeço a partir das possibilidades que ele secretamente nega, retomando [24] aquilo contra o que ele está lutando.

A impotência da resistência

Em primeiro lugar, para Kierkegaard, qualquer postura **oposicionista** de resistência ao niilismo seria, de fato, equivalente a conceder-lhe alguma preeminência e, ao fazê-lo, levaria a pessoa a se fechar em uma negação estéril do nada (não é verdade também que a afirmação "há mais do que nada" de fato mobilize... nada!)

Optar por se opor ao niilismo resistindo a ele, então, seria adotar **uma postura reativa** desde o início, tanto quanto dizer uma orientação subjetivamente derrotada, vitimizada e, em última análise, estéril.

> É aqui que encontramos **a diferença entre *resistência* e *defensiva*** diante de um adversário ou inimigo: resistir significa colocá-los no controle do jogo (em termos de apostas, espaço e horário), dando a eles a iniciativa e nos colocando em posição de reagir secundariamente à ação deles; defender, por outro lado, coloca nossas próprias apostas no posto de comando para que mantenhamos o controle *estratégico* de como, onde e quando travamos a batalha *taticamente*.

A reação niilista

De acordo com Kierkegaard, para escapar dessa tutela do nada, para emancipar-se dela, é necessário reverter a situação e perceber que **o niilismo não passa de uma oposição**, uma resistência a afirmações primárias; e é precisamente porque o niilismo não passa de uma reação que reagir a essa reação não pode energizar qualquer existência subjetiva que não seja a de uma vítima.

Para lidar com o niilismo, portanto, não devemos começar por ele, mas sim por aquilo a que ele implicitamente responde.

> *"Se não houvesse nada de eterno no homem, ele nunca poderia se desesperar."*
>
> *"O desespero consiste em ser espiritualmente castrado".*

Afirmando possibilidades

As afirmações primárias às quais o niilismo (em suas três formas) resiste têm a ver com *possibilidades subjetivas* em vez de fatos objetivos: quando se trata de niilismo, tudo depende da **questão das possibilidades** e, portanto, correlativamente, da questão das necessidades.

> *"A liberdade é a fonte dialética das noções de possibilidade e necessidade. [...] O possível e o necessário são igualmente essenciais para o devir. [Um eu desprovido de possibilidade não tem esperança, e da mesma forma um eu desprovido de necessidade. [...] Não ter possibilidade é ser mudo. As necessidades são como consoantes puras; para pronunciá-las, você precisa de um suprimento de possibilidades. [...] Quando um homem se abandona ao desespero, encontrar uma possibilidade é o único caminho para a salvação. Uma vez encontrada, o homem desesperado pode respirar novamente, pois sem possibilidade, o homem não pode respirar, por assim dizer. [...]A possibilidade é para o eu o que o oxigênio é para a respiração."*

Esse tipo de afirmação sobre o possível é exatamente o que nos faz ter esperança, porque ter esperança é uma questão de possibilidades, tanto quanto de imaginação (sem imaginação, não há

[24] Sabemos da importância da noção de Kierkegaard de *retomada, que* muitas vezes é traduzida erroneamente como "repetição".

possibilidades) e infinito (cada possibilidade se destaca contra o cenário vertiginoso de uma infinidade de possibilidades).

> *"A imaginação é o meio que dá acesso ao infinito."*
>
> *"A falta de infinito é o desespero de ser limitado e confinado [...] É o desespero da finitude."*

O possível não é o provável

Ao fazer isso, Kierkegaard chama nossa atenção para a diferença entre o *possível* e o *provável*.

> *"A mente realista do lojista está em conformidade com uma certa quantidade de experiência vulgar sobre a maneira como as coisas acontecem, sobre eventualidades, sobre as incidências usuais, seja você o dono de uma cafeteria ou um ministro. [...] Ele acha que tem a possibilidade à sua disposição, que capturou sua imensa elasticidade na armadilha em que se encontra o manicômio do* ***provável****; ele acha que a tem prisioneira; ele a leva para todos os lugares, trancada na gaiola do* ***provável****. [...] A imaginação deve arrancar o homem da atmosfera do* ***provável****, das máximas parecidas com papagaios da experiência banal*".

O provável encerra as possibilidades no âmbito de um cálculo; coloca a sua imaginação sob a tutela do repetível e do verificável; aprisiona a infinidade de possibilidades na deliberação preditiva; enxuga a coragem de enfrentar a vertigem agonizante das infinitas possibilidades, especulando com os riscos envolvidos [25].

> Não foi exatamente por esse motivo que, em meados da década de 1960, Mao pôde considerar que a perspectiva da ***provável*** *derrota da* Revolução Cultural [26] não anulava de forma alguma a ***possibilidade*** de seu *sucesso* político?

Atreva-se a ter sucesso!

Se a esperança é realmente uma questão de possibilidades e não de probabilidades, é porque também temos que distinguir entre ***sucessos*** e ***vitórias***: as possibilidades validadas por um *sucesso* nos dão motivos para ter esperança, enquanto as possibilidades abertas por uma *vitória* permanecem carregadas de ilusões.

Para Kierkegaard, o que importa é o **sucesso**: de fato, no mesmo ano, 1848, ele dedicou um discurso inteiro a isso, intitulado "*A alegria de pensar que a adversidade é sucesso*" [27] , um discurso no qual Kierkegaard entende a adversidade em um sentido existencial, de modo que o sucesso em questão será o resultado de um processo interior cujo sucesso será alcançado *em si mesmo*, não em outra pessoa. Por outro lado, o fracasso do desespero também será o resultado de uma interioridade existencial:

> *"O desespero por uma coisa não é o verdadeiro desespero* [...] O desespero por si mesmo é a fórmula de todo desespero.
>
> Assim como a espera é um cálculo enganoso enquanto a esperança é uma confiança "que não engana", o desespero (em um cálculo que se revela falso) será subjetivamente menos grave do que a desesperança (dessa vez por desconfiança em uma capacidade subjetiva que, no entanto, é comprovada).

Por outro lado, **a vitória** é conquistada sobre um adversário externo, de modo que é, *nolens volens,* um processo repleto de ilusões, já que o que é conquistado está sempre aberto a questionamentos posteriores pelo adversário derrotado ou por outro que o substitua.

O sucesso é uma conquista subjetiva interna conquistada sobre si mesmo; a vitória é um triunfo objetivo externo conquistado sobre outro [28] . O sucesso produz esperança; *"a vitória é a mãe de muitas*

---

[25] Veja, por exemplo, a deplorável "política de redução de danos públicos" para o gerenciamento estatal da dependência de drogas.

[26] Consulte o inestimável livro de Alessandro Russo sobre a Revolução Cultural.

[27] brincando com a eufonia das palavras dinamarquesas *Modgang* (adversidade) e *Medgand* (sucesso)

[28] Você *passa em* um exame, *em* um teste ou *vence* uma competição.

ilusões" (Mao!) [29] .

Vamos considerar por um momento a conexão inesperada entre o existencialismo cristão do século XIX e o comunismo marxista do século XX.

Sucesso-fracasso/Vitória-derrota na visão de Mao

Um ano antes da Revolução Cultural (3 de agosto de 1965), Mao se abriu com Malraux [30] sobre a provável relatividade das vitórias e as possíveis virtudes das derrotas:

"[Nós tiramos grande partido de nossas derrotas] *mais do que havíamos previsto. Em alguns aspectos, a Longa Marcha foi uma retirada. No entanto, seus resultados foram os de uma conquista porque, em todos os lugares por onde passamos, os camponeses entenderam que estávamos com eles."*

"A vitória é a mãe de muitas ilusões. Se as contradições que devemos à vitória são menos dolorosas para o povo do que as antigas, felizmente!, elas são quase tão profundas.

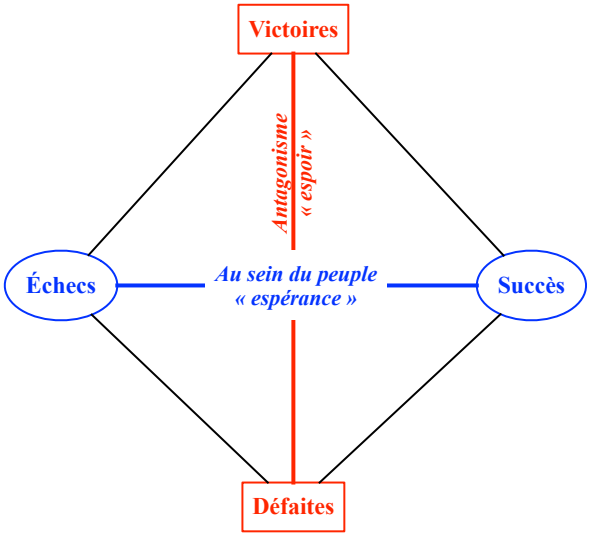
"Nossa revolução não pode ser apenas a estabilização de uma vitória."

Portanto, uma derrota perante o inimigo pode ser um sucesso revolucionário, e uma vitória, um fracasso.

Há, assim, dois eixos políticos:

- o de contradições não antagônicas no seio do povo: o de sucessos e fracassos e, portanto, de esperança;
- a das contradições antagônicas com os inimigos: a das vitórias e derrotas e, portanto, da espera.

Esses dois eixos ortogonais podem ser diagramados como o seguinte quadrilátero:



Correndo o risco de simplificar demais, vamos ilustrar os quatro lados desse quadrilátero de forma bem livre por meio das sequências sucessivas da revolução chinesa:

1 1927: **derrota** e **fracasso das** revoltas operárias e urbanas;

2 1928-1948: **derrotas** e **sucessos** da Longa Marcha e defesa estratégica ;

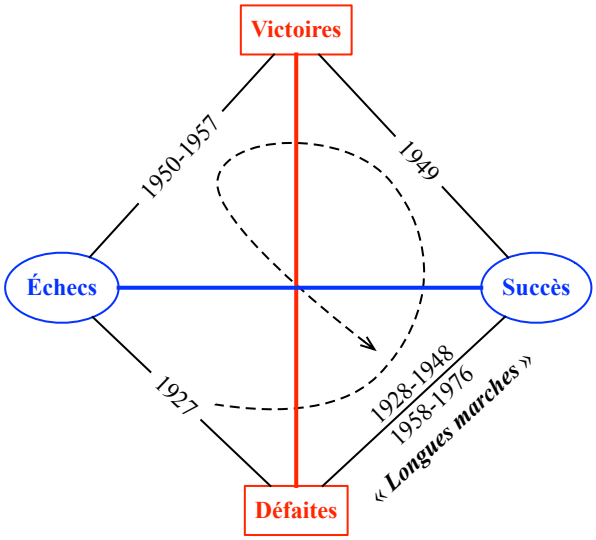
[29] Não é preciso dizer que isso não é um elogio à derrota!

[30] André Malraux: *Antimémoires* (*Le Miroir des limbes*; Pléiade; pp. 421-447)

3 1949: **vitória** final e **sucesso** definitivo da Revolução Democrática;

4 1950 - 1957: **vitórias** na "construção do socialismo" gradualmente corrompidas pelos **fracassos** políticos da orientação comunista;

5 1958-1976: **sucesso** em uma revolução comunista que gradualmente se mostrou **derrotada**.



Analisaremos toda a questão da "**longa marcha**" [31] sob esse último ângulo: o das derrotas que, com perseverança, tornam-se sucessos (realizações ou conquistas) que merecem ser estrategicamente defendidos.

Os dois correlatos de esperança

Ao fazer isso, a esperança prova ser um meio-termo, a passagem de uma confiança primária para seu alvo: um compartilhamento universalizante.

1. Confiança, antes da esperança

Para Kierkegaard, a esperança está enraizada na confiança: mais precisamente (veja Paulo de Tarso [32]), a esperança se baseia em **uma confiança que foi experimentada e *testada***, ou seja, uma confiança que foi posta à prova com perseverança e validada por algum sucesso, para o qual a esperança, então, retém menos o simples resultado objetivável (sempre passível de ser corrompido ou apagado) do que o processo subjetivo que levou a ele.

> De qualquer forma, para Mao, a vitória de 1949 pode ser enganosa se a medirmos essencialmente em termos do novo Estado socialista que foi criado e que ainda estava sujeito a voltar ao capitalismo (na forma de capitalismo monopolista de estado). Por outro lado, isso deu motivos para ter esperança na confiança política das massas camponesas da China, que havia sido testada com perseverança ao longo de vinte anos, uma confiança que Mao teria que colocar à prova, repetidas vezes, nas novas Comunas Populares e em suas imensas consequências políticas.

Portanto, a esperança se apóia no alicerce do sucesso que a confiança perseverante construiu.

---

[31] Chou En-lai para Malraux: "*Em 1949, iniciamos uma nova Longa Marcha*".

[32] *"Depositamos nosso orgulho em nossa própria angústia, sabendo que a angústia produz perseverança, a perseverança produz fidelidade provada, a fidelidade provada produz esperança*". (Romanos, 5, 3-4)

2. Compartilhamento, a jusante da esperança

Essa esperança será posta à prova por um projeto posterior que visa compartilhar essa confiança em grande escala, tornando-a um sucesso para todos, o sucesso de todos.

> Paulo de Tarso chamou esse compartilhamento de *caridade*; Mao o chamou de *fraternidade*: "*Trouxemos esperança. Conquistamos as pessoas desenvolvendo a esperança* [33] *, a confiança e a fraternidade*". (Mao para Malraux, agosto de 1965)

Portanto, a esperança tem consequências: a esperança exige que a **confiança da qual ela se origina seja transmitida em grande escala**, porque essa transmissão será o próprio movimento pelo qual o sucesso, conquistado localmente, testará seu potencial alcance global.

Em resumo, niilismo significa desespero.

O niilismo, portanto, acaba sendo uma reação a essas possibilidades em ação (possibilidades de confiança, esperança e compartilhamento universalizante [34]): o niilismo, portanto, respalda sua força subjetiva com uma negação dessas possibilidades, de modo que suas três modalidades de *nada* se originam em negações circunstanciais:

- Não esperar nada do possível e se resignar subjetivamente com o provável e o real;
- Esperar o fim do tormento vertiginoso das possibilidades e, portanto, o fim do questionamento;
- neutralizar esse questionamento para simplesmente sobreviver como um animal terrestre.

Nesse sentido, o niilismo da esperança opera a montante do niilismo do querer: é porque nos desesperamos que não queremos mais nada, que não queremos nada ou que não queremos mais querer; **a negação da esperança introduz a negação do querer**.

A coragem de ter esperança na humanidade

> *"Conquistamos as pessoas ao desenvolver esperança, confiança e fraternidade*.
> Mao para Malraux (agosto de 1965)

> *"Para reavivar a esperança comunista, devemos primeiro analisar os motivos de seu colapso*.
> Emmanuel Terray (fevereiro de 2014)

A lição de hoje para nós, militantes da causa do comunismo: enfrentar o niilismo não pode ser feito negando sua negação, reagindo à sua reação, resistindo à sua resistência, mas afirmando nossos próprios princípios materialistas de confiança, aqueles cuja implementação perseverante nos permitirá, aqui e agora, ter a esperança de poder compartilhar em grande escala no mundo contemporâneo os primeiros sucessos políticos do comunismo.

O ponto subjetivo decisivo, portanto, diz respeito à coragem: a coragem de ter esperança ou, mais precisamente, **a coragem de ter esperança na humanidade** (no exato momento em que ela está sendo dramaticamente dilacerada [35] sobre suas próprias capacidades de emancipação coletiva, e no exato momento em que essa dilaceração está dando origem a terríveis ansiedades), de ter esperança em suas capacidades, coletivamente em ação aqui e agora:

- esperança **musicalmente** na humanidade, nos efeitos criativos de seus pensamentos sensíveis;

---

[33] Não tenho certeza se a tradução (de quais termos chineses, a propósito?) presta muita atenção à diferença francesa entre *espérance* e *espoir*.

[34] Aqui encontramos as três chamadas virtudes *teológicas* do cristianismo de Kierkegaard: *fé, esperança e caridade*.

[35] Em vez de *trágicas*: as convulsões do século XXI são eminentemente circunstanciais; elas têm a ver com o que aconteceu no final do século anterior: terríveis fracassos e derrotas estratégicas que obstruem temporariamente nossos horizontes coletivos, mas que não apagam os imensos sucessos coletivos já alcançados. Portanto, não coloquemos agora nossas legítimas ansiedades sob o selo intransponível de um destino trágico!

- esperança **matemática** na Humanidade, nas ideias criativas de seus pensamentos inteligíveis [36] ;
- esperança **com amor** na humanidade, na capacidade criativa de sua diferenciação em homens e mulheres;
- esperança **política** na humanidade, em seu poder coletivo de emancipação, finalmente reavivada pela Revolução Comunista que as Comunas Populares Chinesas colocaram em pauta. [37]

Ironia

Ainda há uma relação *secundária* com o niilismo, mas que não é desprezível: a ironia, a ironia que Kierkegaard frequentemente elogiava. A melhor maneira de desqualificar diretamente a figura reativa do niilismo é usar a ironia, como Pascal fez tão bem em suas *Provinciales* contra os jesuítas, que ele via como o emblema cristão do niilismo passivo [38] . Seguindo a ironia de Marx em *O 18º Brumário de Luís Bonaparte* (1851) sobre o niilismo ativo dos burgueses franceses, que exclamaram "*Antes um fim terrível do que um terror sem fim!",* concluiremos, portanto, ironizando os recentes grafites niilistas em Nanterre: "*Outro fim do mundo é possível*" [39] como Goscinny e Uderzo se divertiram fazendo com o "pirata" Barba Ruiva, grande chefe dos "rebeldes" em alto mar:

"Afundemo-nos. O resultado será o mesmo e nos poupará alguns tapas"

●●●

[36] *"O único objetivo da ciência é a honra do espírito humano"* Jacobi (carta a Legendre, 2 de julho de 1830)

[37] *"Reviver a esperança comunista significa, antes de tudo, revisitar as razões de seu colapso*." Emmanuel Terray (fevereiro de 2014)

[38] Para ele, os niilistas *ativos eram libertinos*.

[39] Veja o elogio inesperado de Patrice Maniglier em 3 de julho de 2016: *"Une autre fin du monde est possible". Lendo um grafite de Nanterre*" - https://www.youtube.com/watch?v=vWzghIXH1dg

[ARTES]

ÉRIC BRUNIER: *PERSPECTIVAS SOBRE CORES (2)*

Delaunay

As cores, quando estão relacionadas apenas internamente, têm o poder de uma figura. Eu chamo isso de ***CoreS***.

Alguns, depois de Newton, e dependendo do mesmo princípio, foram mais longe no experimento em que a luz é dividida em cores ou, ao contrário, sintetizada, seja em lentes ou no olho a partir de um disco giratório: o experimento óptico gera cores e a luz é a causa do olho. Dessa forma, seus debates padronizam o acordo ou as leis pelas quais as cores se unem.

Mas outra experiência, que ainda estamos vivendo, mostra que **as cores geram visão**. Tudo o que foi necessário para a humanidade foi a eletricidade, para que a cidade fosse iluminada por painéis publicitários, letreiros luminosos e piscantes, as bocas curvas de metal do metrô e para que vestidos e fantasias girassem em ritmo nas calçadas e nos bailes.

Enquanto a iluminação da cidade a transforma, decidir em uma pintura que as cores são uma visão cria um mundo. Assim, por volta de 1912-1913, um novo discurso sobre a pintura estava surgindo. E, no entanto, embora parecesse estar distante do mundo, Robert Delaunay, quando pintou o que chamou de "coup de poing" (Fig. 1), colocou essas cores geradoras de visão em forma pictórica. Não é que a pintura alvo atinja o olho sem fazer nada por ele - pelo contrário, ela afirma o poder da cor para criar visão.

Fig. 1 Disco simultâneo, Robert Delaunay, 1913
(coleção particular)

Fig. 2 Prismas elétricos, Sonia Delaunay, 1913
(© Musée d'art moderne, Paris)

Os Delaunays, para Sonia, pois pintavam com a mesma habilidade e convicção (Fig. 2) desenvolveram seu trabalho em duas linhas: por um lado, as cores faziam parte da vitalidade da cidade grande, de sua decoração, de seu ritmo, e a pintura era um meio de reforçar isso, impondo suas cores nas capas dos livros, nos tecidos dos vestidos e até mesmo nas carrocerias dos carros; por outro lado, a pintura de *CoreS* desenvolveu uma visão subjetiva, interna ao mundo da pintura; ela tornou a superfície da pintura infinita e sugeriu que nos tornássemos parte dela. A experiência não é mais de vitalismo, simbiose ou dispersão. É a **ampliação do possível**, uma integração ao desconhecido. Isso explica por que cada pintura é nova e por que a busca é sempre subjetiva.

A cidade, as vitrines, os armários e a arquitetura de ferro e vidro mostraram à pintura que ela poderia atuar em um teatro que não fosse o da literatura. Pintores e comentaristas falaram sobre a música da cor, porque dentro da pintura havia um concerto.

Embora Delaunay não tenha usado essa metáfora, o concerto de fato ocorreu, embora não musicalmente. Um concerto apenas **de cores**, que ele chamou de "contraste simultâneo". Assim como uma partitura liga os instrumentos da orquestra, o contraste liga as cores. A operação é abstrata. No disco, ela se baseia na simetria dos arcos opostos de ferrugem e azul que convergem para o centro e, novamente, por meio dos flashes de amarelo, ela guia o olhar para a periferia. Em tudo isso, Delaunay se apropriou da transformação contínua da cidade para sua pintura.

Para ele, isso está ligado à figura da janela pintada, de olhar através dela. *A coreS* inventa um mundo assim como a pintura revela o mundo. Na primeira edição desta revista, mostrei que a janela na pintura romântica realizava a dialética do próximo e do distante. *Eu habito um mundo que absorve o infinito como uma função de minha retirada*, diziam essas pinturas. Com as janelas simbolistas de Delaunay, **a dialética é a do sol e das coisas**. Uma dialética do habitat é sucedida por uma dialética que organiza a existência das cores. Saída do retiro, a obra pede intervenção e diz: "Vamos *tentar ver"*.

Vamos tentar ver

Cherchons à voir (*Vamos tentar ver)* foi escrito por Robert Delaunay em 1912 para o artigo "La Lumière" (Luz) na revista *Der Sturm*. *Cherchons à voir (Vamos tentar ver)* é o lema que ele usou em *Les Fenêtres*, uma série de vinte e duas pinturas em andamento.

Cherchons à voir não se detém na exaltação do olho sensível, no hedonismo caloroso da decoração rebocada com cores vulgares, no rigor frio do entrelaçamento apertado de tons desbotados, porque estabelece a igualdade: o olho sensível é uma entidade matemática.

Vamos tentar ver. Desde a nova pintura impressionista, há rumores de que as cores foram mergulhadas no conto de fadas, fontes cotidianas do brilho do ar livre; a luminosidade inata do dia sugere na tela o bater de uma asa; os sinais são comprovadamente materiais.

Cherchons à voir não apela à percepção ou à consciência, mas nos convida a **poetizar a arte dos pintores**: a arte das superfícies rítmicas em que a Torre Eiffel é um simulacro de altura, em que os trilhos indicam comprimento, em que a Roda Gigante gira como um disco de hélice. Não é suficiente que a pintura replique as relações de objetos finitos em um caleidoscópio rotativo de altura, comprimento e profundidade. Se as proporções são necessárias, se as justaposições são acentuadas, a clareza das cores cria o ritmo entre elas, forma a liga que torna suas revoluções infinitas. O dinamismo pontua as novas pinturas. Curvas centrífugas no orbe não traçado das cores, nenhuma delas descrevendo nada porque todas interagem.

Vamos tentar ver, por meio de cores sensíveis e formais, **como as pessoas se organizam, como avançam na realidade** para criar uma ode. Cendrars, mais do que Apollinaire, conseguiu se colocar **na escola poética dessa pintura** quando escreveu em "Contraste" (reimpresso em *Dix-neuf poèmes élastiques*, 1919): "*As janelas de minha poesia estão escancaradas nos Boulevards e em suas janelas / Brilham / As joias da luz*". Através das janelas, é possível ver o acordeão no céu, vozes crepitando e, no arco-íris, as dissonâncias da meia-noite. O nacionalismo se choca em cada esquina, e já está explodindo. Muito rapidamente, não havia futurismo, nem simulacro, nem mesmo o Esprit Nouveau, como disse Apollinaire.

No entanto, **um poeta veio** usar suas vogais coloridas para mostrar que, mesmo nos recortes de jornal, o dia de hoje está brilhando. **Um pintor veio** em suas janelas radiantes para expor o sol. Tudo está iluminado e a claridade é o Sujeito, um índice da Eternidade. Quando a janela do olho percebe a luz, tudo fica colorido. Quando a pintura está nas C*oreS* dominantes, o olho é a janela, a alma está do lado de fora.

Janelas modernas

As Janelas e os *Prismas* de Delaunay afirmam a existência de uma pintura colorida abstraída de toda imitação. Se o contraste simultâneo se difunde em uma janela, é porque a janela revela uma arquitetura, talvez uma geometria, e cores.

A janela: uma figura

A janela é certamente uma forma de **metaforizar a operação da pintura**.

Na maneira clássica, é a visão imaginária do mundo que é metaforizada dessa forma, uma espécie de poder de travessia do olhar. Em frente a uma pintura clássica, imagino ver através da parede perfurada de minha situação um mundo onde os homens têm asas coloridas, onde a chuva dourada cai entre as coxas de uma mulher deitada. Imagino um infinito que vem até mim de fora.

Na pintura moderna, a metáfora da janela está relacionada ao simbolismo pictórico. **A pintura é, antes de tudo, uma moldura**, uma superfície orientada e autolimitada. Há uma parte superior e uma inferior, uma esquerda e uma direita, largura e altura. Desde o primeiro toque de cor, há profundidade. Isso define **o território das cores**, uma espécie de diagrama onde elas se coordenam. Aqui, na pintura de Delaunay (Fig. 3), a superfície é quase oval, com vários perfis da Torre Eiffel aparecendo simultaneamente. Todas as operações concretas da pintura são tão finitas quanto sua superfície. No centro da tela, o material levemente vaporoso de uma renderização em creme, cobrindo um verde frondoso e suave que, em seguida, se torna opaco, e esse bege é coberto pela rápida pincelada de um verde ainda mais suave. O retângulo creme tem bordas em azul-cobalto, vários tons de verde e branco. As áreas planas de cor são figuras com ângulos agudos ou retos. Mas a divisão da superfície, que seria uma operação tediosa, como o inventário dos elementos de um todo acabado, abre relações de cor e coloração, abre *CoreS*. Esses são ecos internos, recomposições, movimentos. **A tela** não é apenas uma superfície amassada e esticada onde as cores se chocam. É **um mundo profundo** onde um pedaço de creme se torna verde. E essa execução é inexoravelmente realizada com gestos precisos e meticulosos, ou mais amplamente, gestos quase cegos, gestos guiados apenas pelas cores vizinhas e pela tela muito geral da Torre Eiffel, que é repetida e fragmentada. Não há imaginação aqui, apenas o trabalho de um tecelão. A janela é o nome da estrutura pela qual a pintura se desdobra dentro dos limites de uma superfície e aponta para o céu.

Fig. 3 Janelas abertas simultaneamente, 1ère parte, 3e motivo, Robert Delaunay, 1912
(© Guggenheim, Veneza)

Fig. 4 Delaunay, detalhe

Portanto, o limite é apenas aparente. Ele é forçado pelas cores. Em meu primeiro texto, mostrei como o limite poderia ser forçado pelo aparecimento de cores em primeiro plano, no interior, forçando o olhar para a distância onde todas as cores possíveis brilham e das quais a pintura, em sua interioridade, reúne fragmentos. O forçamento era feito pela contiguidade e localização das cores. Na obra de Delaunay, isso é conseguido pela mudança das interações da superfície para a profundidade.

A janela nomeia, ou seja, figura, semantiza uma operação específica da pintura, que a partir da multiplicidade de cores cria uma unidade: uma pintura com bordas limitadas e emolduradas. A janela pintada é um equivalente pictórico do substantivo *janela*. É um **nome presumido**, porque a operação

pictórica não é nominal. Ela não pode ser nomeada, embora possa ser vista; e o que pode ser visto, o pintor decidiu chamar de *janela*. Devemos ter cuidado com o nome, com a metáfora que ele cria e voltar à visibilidade, porque nem todas as janelas pintadas representam a mesma operação.

Para o estilo moderno, eu os esquematizaria de acordo com **duas dinâmicas**: uma que parte da multiplicidade externa, essencialmente colorida, e a captura na unidade de uma superfície. Foi isso que Goya e Friedrich fizeram, e é isso que Matisse faz (Fig. 5). Dessa forma, a janela atua como um foco, uma lente, e no trabalho de Matisse, o brilho da luz ao ar livre cria uma cegueira negra que obscurece as formas. A outra dinâmica é oposta. Ela parte da situação fechada da pintura, o quadro emoldurado e limitado como uma janela, e repete essa situação, como O'Keeffe (Fig. 6), ou a abre e inscreve outra multiplicidade, como faz Delaunay (Fig. 3).

Fig. 5 Janela francesa em Collioure, Matisse
(© Centre Pompidou, Paris)

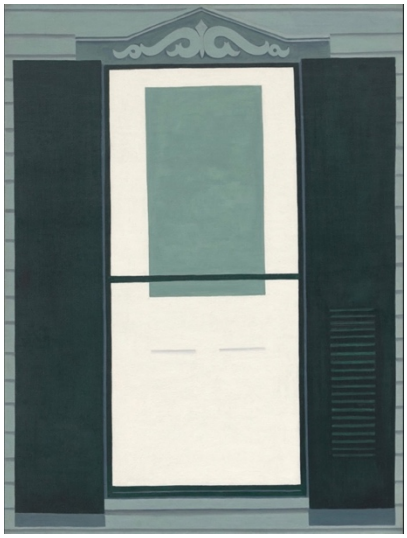


Fig. 6 Porta e janela da casa da fazenda, O'Keeffe, 1929
(© Moma, Nova York)

É interessante observar a **relação dessas três obras com o múltiplo**: o motivo da janela é recorrente na obra de Matisse, e a pintura de *Janela francesa em Collioure* é um ponto alto em sua produção, um caso limite. Até onde sei, há apenas um exemplo desse motivo na obra de O'Keeffe. É um beco sem saída ou uma situação esclerosada. Para ela, as cores estão sujeitas à força do corte de luz. Sua pintura é, portanto, semelhante ao processo de fotograma e não faz parte das *CoreS* dominantes. Por fim, na série *Janelas*, Delaunay desenvolveu uma meditação pictórica baseada na primazia da cor sobre a aparência dos objetos, o que o levou à abstração.

Divisão

Uma comparação entre Matisse e Delaunay também revela duas abordagens para a **relação entre pintura e decoração**. De 1912 em diante, Delaunay viu a unidade rítmica da pintura como um elemento superior à arquitetura, sem, no entanto, se emancipar da pintura de cavalete. As decorações em grande escala que ele produziu a partir de 1930 buscavam limitar a experiência do espaço dentro da pintura. Entretanto, esse desenvolvimento decorativo não tinha a força hipnótica das pequenas pinturas da década de 1910. Matisse, por outro lado, fez da decoração o próprio tema da pintura, abrindo novas perspectivas.

Portanto, devemos entender que **a janela pintada moderna é dupla, dividida**. Por um lado, ela **faz a mediação entre o interior e o exterior**, levando à invenção de um tema decorativo na pintura de Matisse. Essa invenção está ligada ao brilho do preto, o preto deslumbrante. O preço a pagar é que a pintura perde toda a sua capacidade de transitividade. Por outro lado, **trata-se de uma ressonância,** evidente em Delaunay, mas também nos futuristas italianos, da relação entre a pintura e o mundo da engenharia, com a maneira moderna de construir o mundo.

Janelas é a figura manifesta da estrutura relacional das cores, que chamo de *CoreS* para enfatizar a situação em que cada cor, mesmo uma única no caso do monocromático, está em relação a outras.

Essa *CoreS* intervém no mundo para pensá-lo como relações. Assim, a pintura mantém seu poder transitivo. Na pintura de Delaunay, a concepção relacional das cores que ressoa com o trabalho do engenheiro é mostrada no perfil da Torre Eiffel, cuja treliça metálica é estendida à treliça das cores. Isso significa que ***o CoreS* é geometrizado**, que é implantado na superfície, não como uma decomposição do espectro de luz, mas de acordo com a extensão das relações geométricas. Delaunay estava bem ciente de que a forma da torre era o resultado de um cálculo de engenheiro. Para ele, era uma questão de substituir a técnica divisionista pela grade colorida e inventar uma nova maneira de pintar cores que ecoasse os novos tempos.

As janelas coloridas de Delaunay são um meio pelo qual *o ColourS* passa, onde adquire uma nova dimensão: o contraste simultâneo na superfície aumenta a iluminação em profundidade, por meio da interação de facetas laminadas. Dessa forma, a pintura exemplifica **a capacidade da pintura de se apresentar como um plano,** mesmo que a força das cores, por meio de sua densidade e saturação, crie um relevo. Isso é acentuado pelo tratamento carnal, quase arrepiante, da matéria colorida. Mas também vem da trama flexível e quebrada das linhas pelas quais as manchas coloridas se juntam. A Torre Eiffel, com seu pináculo curvo e seus pilares abertos, entra e sai da pintura. Sua forma é como as letras que os cubistas Braque e Picasso introduziram em suas pinturas, uma metonímia que olha para um mundo. As cores não objetivas também são letras, mas no sentido de que outras letras aparecem na pintura. Letras abstratas e letras icônicas respondem umas às outras, marcando a pintura da mesma forma que um caractere em uma folha de papel e tecendo-a como um texto. O sensível e o abstrato respondem um ao outro. Nas pinturas de Delaunay, vemos **um discurso pictórico sobre a arquitetura**, sobre o trabalho do engenheiro que é o símbolo do novo mundo. Ele fez campanha por uma humanidade de relações sensíveis e racionais.

O que é o céu? pergunta a pintura de Delaunay com sua seta apontando. Ele está lá, no que os homens constroem", responde o *CouleurS*.

•

As janelas de Delaunay não são objetos decorativos ou dispositivos técnicos. Elas representam **um ambiente**, no qual a chuva ou a luz do sol às vezes escorre para a vidraça. Nessas janelas, os dois lados da vidraça, o do mundo e o do olho, misturaram sua luz com a crescente meia-luz.

Fig. 7 Sem título, Simon Ling (© Greengrassi galery)

As janelas de hoje são pinturas feitas na rua, o longo olhar sobre o mundo pitoresco, quando algum pedestre ou uma criança brincando interpela Simon Ling (Fig. 7) sobre o que ele está olhando, com o pincel na mão em frente ao seu cavalete. As janelas ao ar livre possuem tanto **o brilho da luz do dia quanto a permanência das coisas**.

•••

HUBERT GAND: *A VIRGEM E O CHANCELER ROLLIN OU UMA PINTURA DO SÉCULO XV VISTA PELOS OLHOS DO SÉCULO XXI*

Há três motivos pelos quais estou escrevendo sobre *A Virgem e o Chanceler Rollin*, pintado por Yan Van Eyck entre 1430 e 1436. A primeira é que a pintura é esplêndida; a segunda é que ela acaba de ser restaurada; a terceira, e não menos importante, é que esse painel de 62 x 66 centímetros realiza uma espécie de revolução copernicana em sua apresentação da perspectiva.

À primeira vista, **a pintura** parece ser apenas mais uma obra religiosa. Com base no tema clássico das pinturas da Idade Média, um homem, o Chanceler Rollin, ajoelha-se em seu genuflexório para orar à Virgem Maria para que interceda em seu favor e abra o Paraíso para ele. Em frente a ele, mas à distância, a Virgem, sentada em um banco coberto por uma almofada, segura o menino Jesus no colo, fazendo um gesto de bênção com a mão direita. Acima da Virgem, um anjo com asas nas cores do arco-íris segura uma imponente coroa dourada adornada com vários diademas.

A cena se passa na capela particular do Chanceler Rollin. O piso da capela é pavimentado com uma infinidade de ladrilhos, brancos, cinzas ou decorados com motivos hexagonais policromados. Os quadrados e hexágonos são passagens para o círculo que simboliza o Celestial, círculos também presentes nos pilares de mármore dessa capela. Três arcos altos e imponentes abrem-se para uma paisagem da

qual se pode ver um jardim adjacente à logia e, em seguida, uma ponte que atravessa um rio, que se estende à distância, com uma névoa azulada envolvendo montanhas cobertas de neve. Na ponte, há duas figuras pequenas, uma das quais está inclinada sobre uma amurada, olhando sabe-se lá o que na superfície da água. A ponte liga a cidade mercantil da Borgonha à cidade de igrejas e torres sineiras da Jerusalém Celestial.

Deixando de lado Maria, o Menino Jesus e o anjo, só existe um personagem poderoso, um empresário, um financeiro e, em suma, um arrivista que alcançou o topo do Estado da Borgonha através das suas travessuras. Para esse grande burguês, tudo pode ser comprado, inclusive o Paraíso. A capela e essa encomenda para o pintor foram o preço que ele pagou. Com seu olhar duro e o corte de cabelo de monge que havia feito para a ocasião, o Chanceler Rollin não era nada bonito. Olhando para frente, ele não consegue ver a Virgem. De fato, ela só poderia aparecer na visão de um olhar extasiado, exatamente o oposto do dele. Se, além disso, aceitarmos que ele não está delirando, esse Rollin não vê nada além do que está à sua frente. Somente Van Eyck pode ver a Virgem ou, mais precisamente, descobri-la toque por toque, mas somente após o fato, quando seu pincel passa por uma certa janela criativa comparável àquelas da ponte. Além de querer comprar um lugar no Paraíso para si mesmo, o chanceler Rollin também se deu ao luxo de comprar uma tela de um dos maiores pintores de sua época. Uma tela que, segundo ele, lhe garantiria uma posteridade gloriosa. Como um homem de nascimento nobre de uma família burguesa enriquecida por herança, ele foi especialmente vestido para celebrar sua glória, em um vestido de brocado tecido com fios de ouro, como o usado pelo Duque de Borgonha. Ele se exibe em todo o seu esplendor, assim como o pavão à sua esquerda no pequeno jardim, se ele desse uma cambalhota. Mas será que Rollin sabe que, quando o pavão dá uma cambalhota, ele também revela o lado nu de seu traseiro? Ao lado do pavão, o símbolo da imortalidade, há pegas ao redor de um grande lírio branco, simbolizando a morte e, portanto, neutralizando a imortalidade representada pelo pavão.

O anjo, a Virgem e o Menino Jesus só aparecem para quem está contemplando essa pintura. Rollin, por outro lado, não vê absolutamente nada. A beleza eterna dessa obra, portanto, pertence a um domínio estranho a Rollin. Antes de examinar de onde vem essa beleza, precisamos observar os contrastes entre a aparência desse grupo e a representação do chanceler.

Em primeiro lugar, nem a Virgem nem o Menino Jesus têm olhos para esse homem de poder. O olhar da Virgem está abaixado para o chão, e o de Jesus é marcado por um certo estrabismo que o faz olhar fixamente para a abertura dos arcos. Há também a grande simplicidade do manto vermelho da Virgem, que se estende em direção ao chão em várias dobras, em contraste com a rigidez da roupa de brocado do chanceler, que cai tão pesadamente quanto uma cortina, sem uma única dobra. Por fim, o belo rosto oval da jovem Maria contrasta com o rosto quadrado e duro do cinquentão ajoelhado, ao qual o corte de cabelo do monge, perdido por um grande recuo, acrescenta uma nota quase cômica.

Todos esses contrastes ainda não nos dizem de onde vem a beleza dessa pintura. Para localizá-la, temos que nos voltar para a direção da mão abençoada do menino Jesus sentado no colo de sua mãe. Sua mão e seu olhar apontam para uma das duas figuras que estão na beira da ponte que atravessa o rio que separa as duas cidades. Tendo enfiado a cabeça por uma das ameias da ponte, essa pequena figura, de costas para Rollin, não está olhando para nada em particular. De qualquer forma, o que ele está olhando nos escapa e permanece enigmático. Mas o que podemos ver, debruçados sobre a ponte do rio como ele, é a infinita multiplicidade de rugas e círculos que continuam a se reformar na superfície da água. É ali, através da ameia da ponte e nessa multidão, que se encontra a fonte da criação.

No meio do rio, uma ilha. Uma ilha ou um "ele", não um eu ou um eu, mas o "ele" anônimo do toque criativo. Anônimo no sentido de que ele escapa ao próprio Van Eyck para ser o de outro. Tudo o que chega à consciência do pintor é o modesto "faço o que posso" que Van Eyck gosta de dizer quando descortina seu trabalho, e que ele transformou em seu lema. Mas assim que o pincel faz seu toque, no mesmo instante, a distância que separa o finito do infinito desaparece. É assim que vejo o espaço irredutível entre a coroa dourada celestial usada pelas mãos do anjo e o cabelo loiro de Maria que flui em direção ao pescoço em várias tranças. Esse fragmento de acabamento pode ser tão microscópico quanto os dois ou três milímetros de um pássaro com as asas estendidas, quase completamente afogado na imensidão enevoada de um céu uniformemente azul-acinzentado. O céu contra o qual se destacam os muitos picos irregulares das montanhas cobertas de neve.

Isso levanta a **questão do curso do rio**. Ele segue a cavidade da perspectiva e, portanto, vai em direção ao fundo, ou vem em direção à capela? Para forçar a questão, decidi afirmar que o rio flui das montanhas em direção à capela. Essa decisão implica que esse curso segue o movimento oposto da

perspectiva, indo da frente para trás. Essa decisão não é neutra em termos da tendência espontânea da perspectiva como uma representação mimética, nem é neutra em termos da pintura em si em sua materialidade pura, porque então todos os cinzas azulados das montanhas e do céu que se elevam em direção à capela apresentam em sua transparência límpida todas as cores opostas da superfície do primeiro plano. Tudo o que resta é que o olho as trabalhe como faria em qualquer pintura não figurativa. Essa decisão implicaria em uma revolução copernicana tanto na representação quanto na pintura.

Em termos de figuração, *A Virgem ao chanceler Rolin* é como uma tela esticada entre os dois extremos do infinitamente grande e do infinitamente pequeno. Nossos olhos, assim como o rio, seguem o curso de uma criação que se origina nos picos irregulares que se encaixam na imensidão do céu homogêneo azul-acinzentado. Somada a essa imensidão, como se estivesse incluída em seu infinito, está a infinita multidão de ondulações e círculos formados na superfície da água. Observando essa pintura, Pascal poderia perfeitamente dizer que Jan Van *Eyck*: "*queria pintar não apenas o universo visível, mas a imensidão que podemos conceber da natureza dentro dos limites desse átomo reduzido"*.

Mas então o que acontece com Rollin, cujo único objetivo é garantir a posteridade eterna de seu sucesso social e seu acesso ao Paraíso? A *Virgem e o chanceler Rollin,* combinados com a pena de Pascal, respondem em uníssono: "*Um nada em relação ao infinito, um todo em relação ao nada, um meio-termo entre o nada e o tudo"*.

O grande lírio branco atesta que Rollin não é nada, por meio de seu símbolo de morte. Mas se nos colocarmos no meio, entre o nada e o tudo, nessa ilha no rio, nos juntaremos à "coisa" que nunca deixa de transcender a morte, revivendo eternamente essa *Virgem e Chanceler Rollin* para cada olhar que a contempla.

•••

Guillaume NICOLAS: *ARQUITETURA VERNACULAR (2)* *- O CASO DE CLOS-MASURES*

Após o anúncio na edição 1 das *três razões comunistas para estudar a arquitetura vernacular, proponho* um estudo monográfico para discutir essas razões, que são, para registro:

- "Uma forma de arquitetura emancipatória",
- “Conciliar vida e trabalho",
- “´Polarizar as questões ecológicas".

O caso em questão é o das *clos-masures*, as tradicionais casas de fazenda da Normandia do Pays de Caux.

Na verdade, vamos estudar **dois** objetos simultaneamente: por um lado, as clos-masures históricas da era ré-industrial, conforme descrito na literatura e cujas origens remontam à Idade Média, ou até mesmo ao período galo-romano; por outro lado, as clos-masures em sua configuração atual, conforme descobertas por uma pesquisa de campo que realizei entre 2022 e 2023 com cerca de quarenta agricultores em Seine-Maritime (76). Essa abordagem dupla nos permite considerar a arquitetura vernacular não de um ângulo nostálgico (os traços de uma civilização camponesa que agora desapareceu), mas de uma perspectiva contemporânea.

O estudo será dividido em **três artigos**, cada um correspondendo a um dos três motivos expostos no artigo de abertura.

Para começar, proponho abordar as clos-masures do ângulo pelo qual elas me apareceram pela primeira vez: uma arquitetura vernacular *ecológica*.

Reduzindo o foco ecológico

Como ciência, *a ecologia é o* estudo dos seres vivos em relação ao seu habitat (*oîkos*) e ao seu ambiente. Por extensão, **a arquitetura pode ser descrita como ecológica** na medida em que é construída e habitada por seres humanos em estreita relação com as condições naturais e culturais de seu ambiente, neste caso, o Pays de Caux.

E se a questão ecológica está tão presente no discurso contemporâneo, é porque nossa época está passando por uma crise na relação entre os seres vivos - a começar por nós, humanos - e seu meio ambiente: perturbação climática, queda da biodiversidade e crescente escassez de recursos naturais [1] , todos gerados pelo capitalismo produtivista.

Acho que é importante enfatizar aqui que, embora o capitalismo seja de fato responsável por essa nova era geológica - o *Capitaloceno*, e não o *Antropoceno* -, também é importante observar que é **a fase moderna do capitalismo**, ligada à industrialização produtivista e extrativista, que é a razão disso, e não um capitalismo primitivo que remonta ao início da Idade Média. [2]

Além disso, estamos estudando a arquitetura vernacular pré-industrial com tanto interesse para descobrir como as pessoas da época conseguiram criar uma arquitetura ecologicamente virtuosa usando meios rudimentares que exigiam uma certa dose de inteligência situacional, Em contraste, portanto, com os métodos industriais que levam à preguiça da escavadeira que nivela tudo, com a doxa

[1] Para sermos mais rigorosos e exaustivos em relação aos seus indicadores, teríamos que analisar a crise ambiental sob o ângulo de nove limites planetários: mudança climática, erosão da biodiversidade, interrupção dos ciclos de nitrogênio e fósforo, mudança no uso da terra, ciclo da água doce, introdução de novas entidades na biosfera, acidificação dos oceanos, redução da camada de ozônio, aumento da presença de aerossóis na atmosfera.

[2] **O comunismo contemporâneo** deveria, portanto, em minha opinião, assumir o controle de sua própria análise crítica do produtivismo. Se o comunismo tem como objetivo desenvolver as forças produtivas a fim de aumentar os valores de uso úteis para a população, então *a* questão da *utilidade* deve estar constantemente no centro dos debates e ser considerada em um sentido amplo, a fim de manter a produção em seu lugar, como um meio, e não como um fim em si mesma (o que poderia ser uma definição de *produtivismo*).

modernista que pratica a limpeza e com o *estilo internacional* que usa concreto e ar condicionado para criar formas supostamente livres.

Portanto, proponho abordar a questão ecológica examinando os três temas mencionados acima - **clima, biodiversidade e recursos** -, analisando como essas medidas de fechamento se adaptaram historicamente ao seu ambiente e como os agricultores de hoje estão tentando readaptá-las à era da crise ecológica. A conclusão tentará apresentar algumas ideias sobre a polarização das questões ecológicas.

Meio ambiente do Pays de Caux

O Pays de Caux é tanto uma *região natural* da Normandia quanto um *país tradicional*[3] . Geograficamente, ele forma uma espécie de triângulo entre Rouen, Le Havre e Dieppe, limitado ao norte e a oeste pelo Canal da Mancha e ao sul pelo Rio Sena. Sua fronteira oriental é menos clara, mas faz fronteira com o Pays de Bray (definido por sua geologia, uma botoeira). A situação geológica está resumida no artigo *da Wikipedia* dedicado à área:

> *"O Pays de Caux é um vasto platô sedimentar com uma superfície suavemente ondulada. Ele se eleva suavemente em direção ao leste, de uma altitude de 100 a 180 metros. Termina no mais belo grupo de penhascos altos da França, atingindo uma altura de 110 metros em Cap Fagnet, em Fécamp. São verdadeiras paredes verticais de giz e sílex*.

Com fronteiras com o mar e situado em altitude, o Pays de Caux está sujeito a ventos fortes e regulares. Acima do giz e do sílex, há uma espessa camada de lodo, o que torna essa região uma das mais férteis da França. Para completar o quadro dos elementos naturais, a água está regularmente presente na forma de chuvas abundantes. Mas ela não permanece na superfície e penetra rapidamente no solo (água verde) para alcançar o lençol freático muito profundo, tornando o platô um lugar surpreendentemente árido, sem rios ou lagoas (água azul). No entanto, o Pays de Caux é pontilhado por vários pequenos vales no fundo dos quais correm rios e onde estão localizadas as principais cidades mercantis.

Vivendo no platô

Como o povo de Cauchois historicamente passou a viver nesse platô?

Primeiro, eles limparam a terra para recuperá-la da floresta e cultivá-la. Tanto que, hoje, **o Pays de Caux parece ser um *campo aberto***. No entanto, há dois tipos de árvores. **O primeiro**, mais ou menos natural, é a floresta preservada e mantida nas terras menos cultiváveis, especialmente nas encostas dos vales. **O segundo**, que é totalmente artificial, é o nosso famoso *"clos-masures". No* verão, quando as árvores estão cheias de folhas, as fazendas da região de Cauchoises assumem a aparência de um pequeno bosque. Na realidade, trata-se de uma plantação bastante densa de árvores que circunda a fazenda e define o *pátio* no qual os edifícios estão agrupados e espalhados. Essas árvores são plantadas no topo de um aterro de dois metros de altura que, como um muro de terra, rodeia e encerra a fazenda e lhe dá parte de seu nome.

[3] Essa definição dupla enfatiza o fato de que a unidade dos *países*, uma entidade eminentemente cultural, foi historicamente baseada em homogeneidades geográficas. Assim, a cultura tinha a natureza como sua base (ou infraestrutura, como diríamos na linguagem marxista).

Paisagem da *planície de* Pays de Caux (foto CAUE 76)

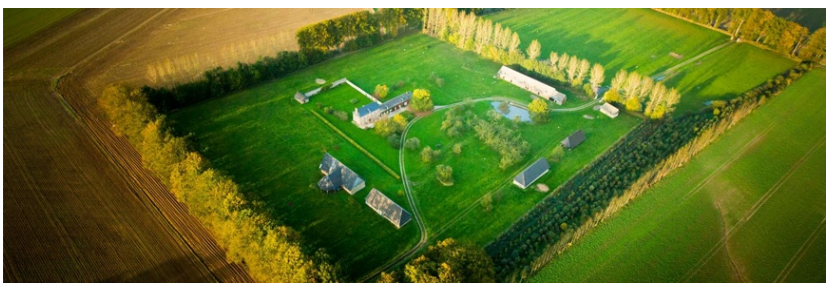
Clima

Esse aterro plantado cumpre várias funções, duas das quais dizem respeito especialmente ao clima: criar um microclima dentro da casa da fazenda e gerenciar a água que escorre da superfície durante tempestades fortes, quando o solo fica temporariamente encharcado. Em detalhes.

A altura e a densidade das **árvores** no aterro criam uma cerca-viva cujo efeito é sentido por quinze a vinte vezes a altura das árvores, ou seja, por cerca de 450 metros. No inverno, as temperaturas dentro da cerca são mais amenas e, no verão, a sombra e a velocidade reduzida do vento mantêm uma umidade refrescante. Esse microclima possibilita o pastoreio de parte do rebanho no pátio, o cultivo de macieiras que, de outra forma, seriam levadas pelo vento e a proteção dos telhados dos edifícios, que historicamente eram de palha. O aterro plantado, que é artificial e plantado, é, portanto, a base para diferenciar as práticas agrícolas entre a *planície*, onde os cereais são cultivados, e o pátio, onde o gado é criado e as pessoas vivem.

A parte inferior do sistema, **os diques**, também funciona como uma barreira para o escoamento da água. Historicamente, eles foram usados para criar lagos preciosos no pátio, que eram úteis para os animais, para fazer cidra, que era usada como bebida diária na ausência de água potável, e para combater incêndios. No entanto, os aterros também desempenham um papel em nível coletivo, na escala do platô, pois ajudam a evitar deslizamentos de terra nos vales e a erosão do solo agrícola.

Um jardim murado visto de fora, a partir da *planície* (foto Département 76)



O *pátio*, o interior de um jardim murado (foto Département 76)

Biodiversidade

Outra função da encosta plantada é a de um **nicho ecológico**. Ao contrário das cercas vivas do arvoredo, elas não são contínuas, já que as cercas vivas são desarticuladas na planície. No entanto, elas funcionam como degraus japoneses [4] , permitindo que as espécies atravessem o espaço aberto da planície.

Essa pergunta está relacionada ao interesse que a agroecologia tem nas cercas vivas em geral, como habitat para a *fauna auxiliar* selvagem (insetos, pássaros, répteis), útil para as culturas em práticas que dispensam produtos "fitossanitários" sintéticos (agricultura vernacular histórica, agricultura orgânica atual).

De um ponto de vista mais doméstico, e em conexão com a questão climática, o aterro oferece uma proteção útil para as vacas e os animais de criação dentro do recinto, um tipo de vida selvagem que agora está desaparecendo totalmente das fazendas de produção especializadas.

Recursos

Historicamente, não havia abundância de pedra para construir nesse platô, nem uma floresta de coníferas de troncos retos, mas sim árvores decíduas com troncos bastante irregulares e nodosos que haviam sido desmatados; argila e pederneira extraídas do solo porque eram contraproducentes para a agricultura [5] ; e palha de plantações de cereais - em outras palavras, todos os ingredientes necessários para construir casas de enxaimel preenchidas com sabugo, com base de alvenaria e telhado de palha.

Antes da chegada da água potável, as macieiras plantadas no pátio do clos-masure forneciam a bebida diária (uma cidra com muito menos álcool do que a atual). Os lagos, criados artificialmente em pontos baixos, eram os únicos reservatórios de água.

Quanto às árvores no aterro, seus troncos podiam ser usados para substituir uma estrutura defeituosa, e seus galhos, podados regularmente, forneciam a lenha necessária.

Um aterro plantado visto da planície

[4] *Os degraus japoneses* referem-se às lajes de pedra, pontuais e desarticuladas, dispostas na grama e sobre as quais se caminha sem sujar os pés.

[5] A argila pura (sem silte) é impermeável e não é muito fértil. Ela é usada para revestir o fundo de lagos e torná-los impermeáveis ou para a construção de terra crua. O sílex também presente no solo é extraído durante a lavoura e usado na construção. Em outros lugares da França, a grande quantidade de pedras extraídas do solo pela aragem explica a construção de muros baixos ao redor das bordas dos lotes agrícolas.

Qual é a situação atual?

Antes de abordar a questão contemporânea, gostaria de dizer algumas palavras sobre as mudanças que ocorreram nas casas de fazenda no século XIX. Nesse período, houve grandes mudanças técnicas e, em geral, pequenas mudanças arquitetônicas.

Na agronomia, **a primeira revolução agrícola, conhecida como revolução *da forragem***, ou seja, a substituição de terras em pousio por trevos comestíveis pelo gado, levou a um aumento na produtividade agrícola, à substituição da criação de ovelhas pela criação de vacas e à conversão de parte da planície em pastagens para o gado.

No mundo dos materiais de construção, **a ferrovia possibilitou a** substituição da palha por telhados de ardósia e da meia madeira por tijolos de carvão. A água podia então ser coletada em cisternas, reduzindo o papel das lagoas.

Mas, de modo geral, a configuração do pátio e da planície permaneceu a mesma. Os edifícios permaneceram mais ou menos do mesmo tamanho (limitados pela extensão das estruturas de madeira). Os currais de ovelhas foram substituídos por estábulos. E, no final, em vez de colocar em risco a paisagem, essas mudanças reforçaram as pastagens próximas como um modo de vida no Pays de Caux, especialmente com o plantio de grandes bosques de faias nas encostas.

As maiores reviravoltas ocorreram a partir de 1945 e, principalmente, em 1960, com a **segunda revolução agrícola,** a da *mecanização* e da *quimificação dos* insumos (fertilizantes, pesticidas). Essas mudanças, aliadas à energia barata, fizeram com que as pastagens fechadas perdessem sua razão de ser. A começar por seus aterros plantados:

- O carvão, depois o petróleo e o gás, substituíram a madeira para aquecimento. O aterro perdeu sua função de recurso.
- Os grandes estábulos conhecidos como *stabulations libres* foram substituídos por estábulos escuros e estreitos. Como a maior parte da alimentação do rebanho vem de edifícios e silos de milho, é cada vez menos provável que as vacas fiquem no pátio. O aterro perdeu sua função de proteger o rebanho.
- A chegada da rede de água potável, juntamente com as campanhas de arrancamento das macieiras para combater o alcoolismo, fez com que o aterro perdesse sua função de proteger o pomar.
- As chapas de aço ou fibrocimento (anteriormente amianto) que compõem o telhado e o revestimento dos grandes hangares atuais são facilmente protegidas do vento: tudo o que você precisa fazer é multiplicar o número de fixações por chapa, o que é difícil de fazer com ardósia e ainda mais difícil de fazer com palha.
- Por fim, o alargamento das estradas para permitir a passagem de máquinas agrícolas cada vez maiores e o aumento dos raios de giro dos reboques contribuíram ativamente para o arrasamento de alguns dos aterros.

Diante dessa situação, é tentador simplesmente reconhecer a obsolescência das clos-masures e não sentir pena de um folclore em extinção com conotações potencialmente reacionárias.

Exceto que...

Alguns dos agricultores que conhecemos durante nosso trabalho de campo, que são próximos ou até mesmo ativos na Confédération paysanne (fundada em 1987), têm uma visão diferente da história da modernização agrícola e da crise ecológica. Embora afirmem uma visão progressista e ecológica da agricultura (especialmente em solidariedade aos agricultores de países do Sul global, ao contrário, por exemplo, do terceiro sindicato relacionado à extrema direita, a Coordination rurale), esses agricultores têm **uma visão crítica do modelo agrícola capitalista dominante**.

Em vez de tomar a questão pelos chifres teóricos, vamos dar uma olhada em algumas das práticas encontradas hoje entre esses agricultores de novo tipo (no sentido de que eles afirmam ser agricultores no mundo do século XXI, sem nenhuma recaída baseada em identidade).

Defendendo a madeira no aterro

> *"O que fazemos com árvores e cercas vivas? Nossos ancestrais sabiam como fazer as coisas muito bem. Eles não desperdiçavam nada. Desde a parte nobre da árvore até a ponta. Eles usavam os galhos para fazer vassouras, feixes e caldeirões. Ferver a panela significa se aquecer e lavar suas roupas com ela. Ainda não cheguei ao ponto de pedir à minha esposa que lave minhas roupas novamente na chaleira. Mas, no final, foi só isso. Nada foi perdido.*
>
> *Em um determinado momento, a fada da eletricidade chegou, a fada nuclear, um botão, tudo isso, era simples. Nós abraçamos o modernismo. Sou totalmente a favor do modernismo. Mas e todos esses usos que desapareceram? E, como resultado, desistimos, porque não havia mais como reavaliar a maioria dessas coisas, essa biomassa que nunca para de crescer. E eu sou um agricultor, sou um produtor. Costumo dizer aos alunos e aos agricultores: "Vocês são produtores de carbono, de biomassa, de qualquer tipo. E quando olho ao meu redor, vejo biomassa em toda parte, vejo energia em toda parte. Vejo-a na beira da estrada porque foi abandonada. Sou capaz de calcular os litros de combustível perdidos nesse pequeno jogo e a substituição que ele poderia gerar.*
>
> *Nosso trabalho como agricultores é simplesmente cultivar a natureza e incentivá-la a se expressar ainda mais."*
>
> Philippe Dilard, agricultor orgânico, fundador do Cuma Haies'nergie et territoire

Convencido dos benefícios ecológicos e paisagísticos das árvores e das cercas vivas, Philippe Dilard, um produtor de leite que também se descreve como "energicultor", criou uma CUMA (cooperativa para o uso de equipamentos agrícolas) para desenvolver um setor de reciclagem da madeira obtida na manutenção das cercas vivas e das margens do clos-masures: lenha transformada em lascas de madeira, inclusive para salas de caldeiras coletivas nas comunas de Neuchâtel-en-Bray e Saint-Saëns, mas também madeira com a aquisição de uma serraria móvel. Graças a essa iniciativa, o aterro recuperou uma de suas funções originais, modernizada para se adequar às ferramentas e condições de trabalho atuais.

Isso está muito longe de uma visão fixa e baseada em identidade do aterro (na qual apenas a faia histórica teria o direito de existir).

Defesa da pecuária leiteira

> *"No que diz respeito à agroecologia e a tudo o que está no cerne do projeto orgânico, o leite tem tudo a ver com a diversidade de sistemas e a aliança entre lavoura e pecuária. Não há como contornar isso. Do ponto de vista agronômico, não teremos nenhuma fertilidade sem a ligação entre os dois. Portanto, é absolutamente essencial manter isso. Portanto, eu não sonharia em abandonar o leite. Todas as pessoas que pensam em agroecologia dizem que é preciso colocar o gado de volta no sistema.*
>
> *(...) Estamos procurando o sistema mais eficiente economicamente possível. E nossa estratégia aqui é a agricultura de baixo insumo: um sistema extensivo, com custos muito baixos, simplificando o sistema até a morte para que você não tenha que passar a vida no trator alimentando, distribuindo ração e fazendo cobertura morta nos prédios. É por isso que as vacas ficam ao ar livre o máximo possível. No momento, minhas vacas ficam do lado de fora, inclusive à noite. Portanto, estamos perdendo na produção de leite, mas temos uma margem, normalmente, que será repassada".*
>
> Mathieu Grenier, agricultor orgânico, porta-voz da Confédération paysanne 76

Para Mathieu Grenier, isso não é negociável: "**Não pode haver agricultura sem pecuária**". A criação de gado em questão é extensiva. Isso significa um tamanho de fazenda razoável ("ideologicamente, não queremos expandir, a menos que seja para estabelecer alguém"). E vacas que saem dos prédios e dão um sentido de propósito ao pasto de pastagem fechada. Mesmo que isso signifique produzir menos.

Defendendo o pomar

> *"Quando criança, eu costumava ver meus avós ainda fazendo frango. Eles eram fazendeiros. Mas, com o passar do tempo, eles desistiram de tudo o que faziam. E só cultivavam cereais. O frango é muito fácil. Você pode encontrá-lo pronto em seu supermercado local. Por que se dar ao*

> *trabalho de depená-lo? Então, na verdade, eles desistiram para ter tempo livre. Eles tinham algum tempo livre.*
>
> *(...) No início, a agricultura orgânica não era muito óbvia. Depois, quando comecei a trabalhar com horticultura de mercado, disse a mim mesmo: "Não vou trabalhar com horticultura de mercado convencional".*
>
> *No ano anterior à minha mudança, conversei com um homem em Jumièges, aposentado, que tinha seus netos em seus pomares. E ele proibiu um de seus netos de comer uma maçã do pomar e a comeu diretamente. Porque ele sabia o que tinha colocado nela. E eu tinha acabado de ter minha filha no ano anterior à minha mudança. Eu disse a mim mesma: "Não, não posso proibir meus filhos de comer algo". E então, tendo estado imerso em grandes fazendas onde tudo é molho [fertilizantes e pesticidas], onde o único interesse é a lucratividade...*
>
> *Os agricultores de hoje não sabem como se alimentar. Amanhã, se houver uma crise, eles não saberão como se alimentar. Meus antigos chefes nem sequer comiam suas batatas. Porque... um retorno justo pelo preço. Achei isso um pouco estranho. Pelo menos você tem que saber comer."*
>
> Ludovic Jourdain, jardineiro de mercado orgânico

O estado de espírito de Ludovic Jourdain é semelhante ao de vários agricultores que querem retomar **o controle da forma como produzem**, começando pela própria alimentação. Isso significa dar um novo significado ao pomar (na forma de macieiras, mas também com outras árvores frutíferas) e ao quintal.

Acomodação de edifícios históricos

Um último exemplo, menos agrícola e mais arquitetônico, é o dos edifícios históricos. A agricultura de produção especializada e seus batalhões de máquinas agrícolas gigantescas não sabem o que fazer com esses edifícios, que são muito pequenos, muito baixos e muito estreitos. A tendência é demoli-los e substituí-los por grandes galpões que, muitas vezes, parecem verrugas na paisagem. No entanto, os prédios antigos podem ser reformados para usos agrícolas contemporâneos, como oficinas de processamento de produtos (fabricação de queijo, manteiga e creme em um laticínio, transformação de trigo em pão em uma padaria) ou para vendas diretas na fazenda. Os modestos recursos disponíveis para os agricultores às vezes significam que eles têm de construir seus próprios edifícios, o que se assemelha mais a uma bricolagem do que a uma obra-prima dos companheiros do Tour de France.

Se levarmos essa lógica à sua conclusão lógica, é o **controle da dívida** que está por trás dela. Os defensores da inovação tecnológica justificarão os meios (galpões e máquinas) pelo fim (aumento da produção), levando a uma espiral de dívidas. Isso foi exatamente o que o Défis ruraux (hoje conhecido como *Civam*, também conhecido como "Câmara de Agricultura da Confederação Camponesa) se recusou a fazer quando aconselhou os fazendeiros a modernizar as instalações de gado nas décadas de 1990 e 2000. Em vez de construir tudo novo, eles procuravam soluções simples que aproveitassem ao máximo o que já existia, para não contrair dívidas descontroladas. Mesmo que isso significasse não ter condições ideais de trabalho.

Antigo porão convertido em uma padaria e caldeira a lenha

Que lições os arquitetos comunistas podem tirar de tudo isso?

Portanto, os agricultores-camponeses contemporâneos (que eu contraponho aos agricultores-capitalistas) valorizam os elementos que compõem a arquitetura vernacular tradicional, não tanto por sua identidade, mas por sua utilidade econômica e ecológica. Eles lamentam a remoção desnecessária de árvores dos aterros e estão criando novas cadeias de valor econômico para elas. Eles defendem a manutenção das qualidades agronômicas do solo por meio de ciclos vivos (criação de gado e, portanto, o prado no pátio do clos-masure) e não de ciclos petroquímicos. Eles se recusam a depender da agroindústria e dos supermercados para obter seus alimentos, por isso plantam pomares e mantêm um curral. Sem torná-los parte do patrimônio, eles dão significado e atualizam os prédios antigos com investimentos bem medidos.

Através de seus olhos e em suas mãos, **a arquitetura vernacular e, em particular, as clos-masure não são desqualificadas no século XXI** se pudermos reconhecer suas virtudes ecológicas e se tentarmos reinventar seus usos e uma economia contemporânea**.**

Tudo isso mostra um quadro diferente da narrativa dominante. Essa foi a lição de Bernard Rudofsky em 1964, quando seu *Architecture sans architecte* trouxe a vernacular à tona para escapar da hegemonia do discurso modernista [6] . Essa também foi a leitura do historiador técnico David Edgerton em seu *What's New?* que desconstruiu a natureza inelutável das trajetórias técnicas para amenizar a narrativa linear usual centrada em algumas inovações e para destacar outras técnicas menos visíveis que escondem "*um potencial considerável de renovação*" [7] .

Conforme proposto por outro historiador da tecnologia, François Jarrige [8] , mas também por um grupo de agricultores, l'Atelier Paysan [9] , tudo isso milita a favor de **colocar as questões técnicas no** centro dos debates (e não nas mãos de especialistas) **como um campo de batalha político**. A luta liderada pela *Soulèvements de la terre* contra as megabacias é um bom exemplo disso. E em vez de ceder ao canto das sereias da *alta tecnologia*, o cavalo de Troia do capitalismo, é uma boa ideia que os arquitetos

---

[6] Bernard Rudofsky, *Architecture without* Architects, éd. du Chêne, 1964 - Veja o artigo na edição 1 da *Longues Marches*

[7] David Edgerton, *What's new? Du rôle des techniques dans l'histoire globale*, ed. du Seuil, 2013

[8] François Jarrige, *Technocritiques, Du refus des machines à la contestation des technosciences*, publicado por La Découverte, 2014

[9] L'Atelier Paysan, *Reprendre la terre aux machines*, ed. du Seuil, 2021

comunistas se familiarizem com esse ambiente sociotécnico vernacular, onde a inovação é tanto técnica quanto social.

Para pensar sobre a crise ecológica e os meios (técnicos) para remediá-la, parece-me útil, seguindo Andreas Malm, defender "*a utilidade dos opostos*" e "*elogiar a polarização*" [10] . Como alimento para o pensamento, vamos apresentar algumas dualidades férteis para serem dialetizadas: tecnologia/social, engenharia/configuração, especialização/polivalência, quantidade/qualidade, desempenho/robustez [11].

•••

[10] Andreas Malm, *Avis de tempête, Nature et culture dans un monde qui se réchauffe*, publicado por La Fabrique, 2023. Consulte, em particular, o capítulo 6 "De l'utilité des contraires: éloge de la polarisation". "A guerra política contra uma classe dominante cada vez mais mortificante exige livros didáticos cheios de dualidades."

[11] Sobre esse último ponto, consulte Olivier Hamant, *Antidote au culte de la performance. La robustesse du vivant*, Coleção Tracts (nº 50), publicada pela Gallimard, 2023

[COISAS VISTAS]

SERGE PEKER: *FAZENDO UM BALANÇO*

Assaut
Filme de **Adilkhan Yerzhanov** (2023)

Assalto de Adilkhan Yerzhanov (2023)**,** é uma **espécie de OVNI** que aterrissou no planeta cinema sem aviso prévio. Digamos que ele vem de muito longe e de uma região fria, para não dizer gelada. Muito longe, em outras palavras, do Cazaquistão, um vasto país sem litoral na Ásia Central que, visto da Europa, parece separado do resto do mundo. Embora filmado no Cazaquistão, a ação se passa em uma região fictícia, uma vastidão de gelo, neve e frio que também parece isolada do mundo.

Além da natureza fictícia da região, qualquer ação dramática é sistematicamente neutralizada pela **comédia situacional**. É assim que os terroristas, vestidos com máscaras grotescas, passam por cima de um cabo colocado no corredor de uma escola de ensino médio, sempre pelas costas do diretor e do zelador, que só têm olhos para esse único cabo e suas consequências para a passagem dos alunos.

O tema da separação mina o filme desde o início. Um professor de matemática está dando uma aula para uma turma de adolescentes. Uma mulher, por algum motivo, pede que ele saia, acenando para ele através da parede de vidro que separa a sala de aula do corredor. Como o homem permaneceu surdo a essa voz, reduzido a falar apenas por sinais, a mulher insistiu e persistiu. Por fim, o professor deixou a sala de aula.

Segue-se uma cena de separação violenta em que a mulher, que acaba sendo sua esposa, pede que ele pegue de volta seu filho, que está na sala de aula. O homem não apenas se recusa, mas a ameaça com a polícia. A mulher deixa a escola sem entregar a guarda do filho. Precisando recuperar a calma, o professor deixou os alunos e a classe, mas não sem trancar a porta. Quando saiu para fumar um cigarro, soube que a escola havia sido tomada por terroristas, mas felizmente os alunos haviam sido evacuados.

Passa-se um certo tempo até que o professor admita que seus alunos estão trancados na sala de aula por causa dele. Os alunos são tomados como reféns sem que os terroristas façam qualquer exigência,

cujas ações parecem não ter qualquer propósito. **O humor, a discrepância e a falta de propósito** desarmam sistematicamente a narrativa da ação.

Como já dissemos, a escola está completamente isolada do mundo exterior e o exército não pode chegar por pelo menos três dias, deixando apenas a equipe da escola e o policial local para tentar um ataque. Enquanto os homens colocam a responsabilidade de libertar os alunos apenas nos ombros do policial, a esposa do professor afirma que participará do ataque para libertar seu filho. Sua intervenção força os homens a segui-la. Veremos mais tarde que seu papel continuará a ser tão essencial quanto decisivo. O grupo de assalto era formado por sete homens e uma mulher. Eles vão pedir ajuda aos trabalhadores locais em um local de petróleo, mas seu líder recusa o apoio sob o pretexto de que não é o trabalho deles. Assim, o pequeno grupo de assalto não tem ninguém com quem contar, a não ser ele mesmo.

A essência do filme está nos preparativos para o ataque. O ataque de fato é limitado a uma cena final muito breve. Essa preparação se depara imediatamente com o obstáculo primordial de que todos, com exceção da mulher, estão separados dos outros por **uma constituição de identidade que gera desprezo**. "Não suporto *meu parceiro e não quero ficar com ele*", diz um dos integrantes do grupo enquanto formam uma coluna bem apertada.

A inteligência de *Assalto* está em sua **trajetória inversa**. O ataque não se trata tanto de invadir a escola, mas sim de invadir os egos narcisistas que separam cada um deles. Em uma cena que é tão dramática quanto pastelão, o filme se propõe a nos mostrar o mundo no qual todas essas separações de identidade se cristalizam. Para se preparar, o grupo desenha um mapa exato da escola na neve. Usando esse plano, eles examinam todas as possibilidades de invadir a escola. Essa **pura virtualidade de possibilidades lógicas**, em que cada pessoa dá sua opinião, é bastante comparável ao que se vê em uma tela de computador.

Mas esse aspecto puramente virtual das possibilidades, possíveis portas e passagens, só leva à morte certa. A comédia vem do fato de que os homens se deparam com uma linha desenhada na neve com a impressão real de esbarrar em uma porta ou parede real e enfrentar a morte certa. A morte está, portanto, inscrita no aparato lógico dessa montagem virtual, assim como está inscrita na lógica puramente digital das várias máquinas do nosso mundo que colocam o pensamento em um beco sem saída.

Outra situação palhaça é vê-los se cobrindo com peles de ovelha enquanto rastejam de quatro para evitar serem notados. Somente a mulher encontra a solução. A ideia não é usar as várias passagens e entradas virtualmente indicadas pela planta desenhada na neve, mas pensar em uma saída pelo lado de fora da escola. A ideia é atirar em um terrorista quando ele passar em frente à porta de vidro que dá acesso à escola. Atirar nele abrirá uma passagem e garantirá o ataque. Mas a mira tem que ser certeira! E somente uma mulher pode fazer isso. É preciso dizer que ela já acertou em cheio ao mirar em uma ideia que está fora das possibilidades virtuais estruturalmente projetadas.

Depois de ter tido a ideia, agora precisamos encontrar uma **maneira de todos unirem forças com os outros**. Portanto, o grupo precisa fazer um balanço. O balanço consistirá, então, em destruir os egos que separam cada um de nós dos outros. Para fazer isso, cada um de nós dará testemunho, para nós mesmos e para os outros, do que está oculto e encoberto pela maneira como nos representamos. Isso é feito por meio da *expressão*: "*É verdade, não tenho sido nada além de um covarde, é verdade, não sou nada além de um alcoólatra, é verdade, sou irresponsável, ou é verdade, não sou nada além de um mentiroso...*". Mas o que é verdade não é tanto o que é dito, mas o que é dito. Em última análise, não importa

o que é dito, o que é **verdadeiro é o que é dito para si mesmo e sobre si mesmo**. Mesmo uma voz muda ainda pode falar em sinais: como a esposa do professor separada do marido pela parede de vidro da sala de aula.

O grupo só pode atingir seu alvo se cada pessoa for capaz de mirar em si mesma por meio do elemento de uma palavra que seja capaz de penetrá-la para abri-la à presença autêntica de um significado que está ausente, mas que ainda está por vir. É então que **todos se tornam iguais a todos os outros**. Por meio dessa igualdade, o grupo pode finalmente encontrar uma unidade que, por si só, poderia permitir que ele tomasse os terroristas de assalto. O agressor só pode atingir seu objetivo olhando para dentro, não para seu ponto de partida, mas para uma fonte desconhecida. Essa é a lógica oposta à das funções lineares, que sempre vão de A para B e depois de B para C... sem looping.

Dessa forma, Yerzhanov nos apresenta a um tipo de matemática diferente daquela que o infeliz professor certamente estava ensinando. Ao mesmo tempo, **essa matemática desenha um espaço** diferente daquele representado na neve pela planta da escola. Um espaço que é ainda mais diferente porque não pode ser representado. Portanto, o grupo teve que encontrar o ponto para encontrar sua unidade. Mas o ponto também é o sujeito que passa e se move para o lado do aberto, apenas para desaparecer no repositório de declarações: é verdade, eu sou apenas um covarde...

O ataque será uma vitória. Essa é a lógica das coisas, ou mais exatamente a lógica estabelecida pela ideia visada pela esposa do professor. Ele deixa a criança com sua mãe. O exército, que, ao contrário da clássica investida da cavalaria, só chegará quando tudo estiver terminado, ensinará aos atacantes que, sejam quais forem as condições, a lei proíbe que civis matem. O comandante do batalhão então lhes dá a opção entre a prisão e a desistência da vitória. É como uma **demonstração, por meio do absurdo, da inconsistência da lei quando ela se esquece de que é condicionada pela realidade**.

Através da janela que separa o ônibus que leva a mãe e o filho, o menino coloca em seu rosto uma das máscaras fantasmagóricas usadas pelos assaltantes. Dolorosa e cruel, a separação cai como uma cerca inevitável que limita a solidão assombrada por essa figura final do filho. Tudo o que resta ao pai é a possibilidade de se voltar contra si mesmo para um novo ataque, abrindo a porta para um discurso no qual o filho se torna a única testemunha fantasmagórica. O ciclo permanece aberto enquanto o círculo se **completa**.

•••

[ESTUDOS]

Alain RALLET: *ANATOMIA DA QUESTÃO CAMPONESA HOJE*

A questão camponesa é um dos grandes clássicos da revolução comunista. Mas ela sempre esteve no meio do fogo cruzado entre sua importância política estratégica e o fato de ter sido ignorada pelo capitalismo.

A da sua **importância política**, porque era necessário reconhecer o significado revolucionário de certas revoltas camponesas (Engels, Guerras Camponesas, 1850) e a necessidade de uma aliança entre trabalhadores e camponeses para estruturar o campo popular na conquista do poder. Sabemos que a construção dessa aliança teve destinos políticos muito diferentes, desde ser sacrificada no altar da industrialização na União Soviética no final da década de 1920 (Robert Linhart, *Lénine, les paysans et Taylor*, 1976, Seuil) até a base política e territorial da longa revolução democrática da China (1927-1949).

A de sua **eliminação gradual** pelo capitalismo porque, ao penetrar na agricultura como em outros setores, o capitalismo estabelece o reinado das grandes fazendas, industrializa a produção e tende a eliminar os camponeses pobres, que são a camada do campesinato com probabilidade de formar uma aliança revolucionária com os trabalhadores. Emergindo da subjugação feudal e destinados à extinção pelo capital na Grande Galeria da Evolução Histórica, os camponeses têm um ser de classe fugaz. É por isso que eles sempre foram vítimas de suspeitas e dúvidas sobre sua capacidade política. Alessandro Russo mostra que a questão da capacidade política dos camponeses estava no centro da controvérsia que desencadeou a Revolução Cultural.

Qual é a situação atual?

A questão é colocada de forma diferente nos países capitalistas desenvolvidos e nos países em desenvolvimento (Índia, Brasil, África, China, etc.). A eliminação dos camponeses pobres e de renda média está longe de ser uma conclusão precipitada nos últimos países e, portanto, em escala global. Ela assume formas específicas de um país para outro.

Nos países capitalistas desenvolvidos

Nos países capitalistas desenvolvidos, a eliminação dos camponeses pobres e até mesmo médios está bem avançada, para não dizer irreversível.

Na Europa, a transformação capitalista da agricultura começou em 1962 com a introdução da Política Agrícola Comum (PAC), que subordinou a produção aos mercados agrícolas. Ela se acelerou com o Plano Mansholt (1968), que visava explicitamente eliminar uma grande proporção de agricultores para reduzir os excedentes gerados pelo produtivismo da PAC. Na França, a modernização capitalista foi implementada pelas leis Pisani a partir do início da década de 1960, com a colaboração dos sindicatos agrícolas.

As mudanças foram brutais e radicais. Até então, sob a égide da Terceira República, a burguesia havia selado um pacto com o campesinato centrado na pequena propriedade que garantia um vínculo ancestral com a terra, a natureza familiar da fazenda (com poucos ou nenhum trabalhador) transmitida de geração em geração e a produção limitada e não especializada (agricultura e pecuária mistas) usada para o consumo familiar e para abastecer uma área de mercado local, com a aldeia como seu horizonte cultural. Isso é o que tem sido chamado de "civilização camponesa", com os agricultores sendo definidos e percebidos como "camponeses", portadores não apenas de um modo de produção, mas também dos valores ideológicos associados a ele (apego à terra e à natureza, foco na família, trabalho árduo pontuado pelas estações, baixo nível de equipamento, horizonte social limitado etc.).

A "revolução agrícola" da década de 1960: uma ruptura com a "civilização camponesa

A revolução agrícola que começou na década de 1960 destruiu essa civilização milenar e provocou o "Fim dos Camponeses" (Henri Mendras, *La Fin des Paysans*, Seuil, 1967). Isso foi feito com aparente continuidade, pois preservou o modelo da fazenda familiar. O tamanho médio das fazendas certamente aumentou, mas as grandes fazendas não se tornaram dominantes. A produção continuou a ser principalmente o trabalho do casal, às vezes com a ajuda de um trabalhador rural. Mas a modernização capitalista transformou completamente a estrutura de produção familiar, tornando-a subserviente aos mercados a jusante, aos fornecedores de insumos a montante (sementes, fertilizantes, pesticidas etc.) e aos fabricantes de máquinas agrícolas por meio da mecanização da produção.

Formalmente independente, **a fazenda** se viu envolvida em um vício de relações comerciais sob o domínio da indústria agroalimentar (substituição da produção local pelos mercados internacionais e europeus para alimentar a população e os animais de criação), da indústria química e da indústria de máquinas agrícolas, às quais devemos acrescentar o domínio dos bancos sobre os agricultores para financiar o aumento de capital exigido por essa transformação.

Essas relações, que circundam a fazenda, são todas meios de extrair o excedente criado pelo trabalho dos agricultores (o excesso do valor de sua produção em relação ao seu consumo). Eles ditam o que devem produzir de acordo com os sinais de preço enviados pelos mercados e sob quais condições de lucratividade, que é o que os bancos que os financiam cuidam. Sua independência empresarial, porque não são mais chamados de "fazendeiros", mas de "fazendeiros-empresários", é uma ilusão. Na verdade, ela deixou de iludi-los, dada sua óbvia e forte subordinação ao setor de alimentos, aos supermercados e aos bancos. Uma das características dos movimentos recentes de agricultores é que eles se voltam não apenas contra o espantalho do Estado, mas também contra o setor agroalimentar (na medida em que não estejam envolvidos por meio de cooperativas ou ações no capital desse setor), supermercados ou bancos.

Os "Paysans Travailleurs" (PT) no centro do novo modelo agrícola

O aumento da produtividade da mão de obra foi o principal objetivo dessa transformação. Em uma época em que a produtividade era muito baixa e penava para alimentar a população, a produtividade da mão de obra na agricultura foi impulsionada pelo uso de produtos fitossanitários, pela seleção de sementes e espécies, pela especialização geográfica da produção e das regiões, e foi multiplicada por dez com a mecanização, a ponto de permitir o atendimento de vastos mercados com uma força de trabalho muito reduzida.

Na década de 1970, houve um debate sobre a natureza de classe dessa transformação. Os "camponeses" não se tornaram "camponeses-trabalhadores", como os trabalhadores de fábrica, devido à extorsão do trabalho excedente por outros meios que não a relação salarial (Amédée Mollard, *Paysans exploités. Essai sur la question paysanne*, PUG, 1977)? Bernard Lambert, um líder sindical agrícola do movimento socialista católico da Bretanha, usou essa bandeira para desenvolver o **movimento Paysans Travailleurs após maio de 1968** (*Les Paysans dans la lutte des classes*, 1970, Seuil). Seu objetivo era romper com o corporativismo do sindicalismo agrícola, alcançando os jovens e os trabalhadores. Durante algum tempo, ele renovou o movimento sindical agrícola ao apontar a natureza agora capitalista das relações de produção na agricultura e ao se envolver nas causas do movimento de Lipp e Larzac, mas não conseguiu tirar os Paysans-Travailleurs de sua ganga sindical, por exemplo, desenvolvendo uma aliança política com os trabalhadores da indústria agroalimentar, que eram muito numerosos na Bretanha. O movimento Paysans Travailleurs permaneceu, de fato, um movimento sindical, sem nenhuma inovação política real, mas abriu caminho, alguns anos depois, para a criação da atual Confédération Paysanne, que defende uma forma de agricultura alternativa à agricultura industrial.

A dualidade ambígua dos "Paysans Travailleurs Entrepreneurs" (PTE)

Para voltar à natureza das relações de produção nessa agricultura penetrada pelo capitalismo, vamos enfatizar sua ambiguidade, que decorre do fato de que ela assume dois aspectos diferentes. Por um lado, há, sem dúvida, um fenômeno de exploração no sentido da extorsão do trabalho excedente (excesso do valor criado pelo trabalho do agricultor em relação à sua remuneração). Como no caso dos

trabalhadores assalariados, esse trabalho excedente é obtido por meio da extensão da semana de trabalho (que, diferentemente da dos trabalhadores assalariados, não é limitada pelo Código do Trabalho e muitas vezes fica em torno de 70 horas) e do aumento da produtividade do trabalho, que é equivalente às mais-valias absolutas e relativas de Marx.

Continuemos com a analogia: a extorsão do trabalho excedente é possibilitada pela **perda de controle do agricultor sobre seu processo de trabalho.** Ele perdeu o controle sobre o que produz, que é ditado pelo "mercado" [1] , sobre como produz (organização do trabalho, uso de insumos químicos e maquinário imposto pelos padrões de produtividade), para quem vende e a que preço. Tudo o que resta a ele é ser um trabalhador, um "camponês trabalhador".

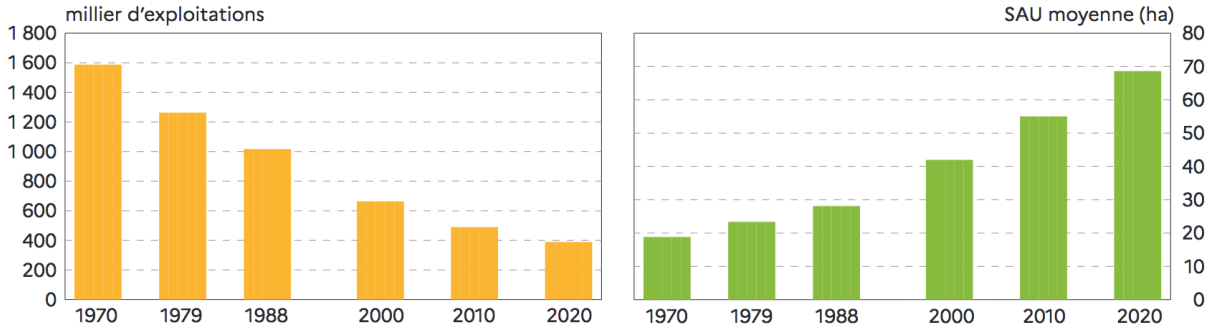
No entanto, diferentemente dos funcionários, eles adiantam capital. Eles precisam levantá-lo com seus próprios recursos (principalmente de herança familiar) e com empréstimos bancários. Eles o utilizam para adquirir ou ampliar as terras de suas fazendas, comprar insumos e maquinário (que podem ser agrupados por meio de cooperativas), lidar com os caprichos do clima e, às vezes, investir em canais de distribuição por meio de cooperativas de produtores. Se ele não emprega um trabalhador assalariado (o que geralmente é o caso), ele não explora ninguém, exceto, historicamente, sua esposa, cujo trabalho não era legalmente reconhecido [2] . No entanto, ele precisa adiantar capital, usá-lo em um processo de produção e vendê-lo no mercado. Portanto, ele está envolvido em uma lógica de aumento de capital e, como todos os capitalistas, em uma lógica de acumulação de capital, porque a concorrência que o coloca contra outros produtores o força a expandir sua fazenda, mecanizar mais sua atividade, especializar sua produção e encontrar novos mercados.

Para que haja acumulação, é óbvio que todo o trabalho excedente criado pelo ETP não deve ser apropriado por banqueiros, industriais agroalimentares e distribuidores, de modo que uma margem de lucro permaneça. Mas como os agricultores não têm controle sobre as relações de mercado, a única maneira de obter lucro para investir é limitar sua remuneração e piorar suas condições de trabalho e de vida. O "Empresário Trabalhador Camponês" (PTE) só sobrevive como capitalista ao se auto-explorar como trabalhador. Essa separação internalizada do PTE explica o alto número de suicídios entre os agricultores (mais de 2 por dia, de acordo com a Mutualité Agricole, especialmente entre os agricultores pobres). O ditado dos agricultores "***viver pobre para morrer rico***" resume a situação do PTE.

Aumento da heterogeneidade entre os agricultores como resultado da revolução agrícola

Como resultado do salto na produtividade, o número de fazendas caiu drasticamente (de 1.600.000 em 1970 para 380.000 atualmente), assim como o número de empregos. Em 1970, havia 2,4 milhões de empregos na agricultura (incluindo 2,0 milhões de agricultores e 400.000 funcionários), ou 11,4% do total de empregos, em comparação com os atuais 619.000 (273.000 funcionários e 346.000 agricultores), ou 2% do total de empregos.

Mudança no número de fazendas e sua área de superfície média na França continental



[1] O "mercado" não é o imaginado encontro livre de oferta e demanda, mas uma construção institucional dos Estados (os mercados agrícolas europeus com a PAC) ou das principais bolsas mundiais de produtos agrícolas (a *Chicago Board of Trade* para o trigo, a *New York Mercantile Exchange* para o algodão etc.).

[2] Na França, foi preciso esperar até 1980 para que as mulheres adquirissem o status de "cooperadora", ou seja, obtivessem o direito de administrar a fazenda, além do reconhecimento de sua participação no trabalho agrícola.

Mas a revolução agrícola aumentou consideravelmente a heterogeneidade do ambiente agrícola, sob o aparente domínio da fazenda média (atualmente com 69 ha). Sempre houve fazendas grandes, médias e pequenas, mas essas diferenças se deviam à história da propriedade da terra nas regiões e à natureza das culturas cultivadas. Endogenamente, o capitalismo agrícola está agora impulsionando a concentração da produção em grandes fazendas.

Tamanho da fazenda (França, 2020)

Tamanho da fazenda	número	%
Micro < 14 ha	100.000	26,3
Pequena entre 15 ha e 50 ha	100.000	26,3
Médio porte entre 50 ha e 140 ha	100.000	26,3
Agricultura em larga escala > 140 ha	80.000	21
TOTAL	380.000	100

As grandes fazendas respondem por 40% das terras agrícolas e 46% dos empregos. Essas são as únicas fazendas cujo número está aumentando. Essa diferenciação se reflete na renda obtida com a agricultura [3] . Há uma proporção de 1 para 10 entre a renda dos 10% mais mal pagos (€ 15.000/ano) e a dos 10% mais bem pagos (€ 150.000/ano). A mesma ordem de grandeza é encontrada entre os tipos de criação (é melhor criar porcos do que gado para carne) ou tipos de cultura (é melhor ser viticultor ou produtor de cereais do que criador de gado).

Nessa corrida para acumular mais e mais, **a corrida para a retaguarda é** como as passagens de montanha do Tour de France. Metade de todos os agricultores se aposentará até 2030, e 2/3 não têm sucessores designados. Restará apenas 1% em 2030 (Bertrand Hervieu, *Une France sans agriculteurs*; Presses des Sciences Po, 2022). A transformação capitalista da agricultura ainda não terminou. Uma segunda revolução está em andamento.

Rumo a uma segunda revolução agrícola

A industrialização da agricultura está em processo de romper o bloqueio ideológico e político da fazenda familiar. O modelo do camponês foi atacado pelas bordas a montante e a jusante, sobrevivendo na forma ilusória de autovalorização do capital por meio do trabalho familiar árduo. Esse modelo foi marginalizado pela extensão da industrialização capitalista da agricultura para os mercados domésticos (alimentos para a população e gado), que há muito tempo eram protegidos da concorrência nos mercados mundiais por regras protecionistas (Índia, Brasil, Europa, etc.) e/ou preços garantidos para os agricultores (Europa, Índia). Esse é o principal motivo dos recentes movimentos camponeses em todo o mundo.

As garantias que asseguravam a sustentabilidade do modelo de agricultura familiar estão sendo destruídas sob a pressão da crescente internacionalização dos mercados. **Na Índia, no Brasil e na África**, a agricultura tradicional está sendo duramente atingida pela concorrência globalizada por produtos agrícolas, ameaçando as camadas mais pobres da população que costumavam obter seus suprimentos por meio de canais não comerciais da agricultura de subsistência local. Os modelos alimentares também estão sendo transformados, escravizados pelos produtos dos agronegócios multinacionais.

Na Europa, a transição começou em 1992 com o fim dos preços garantidos para os agricultores (eles tinham a garantia de um preço mínimo se não conseguissem vender seus produtos no mercado). Desde então, os subsídios têm sido concedidos de acordo com a área cultivada, o que favorece as grandes fazendas.

As fazendas familiares estão sendo marginalizadas pela **concentração da propriedade da terra**. A propriedade familiar não é mais transmitida da mesma forma que no passado, porque os sucessores não têm os meios para comprar e expandir a fazenda para adequá-la aos novos padrões competitivos, ou

[3] Em média, essa renda representa apenas um terço da renda familiar agrícola: 20% provêm da renda da propriedade e o restante (pouco mais de 45%) dos salários dos cônjuges.

não desejam mais viver com o estresse dos PTE. Portanto, a terra é vendida na sucessão. Como o capital necessário está fora do alcance dos jovens que desejam abrir um negócio, as terras estão sendo cada vez mais compradas por investidores que não necessariamente pertencem ao mundo agrícola. Eles o fazem na forma de empresas não comerciais ou sociedades limitadas [4] . Isso está acontecendo muito rapidamente [5] . As empresas com capital aberto a investidores não agrícolas agora cultivam 15% da área agrícola utilizada na França.

Um modelo capitalista para a organização da atividade agrícola

A transformação de fazendas familiares em empresas não se limita à propriedade da terra. Ela também está afetando a produção, com o desenvolvimento de empresas de obras agrícolas às quais são delegadas todas ou parte das tarefas de produção. Assim, **o uso de subcontratados de produção se** multiplicou, inclusive em fazendas de médio porte. Enquanto o número de agricultores autônomos está diminuindo rapidamente, o número de empregados assalariados e trabalhadores temporários que trabalham para empreiteiras agrícolas aumentou (+23% entre 2000 e 2016). Metade das 730.000 pessoas (assalariadas e não assalariadas) que trabalham na agricultura não pertence a fazendas.

A "societarização" da agricultura também está se espalhando para as empresas de serviços técnicos e para a comercialização de produtos agrícolas. Como resultado, no lugar de um modelo agrícola tradicional (o da fazenda familiar) em que o agricultor era dono da terra, realizava a produção diretamente como parte de um processo de trabalho conjugal e tentava agregar valor aos seus produtos no mercado, está se desenvolvendo um modelo semelhante ao capital industrial, em que os investidores de capital são proprietários do negócio e decidem a direção da produção de acordo com o retorno financeiro esperado. A produção agrícola e seu gerenciamento são confiados a uma empresa operacional que subcontrata determinadas tarefas de produção, enquanto os serviços técnicos e o marketing são delegados a empresas especializadas.

Como tudo isso se encaixa? Por um lado, por meio de holdings com ações nos vários tipos de empresas e, por outro, por meio do controle da terra pelas empresas financeiras que a compraram. Controlar a terra significa poder decidir qual produção garantirá a lucratividade do capital nos mercados mundiais. Podemos esperar que os gigantes do setor agroalimentar, e até mesmo os supermercados, assumam o controle dessas empresas e as integrem em suas cadeias de valor. A agricultura está se tornando um setor capitalista sob a égide do setor agroalimentar.

Alta produtividade da mão de obra, poucos trabalhadores agrícolas, problema de rentabilidade do capital

O objetivo da atual revolução agrícola é aumentar a produtividade do trabalho a fim de tornar os produtos agrícolas competitivos nos mercados globalizados. Daí a implosão do modelo de produção anterior, a concentração da propriedade da terra e a industrialização dos métodos de produção. O resultado é um pequeno número de trabalhadores rurais que não tem relação com o crescimento da produção. Os ganhos de produtividade se devem não apenas aos instrumentos da revolução anterior (mecanização, fertilizantes, pesticidas etc.), mas também à reorganização capitalista de todo o setor agrícola.

Entretanto, a produtividade agora tende a estagnar, criando uma forte pressão sobre a lucratividade do capital e acelerando a eliminação dos agricultores mais vulneráveis. A **estagnação da produtividade** pode ser explicada pela intensificação da produção com uso intensivo de capital provocada pela revolução agrícola anterior. Por um lado, a mecanização e a quimificação da agricultura devastaram os ecossistemas agrícolas e aceleraram os riscos climáticos. Por outro lado, a intensificação aumentou o peso do capital fixo (terra, maquinário, insumos) em relação à mão de obra que cria valor sozinha, diminuindo assim a taxa de lucro. Essa é uma ilustração da explicação marxista da queda da taxa de

[4] Cf. Terre de Liens, *La Propriété des Terres en France*, 2023

https://ressources.terredeliens.org/les-ressources/la-propriete-des-terres-agricoles-en-france

[5] Isso foi ainda mais rápido porque a compra de terras por essas empresas permitiu que elas contornassem o controle exercido pelas SAFERs (Sociétés d'aménagement foncier et d'établissement rural) sobre as transações de terras, uma vez que as compras de terras não envolvem mais transações individuais, mas a compra de ações nas quais o valor da terra é diluído entre os outros ativos da empresa.

lucro [6] . Para remediar isso, a concorrência leva os capitalistas a ampliar as fazendas, mecanizar mais e multiplicar os insumos químicos, o que aumenta o problema da lucratividade ao elevar a proporção entre capital fixo e salários.

Essa segunda revolução agrícola não é exclusiva da agricultura dos países desenvolvidos. Características semelhantes podem ser encontradas nos países em desenvolvimento, mesmo que a revolução agrícola ainda esteja confinada principalmente ao setor de exportação. Mas o modelo da fazenda familiar que atende ao mercado doméstico também está começando a ser afetado pela globalização dos mercados.

Nos países desenvolvidos, atualmente coexistem três formas de agricultura:

- **a empresa capitalista** descrita acima (ou "agricultura firme": François Purseigle, Geneviève Nguyen, Pierre Blanc, *Le nouveau capitalisme agricole. De la ferme à la firme.* Presses de Sciences Po, 2017);
- **a** fazenda **familiar**, que permanece, mas não é mais dominante (na França, 30% das fazendas, 28% da produção);
- microempresas (horticultura comercial, criação de gado em pequena escala, produtos orgânicos, canais de distribuição curtos etc.), que não são muito importantes em termos quantitativos, mas são uma fonte de inovação em relação aos alimentos e às preocupações ecológicas das classes médias. Elas geralmente são subsidiadas ou incentivadas localmente.

Três recomposições simbólicas do campo

A segunda revolução agrícola provocou três rupturas simbólicas na representação dos agricultores e do campo:

- ***"Alimentar a população***" era a legitimidade social do campesinato. A primeira revolução agrícola fez disso seu objetivo (PAC na Europa, revolução verde em vários países); a segunda subordina o objetivo de atender às necessidades alimentares à lucratividade do capital.
- ***"A terra pertence àqueles que a trabalham***". A primeira revolução agrícola abalou a antiga "civilização camponesa", mas estabeleceu o modelo de fazenda familiar como o modo de produção dominante; a segunda desvincula a propriedade da terra do trabalho. A terra não pertence mais àqueles que a trabalham. Ela é cada vez menos herdada.
- ***"Os agricultores vivem no campo, os moradores da cidade vivem na cidade***". Atualmente, os agricultores são minoria no campo (7% dos trabalhadores de cidades com menos de 3.000 habitantes são agricultores na França). Os trabalhadores são o maior grupo social. A função residencial do campo (pessoas que trabalham na cidade, aposentados, segundas residências etc.) supera sua função de produção agrícola. Os estilos de vida rural e urbano se tornaram culturalmente semelhantes. Mas o campo é caracterizado por um modo de vida específico que é diferente do da cidade.

A globalização da questão camponesa

A questão camponesa propriamente dita, que diz respeito a milhões de camponeses, está agora sendo colocada em escala global, com a globalização dos mercados agrícolas, por um lado, e perguntas semelhantes sendo feitas às massas camponesas, por outro.

Índia, Brasil, África

Na Índia, movimentos camponeses impressionantes sitiaram cidades, especialmente a capital Nova Délhi, em 2020-2021 e novamente recentemente em fevereiro de 2024, com confrontos violentos com as autoridades (700 camponeses morreram desde 2020). É a principal força de oposição ao regime de Modi. A maioria dos agricultores é pobre: 86% têm fazendas de menos de 2 hectares e 126 milhões

[6] Se **c** é o capital fixo, **v** é o capital na forma de salários e **P** é o lucro, a taxa de lucro **t** é escrita como t = P/(c+v), ou seja $t = \frac{P}{v(\frac{c}{v}+1)}$ a intensificação do capital aumenta c/v e, portanto, reduz a taxa de lucro.

deles possuem fazendas de 0,6 hectares cada. Eles estão altamente endividados e são vítimas da poluição resultante da quimificação da agricultura provocada pela famosa revolução verde de Nehru na década de 1960, especialmente no cultivo de arroz e trigo (Punjab, Haryana). Suas rendas continuam a cair, pois os preços que antes eram garantidos pelo Estado foram entregues ao mercado por Modi e, portanto, ao agronegócio. Ele teve que recuar e reverter a liberalização dos preços do arroz e do trigo, mas os agricultores estão pedindo o retorno dos preços garantidos para todas as culturas e o desligamento da Índia da OMC. Isso está de acordo com as demandas do recente movimento de agricultores na Europa (preços mínimos "garantidos" e desconexão do mercado mundial).

No Brasil, há dois tipos de agricultura: uma capitalista, impulsionada pelo agronegócio, composta por grandes fazendas que empregam pouca mão de obra em relação ao capital investido e voltada para a exportação; a outra é "camponesa", baseada na agricultura familiar e destinada à alimentação da população brasileira. Essa última é predominante em áreas com grande população agrícola, onde nem todos conseguem encontrar terra e onde a terra é subexplorada por grandes proprietários, daí o histórico movimento de ocupação de terras liderado pelo MST (Movimento dos Sem Terra). A agricultura camponesa emprega 14 milhões de pessoas, ou 60% dos trabalhadores agrícolas. Os conflitos pela terra são muito violentos, seja em relação à divisão de territórios entre os dois tipos de agricultura ou ao avanço da "fronteira" da exploração capitalista na Amazônia em detrimento das populações indígenas e dos trabalhadores que estão próximos de uma situação de escravidão. Sob pressão do bolsonarismo e da agroindústria, o MST deixou a ocupação de terras em segundo plano e embarcou na agroecologia por meio de cooperativas que servem produtos de qualidade à classe média urbana.

Na África, a agricultura é predominante. É a principal atividade de 80% da população do continente. A África está pronta para desempenhar um papel importante no suprimento mundial de alimentos, pois possui 60% das terras agrícolas disponíveis no mundo (especialmente na RDC). Como resultado, suas terras são objeto de intensa cobiça imperialista, principalmente por parte da China, da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes, que estão adotando uma política agressiva de compra de terras. Diz-se que a África vendeu 100 bilhões de dólares em terras desde 2000. Como no Brasil, há dois tipos de agricultura, uma voltada para as culturas de exportação (milho, café, cacau, etc.) e outra para a agricultura de pequena escala. Os investimentos dos governos e dos doadores internacionais favoreceram a agricultura moderna. A agricultura camponesa está em uma situação precária, cultivando alimentos que estão expostos aos caprichos do clima e à agitação política. A desnutrição e a fome são generalizadas. Os esforços para superar essa situação são ameaçados pela mudança climática, que está ocorrendo mais rapidamente do que em outros lugares. A questão ecológica é uma questão política fundamental para a agricultura africana.

Na China

No **final da década de 1970, o** regime de Deng Xiao Ping descoletivizou a agricultura, mantendo a propriedade coletiva, mas distribuindo os direitos de uso da terra entre os agricultores. Atualmente, 200 milhões de camponeses trabalham em lotes de, em média, 0,65 hectares. Sua extrema pobreza força os membros da família a irem trabalhar nas cidades. Todos os anos, 15 milhões de habitantes da zona rural deixam o campo, indo e voltando entre a cidade e o campo porque não têm permissão de residência nas cidades. Inicialmente, até o início deste século, a agricultura era negligenciada, servindo como força de trabalho para o rápido crescimento do capitalismo urbano.

O governo chinês foi forçado a mudar sua política para alimentar sua população (20% da população mundial para 9% da terra arável). Inicialmente, ele se baseou na acumulação interna da agricultura chinesa, seguindo uma linha de *"tomar menos, dar mais e liberar iniciativas",* incentivando a rápida concentração de fazendas e o aumento da produtividade por meio da garantia de preços e do subsídio à mecanização e aos insumos. No entanto, a fragmentação das fazendas e a extensão da poluição nas áreas rurais mantiveram os custos altos e limitaram a capacidade de alimentar a população chinesa, cujo consumo estava aumentando drasticamente. **Na década de 2010,** a China embarcou em uma política de importação de produtos e compra agressiva de terras, intermediários comerciais e empresas de processamento agroalimentar no exterior, tudo sob a égide do capitalismo de estado. Milhões de camponeses chineses estão, portanto, competindo com produtos estrangeiros e mantidos fora das mãos do capitalismo agrícola estatal.

Conclusão

Embora a situação dos agricultores seja diferente de um país para outro e de um continente para outro, a questão camponesa gira em torno de quatro questões principais.

1. Acesso dos agricultores à terra.

Apesar do fato de que a penetração do capitalismo no setor agrícola teve o efeito de esvaziar o campo de sua população ao aumentar consideravelmente a produtividade do trabalho, ainda há massas de camponeses pobres que a industrialização urbana não pode absorver de uma só vez, mesmo quando é realizada em um ritmo forçado, como na China. Mas essas massas de camponeses não têm acesso à terra, ou seja, em condições que garantiriam sua sobrevivência em outro tipo de agricultura. Seu acesso à terra não pode ser feito por meio de propriedade individual. O modelo da fazenda familiar de camponeses é coisa do passado; ele só pode ser um trampolim para a invenção de novas formas de propriedade coletiva.

2. Alimentar a população

A alimentação de um país é apresentada como a missão do campesinato e a base de sua legitimidade social. Ao aumentar a produtividade do trabalho na terra muito além do que poderia ser alcançado pela agricultura de subsistência, o capitalismo se vangloria de ser muito mais capaz de cumprir esse objetivo e de lidar com o aumento da população mundial. No entanto, ao destruir a agricultura tradicional, que é a base para alimentar a população, a penetração capitalista da agricultura camponesa pelo modelo do setor de exportação está tornando mais difícil para as pessoas mais pobres se alimentarem. De acordo com o Banco Mundial, a vida de 205 milhões de pessoas em 45 países está em perigo devido à falta de acesso a alimentos. A industrialização da produção também está aumentando a participação de produtos processados no consumo de alimentos, criando problemas de saúde pública em todos os países.

3. A questão ecológica

Tanto a agricultura moderna intensiva quanto a agricultura tradicional que utiliza técnicas rudimentares, bem como os padrões de urbanização, estão destruindo os ecossistemas agrícolas. Somam-se a isso os efeitos crescentes das mudanças climáticas, que ameaçam a agricultura como prioridade.

4. A relação cidade/país

Em alguns países, 60% da população ativa vive em áreas rurais. Mas a urbanização é desenfreada e o êxodo rural é significativo. A zona rural ainda é dominada pela tradição, mas os vilarejos estão sendo transformados por novos métodos de produção agrícola e pela transferência de dinheiro proveniente da emigração. Até mesmo o vilarejo indiano não é mais o que costumava ser. Nos países desenvolvidos, os agricultores se tornaram uma minoria no campo, e uma proporção cada vez maior de seu trabalho consiste em preservar e desenvolver áreas "naturais". Assim como nos países menos desenvolvidos, a nova relação entre a cidade e o campo é um foco de investigação.

•••

[CARTAS DOS LEITORES].

ÉRIC BRUNIER

Gostaria de agradecer a Éric Brunier por suas reflexões, que estimularam as novas considerações do Grupo Comunista *Longues marches* sobre a questão ecológica descrita acima.

Esperamos que esse tipo de intercâmbio se torne mais difundido!

Os dois artigos da edição anterior que tratam da ecologia dão testemunho tanto de sua importância quanto das dificuldades que ela apresenta. Eles também apontaram a posição particular e o aspecto exploratório da ecologia em uma orientação comunista. A tese que sustentam é que o comunismo de hoje é ecológico. O primeiro artigo mostrou claramente o imbróglio dessa questão no pensamento contemporâneo. O segundo, com suas teses, tentou identificar alguns princípios orientadores. Basicamente, eles são bastante simples: precisamos **considerar a Terra como um todo e a humanidade como uma comunidade** (que foi abordada com base na ideia de uma humanidade genérica). Com base na matemática, a ideia seria que o entrelaçamento entre a Terra e a humanidade constitui um mundo. Mas como você não obtém o mesmo resultado (não obtém o mesmo produto) dependendo de ir da Terra para a Humanidade ou vice-versa, será que é realmente o mesmo mundo? Não tenho uma resposta para essa pergunta. Aqui estão alguns pontos para ajudá-los a pensar sobre isso.

Não se trata de situações opostas, de pessoas que vivem em cidades e pessoas que vivem no campo, mas de pensar que **já existem exemplos antigos dessas duas inter-relações na cidade e no campo.** Estou pensando, por exemplo, em loteamentos em cidades, ou em cidades que estão no campo (cidades nos arredores de grandes cidades que "crescem" no campo). Esse último exemplo, que é frequentemente citado pelos problemas de integração de seus habitantes, mostra a lógica antagônica que prevalece em sua construção e desenvolvimento. Lógica capitalista da urbanização, que opõe a cidade contra o campo. No entanto, talvez valha a pena ver como esses loteamentos funcionam (muitas vezes agora reclassificados como loteamentos ou jardins compartilhados), e se a maneira como eles entrelaçam o campo e a cidade é propícia à emancipação, tanto em situações urbanas quanto rurais, em Amiens e Goussainville, por exemplo.

O outro movimento, aquele que integra a Terra à Humanidade, em outras palavras, nos termos do artigo anterior, que transforma as causas externas da Terra em causas internas da Humanidade, é para mim muito mais difícil de entender. Em parte, foi a isso que o primeiro artigo se referiu como o Antropoceno. Além disso, as pequenas indústrias desenvolvidas pelos camponeses nas Comunas Populares podem ser uma evidência dessa preocupação, dessa vez na situação do campo.

O que emerge de tudo isso é que não só há **uma dissimetria** no entrelaçamento entre a humanidade e a Terra, mas que **essa dissimetria é expressa de forma diferente dependendo da** situação ser urbana ou rural. Portanto, esta carta é um convite para tornar uma situação já complexa ainda mais complexa e, acima de tudo, para sugerir que parte da questão ecológica já está presente entre os trabalhadores na forma de hortas.

Além disso, como outros textos da revista (sobre trabalho e arquitetura vernacular) também nos convidam a fazer, a questão da emancipação em relação a essa dialética pode ser considerada do ponto **de vista da noção de trabalho**. J. P. Vernant publicou certa vez um artigo ("*Travail et nature dans la Grèce ancienne*", 1955, reimpresso em *Mythe et pensée chez les Grecs*) que esclarecia a distinção entre duas palavras e dois **conceitos de trabalho,** dependendo do fato de ser criativo ou não. Isso levou a uma diferenciação entre *prattein* (cujo fim está inscrito em si mesmo) e *poiein* (transformação que visa a uma exterioridade). O ponto mais interessante foi a tese de Vernant de que a definição abstrata de trabalho no capitalismo apagou a relação entre produção e uso, que ele descreveu como uma "heterotopia". O que a língua grega estava dizendo era que havia um lugar para uma ideia no trabalho, e que mesmo o trabalho alienado do artesão encontrava sua emancipação no uso que outro fazia do produto. **A ecologia, portanto, rematerializaria o trabalho** (seja da terra ou da indústria) de acordo com seu uso.

●●●

[ANÚNCIOS]

PUBLICAÇÃO: *TOPOS* DE ALAIN BADIOU

https://www.editions-hermann.fr/livre/topos-alain-badiou

Capa traseira

Durante muito tempo, a cópia datilografada da cartilha desenhada à mão por Alain Badiou sobre **a teoria matemática das categorias foi a** única ferramenta de trabalho para o pequeno grupo de pessoas que participavam de seu seminário de sábado de manhã na década de 1990.

Publicado com seu texto complementar Ser-aí *ou Matemática do Transcendental*, *Topos* continua sendo uma fonte essencial de informações sobre uma das sequências mais decisivas e difíceis da carreira filosófica de Alain Badiou.

Esses dois textos complementam sua ontologia previamente estabelecida da teoria dos conjuntos com uma fenomenologia lógica ligada à teoria matemática das categorias.

A teoria dos conjuntos e a teoria das categorias abrem caminhos distintos para todas as questões decisivas relativas ao pensamento do ser (atos de pensamento, formas de imanência, identidade e diferença, escolas de lógica, infinito, unidade ou pluralidade de universos, etc.), estabelecendo diferentes condições para a filosofia.

Por fim, esses dois textos oferecem aos não especialistas uma introdução clara e estimulante a essas áreas cruciais da matemática contemporânea, que devemos ao gênio Alexandre Grothendieck.

•••

ENCONTRO : LIBRAIRIE *TROPIQUES* (PARIS), 4 DE JUNHO, ÀS 19H30

Apresentação da revista *Longues marches*

Longues **MARCHES**
revue communiste

Long **WALKS**
communist magazine

Largas **MARCHAS**
revista comunista

Livraria *Tropiques*

63 Rue Raymond Losserand - 75014. Paris (M° Pernety)

https://www.librairie-tropiques.fr/

LONGAS MARCHAS - Revista trimestral - Design: Sophie Parrain

O custo de produção de uma cópia é de **€ 12**.